

**Universidade do Grande Rio – “Professor José de Souza Herdy”
UNIGRANRIO**

ANA LÚCIA SCHMIDT CASTELO

**O RACISMO ESTRUTURAL NAS CAPAS E MATÉRIAS DA REVISTA VEJA:
Uma Análise Decolonial sobre as Representações de Pessoas Negras**

**Rio de Janeiro
2021**

ANA LÚCIA SCHMIDT CASTELO

**O RACISMO ESTRUTURAL NAS CAPAS E MATÉRIAS DA REVISTA VEJA:
Uma Análise Decolonial sobre as Representações de Pessoas Negras**

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio - “Prof. Jose de Souza Herdy” - como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

Área de concentração:
Organização e Sociedade

Orientadora: Pr^a: Dr^a Denise Franca Barros.

Rio de Janeiro

2021

ANA LÚCIA SCHMIDT CASTELO

**O RACISMO ESTRUTURAL NAS CAPAS E MATÉRIAS DA REVISTA VEJA:
Uma Análise Decolonial sobre as Representações de Pessoas Negras**

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Mestre em Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional.

Aprovada em 10 de agosto de 2021.

Banca Examinadora:



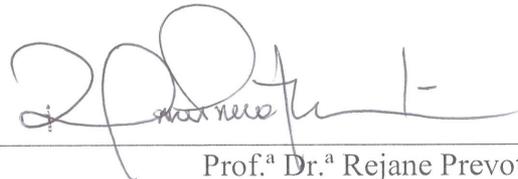
Prof.^a Dr.^a Alessandra Sá Mello da Costa
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC - RJ



Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Diniz
INSAPER



Prof.^a Dr.^a Denise Franca Barros
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof.^a Dr.^a Rejane Prevot Nascimento
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

C349r

Castello, Ana Lúcia Schmidt.

O racismo estrutural nas capas e matérias da revista *Veja*: uma análise decolonial sobre as representações de pessoas negras / Ana Lúcia Schmidt Castello. – Rio de Janeiro, 2021.

181 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Franca Barros”.

Referências: f. 176-181.

1. Administração. 2. Sociologia. 3. Mulheres negras. 4. Racismo estrutural. 5. Decolonialidade. 6. Interseccionalidade. I. Barros, Denise Franca. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 658

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio em todos os sentidos nesta trajetória; peça fundamental para que eu conseguisse concluir este grande projeto.

À professora Denise Barros pelo carinho, respeito, profissionalismo, ouvidos nas horas de lamentações, paciência, bom humor e, acima de tudo, dedicação e amor pela docência. Um exemplo de profissional que consegue conduzir, com muita alegria, seus posicionamentos e nos mostrar os caminhos corretos a seguir. Obrigada por me fazer acreditar mais em mim.

À coordenadora e professora Rejane Prevot, que me fez o convite de participar de um projeto que nunca imaginei ser capaz de realizar, um mestrado, algo tão distante e agora real. Agradeço por sua paciência, dedicação e muitos ensinamentos de vida nos momentos difíceis. Obrigada por toda ajuda e carinho e por ter acreditado em mim, no dia em que entrei no PPGA desta renomada Universidade, cheia de medos e incertezas sobre fazer o mestrado.

À todos os professores do PPGA da Unigranrio que em suas aulas contribuíram com a minha formação em diversos aspectos e em caminhos novos antes nunca percorridos.

À todos os funcionários da Universidade de todos os setores envolvidos com seu funcionamento diário.

À Unigranrio, ao CNPQ, CAPES e ao PROPEP por dar apoio aos meus estudos com suporte financeiro ao longo do curso.

Um agradecimento especial aos amigos que fiz dentro da Universidade e que me ajudaram tanto nesta jornada, seja tirando minhas dúvidas, compartilhando materiais ou oferecendo ajuda. Em especial, à Flora Bittencourt, Daniele Zeferino e Elaine Barbosa da Silva, que foram um grande suporte nesta jornada.

RESUMO

O tipo de representação de pessoas negras como profissionais, em revistas, é um assunto que necessita de atenção e do entendimento das especificidades que cada mídia possui. A mídia de comunicação leva informação às casas através de diversos meios, tais como: a televisão, o jornal, as revistas, o meio digital e o sonoro. Sabendo que, nos dias atuais, a busca por informação acontece de maneira ágil e dinâmica sobre assuntos variados e factuais, a mídia realiza as suas representações elaboradas dentro de ideologias e padrões que podem vir a moldar alguns grupos de indivíduos em determinados espaços sociais. Sendo assim, este estudo se propôs a responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como pessoas negras são representadas nas capas e matérias de capa da revista *Veja*? Para tanto, o seguinte objetivo geral — analisar como pessoas negras são representadas nas capas e matérias de capa da revista *Veja*. Foram utilizados, como aporte teórico metodológico, os inventários de análise do discurso acompanhados da teoria multimodal do discurso de Machin e Mayr (2012). A revista escolhida para a investigação desta pesquisa possuiu como perfil uma categoria de revista de comunicação/informação, com assuntos variados e diversificados sobre atualidades e assuntos factuais. Pela revista possuir assuntos diferenciados, a pesquisa esteve pautada nas capas e nas matérias destas capas. A *Veja* possui uma alta taxa de assinantes, um público voltado as classes A e B — de acordo com os dados fornecidos pela revista — e uma grande tiragem de exemplares, nos dando, assim, suporte para realizá-la em uma revista conceituada e com discurso histórico social nos meios de comunicação. A natureza da pesquisa é qualitativa e a coleta de dados foi realizada no acervo das capas e matérias de capas do acervo digital da revista no campo de buscas disponíveis aos assinantes. Os anos de pesquisa das capas da revista e das matérias de capas são o período de 2009 a 2020 e do nosso levantamento extraímos dados de 638 revistas contendo 2.518 edições. A partir disso, foi possível identificar que as representações sobre pessoas negras nas capas e matérias de capas da revista são direcionadas às questões eurocêntricas e com discursos voltados a uma necessidade de manutenção do racismo de forma estrutural.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Representações. Racismo Estrutural. Decolonialidade.

ABSTRACT

The type of representation of black people as professionals in magazines is a subject that needs attention and an understanding of the specificities that each media has. The communication media brings information to homes through various means, such as: television, newspapers, magazines, digital and sound. Knowing that, nowadays, the search for information happens in an agile and dynamic way on varied and factual subjects, the media carries out its representations elaborated within ideologies and standards that can shape some groups of individuals in certain social spaces. Therefore, this study aimed to answer the following research question: How are black people represented on the covers and cover stories of *Veja* magazine? Therefore, the following general objective — to analyze how black people are represented on the covers and cover stories of *Veja* magazine. As a theoretical methodological support, the discourse analysis inventories accompanied by the multimodal discourse theory of Machin and Mayr (2012) were used. The magazine chosen for the investigation of this research had as its profile a category of communication/information magazine, with varied and diversified subjects on current affairs and factual matters. Because the magazine has different subjects, the research was based on the covers and articles on these covers. *Veja* has a high rate of subscribers, an audience aimed at classes A and B — according to the data provided by the magazine — and a large number of copies, thus giving us support to carry it out in a reputable magazine with social historical discourse in the media. The nature of the research is qualitative and data collection was carried out in the collection of covers and cover stories of the magazine's digital collection in the search field available to subscribers. The years of research for the magazine's covers and cover stories are the period from 2009 to 2020 and from our survey we extracted data from 638 magazines containing 2,518 issues. From this, it was possible to identify that the representations about black people on the covers and cover stories of the magazine are directed to Eurocentric issues and with discourses aimed at a need to maintain racism in a structural way.

Keywords: Intersectionality. Representations. Structural Racism. Decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Modelo conceitual do referencial teórico.....	35
Figura 2 - Relação quantitativa de pessoas não brancas na capa da revista Veja.....	57
Figura 3 - Barack Obama na Veja	60
Figura 4 - Menino índio na Veja.....	61
Figura 5 - Robinho na Veja	62
Figura 6 - Barack Obama na Veja.	63
Figura 7 - Menino resgatado no Haiti na Veja	65
Figura 8 - Marina Silva na Veja.	66
Figura 9 – Luís Fabiano na Veja.....	67
Figura 10 - Goleiro Bruno na Veja	68
Figura 11 - Marina Silva na Veja.....	70
Figura 12 - Fernandinho Beira Mar na Veja	71
Figura 13 - Barack Obama na Veja	72
Figura 14 - Welington Menezes de Oliveira na Veja	73
Figura 15 - Neymar na Veja	74
Figura 16 - Barack Obama na Veja	75
Figura 17 - Anderson Silva na Veja.....	76
Figura 18 - Joaquim Barbosa na Veja.....	77
Figura 19 - Barack Obama na Veja	78
Figura 20 - Hugo Chávez na Veja	79
Figura 21 - Barack Obama na Veja	80
Figura 22 - Caetano, Gil, Chico e Roberto na Veja.....	81
Figura 23 - Nelson Mandela na Veja	82
Figura 24 - Ana Clara, a 411ª vítima na Veja.....	83
Figura 25 - Neymar e Deyvid na Veja	84
Figura 26 - Adolescente de 15 anos na Veja	86
Figura 27 - Daniel Alves na Veja	87
Figura 28 - Neymar na Veja	88
Figura 29 - Thiago Silva na Veja.....	89
Figura 30 - Joaquim Barbosa na Veja.....	90
Figura 31 - Neymar na Veja	91
Figura 32 - Marina Silva na Veja	92
Figura 33 - Marina Silva, Aécio Neves e Dilma Rousseff na Veja.....	93

Figura 34 - Marina Silva na Veja	94
Figura 35 - Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva na Veja	95
Figura 36 - Marina Silva e Aécio Neves na Veja	96
Figura 37 - 4 meninos na Veja.....	97
Figura 38 - Filme Star Wars na Veja	98
Figura 39 – Usain Bolt na Veja	99
Figura 40 - Thais Araújo e Lázaro Ramos na Veja	100
Figura 41 - Alexandra Loras, ex - consulesa da França na Veja	101
Figura 42 - Neymar e Temer na Veja	103
Figura 43 - Caricatura de diversas pessoas na Veja.....	104
Figura 44 - Escrava na Bahia, 1860 na Veja.	105
Figura 45 - Desenho do muralista Kobra na Veja	107
Figura 46 - Fernanda Nascimento na Veja.....	108
Figura 47 - Marielle Franco na Veja.....	109
Figura 48 - Marina Silva na Veja	110
Figura 49 - Neymar, Gabriel Jesus e Tite na Veja.....	111
Figura 50 - Neymar na Veja	112
Figura 51 - Marielle Franco na Veja.....	113
Figura 52 - Moacyr Silva Junior, médico na Veja.....	114
Figura 53 - 20 brasileiros notórios na Veja	115

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Levantamento das edições do acervo Veja.	44
Quadro 2 - Edições que divergem da matéria de capa.	50
Quadro 3 - Edições com imagens de pessoas negras e matéria sobre racismo	51
Quadro 4 -Edições com jogadores de futebol e crimes.....	52
Quadro 5 - Edições relacionadas à Política com mais homens que mulheres.....	53
Quadro 6 - Edições com mulheres negras na política e pessoas brancas	54
Quadro 7 - Representações de pessoas negras no esporte.....	55
Quadro 8 - Representações de crimes e vítimas entre homens, mulheres, meninos e meninas.....	56
Quadro 9 - Representações de pessoas negras e mulheres negras profissionais pelo tema	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA	15
1.1.1 Objetivo Geral.....	15
1.1.2 Objetivos específicos.....	15
1.1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	15
1.1.4 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA	17
1.1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O RACISMO NO BRASIL.....	20
2.1.2 Racismo Estrutural	23
2.1.3 Giro decolonial e pós colonialidade	26
2.1.4 Interseccionalidade: intersecção entre gênero, raça e classe	30
2. 1. 5 ENCERRAMENTO DO REFERENCIAL TEÓRICO	34
3 METODOLOGIA	36
3.1 PERCURSO E ABORDAGEM METODOLÓGICOS.....	36
3.2 O MÉTODO OPERACIONAL	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
4.1 UM BREVE HISTÓRICO DA REVISTA VEJA	46
4.1.1 Identificando os componentes para análise	50
4.1.2 Panorama geral do corpus.....	57
4.1.3 Análises do protocolo de Machin e Mayr.....	59
4.1.4 O racismo estrutural na revista Veja	116
4.1.5 A interseccionalidade como forma de representação de pessoas negras e mulheres negras profissionais na revista Veja.....	129
4.1.6 A colonialidade na revista Veja	152
4.1.7 Discussão dos resultados à luz da literatura	168
5 CONCLUSÃO	173
REFERÊNCIAS	176

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que será apresentada começou a ganhar corpo em 2019, ano em que foram iniciados os estudos centrados nas discussões sobre decolonialidade no programa de Mestrado em Administração da Unigranrio. Nessas pesquisas, de modo mais amplo, buscou-se compreender os motivos dos estudos decoloniais não estarem caracterizados como construção e conhecimento de aprendizagem no entendimento da história do Brasil, na escravidão, no racismo e nos diversos pensadores decoloniais que não são encontrados ou citados em currículos acadêmicos. Para tanto, o foco foi direcionado na visão para o modo como o racismo pode ser observado nas formas de representação e nos discursos atribuídos às pessoas negras em revistas sobre atualidades e assuntos factuais. Nessa situação, chamou a atenção uma forma recorrente de representação e de discurso: em alguns casos, tais representações ocorriam com pessoas negras vinculadas a pessoas brancas — mulheres negras em menor medida que os homens —, mulheres negras e homens negros suprimidos nas capas da revista e discursos direcionados a características e traços específicos de pessoas negras como sua cor, tipo físico e origem (ALMEIDA, 2019).

O interesse em investigar com mais profundidade as representações atribuídas às pessoas negras de forma decolonial levou a identificar questões atribuídas ao racismo estrutural, interseccionalidade, feminismo negro e decolonialidade. A questão da decolonialidade, como aborda Mignolo (2005), e será melhor apresentada no referencial teórico, pode ser entendida como uma forma de desnaturalizar os conceitos existentes de que literaturas e culturas eurocêntricas são mais importantes e devem ser consideradas como universais; e de que existe apenas uma condição ideal para explicar as histórias sobre vencedores como colonizadores e perdedores como colonizados. Essas afirmativas, na verdade, escondem a verdadeira noção do que foi a colonização realizada por países europeus na América Latina e descaracterizam a compreensão de que para serem atualmente considerados como países modelos e modernizados, foram necessários o uso da força e o extermínio de raças que não eram consideradas europeias (QUIJANO, 2005).

Em contrapartida, identificou-se junto à proposta de decolonialidade fatores que são interligados ao racismo, à interseccionalidade e às diferenças entre pessoas brancas e pessoas negras caracterizadoras de uma visão do racismo estrutural que, conforme aborda Almeida

(2019), é entendido como uma permissão de utilização de estereótipos e naturalizações referentes ao tratamento de pessoas negras.

Nesse cenário, de forma a compreender melhor a contextualização do tema, o que se busca através deste estudo é verificar como pessoas negras são representadas em revistas sobre atualidades e assuntos factuais. Pensando em seu desenvolvimento, o estudo estará voltado para a análise das imagens de capa e dos discursos da matéria de capa da revista *Veja*. Conforme dito por Fairclough (2001), existem algumas implicações quando se assume em veicular determinadas “verdades” e, com isso, a revista vai exercendo um caráter ideológico contribuindo para a construção de sistemas de crenças e posições de sujeitos — e isso pode ser observado no controle e na reprodução social. Essas informações, muitas vezes, aparecem como a verdade sobre os fatos que são apresentados.

A opção pela *Veja* se deu pelo enfoque midiático utilizado pela revista e pelo espaço e privilégio que possui na sociedade atual. Além disso, de acordo com Fairclough (2001), a mídia possui a função de levar seus discursos a um grande espaço da sociedade, sendo eles políticos, culturais e sociais. Nesse sentido, Moraes (2008) argumenta que a mídia faz uma forte atuação no gerenciamento da vida social, realizando efeitos de divisão e desigualdades entre determinados grupos existentes.

De acordo com o site da Editora Abril (2020), a revista *Veja* possui a característica de divulgar assuntos diversificados sobre atualidades, um perfil histórico moldado na década de 50 com os famosos “anos dourados”, e centenas de transições e mudanças do perfil da sociedade. Portanto, a *Veja* está inserida num período de importantes conflitos políticos — como a Guerra Fria, Ditadura “os anos de chumbo” — e de avanços tecnológicos, comunicacionais e científicos (EDITORA ABRIL, 2020). Esse contexto de inserção da revista, como citado pela Editora Abril (2020), corrobora com a data de seu lançamento em 1968 no auge da ditadura militar, e com determinados perfis e representações. De acordo com Fisher (2001), foi como participar ativamente da construção das subjetividades contemporâneas apresentando uma forma de ser, de se comportar e de fazer circular ideologias em forma de valores nas capas e nas matérias que a compõem.

No site da Editora Abril (2020) identificou-se que a sua composição, tiragem e assinantes acontece em grandes números, com circulações contendo uma periodicidade semanal de 557.314 exemplares — contando com as assinaturas digitais — e com uma tiragem superior a um milhão de cópias. A revista libera a seus assinantes todo o acervo com 50 décadas

disponibilizadas por meio digital e possui uma média de 32% dos leitores pertencentes à classe A e 37% à classe B, de acordo com os dados pesquisados pela Editora Abril (2020).

A revista, de acordo com Wood Jr e Paes de Paula (2002), possui assuntos sobre práticas do saber político entre outros temas cotidianos que não são facultados a qualquer perfil dentro de um determinado grupo social. Em relação a determinados grupos sociais, pode-se observar que, na década de 70, conforme abordam Alvesson e Deetz (1998) e Lewis (2014), estudos sobre determinados grupos e questões relativas do gênero eram deficitários e necessitavam de uma maior atenção. A produção científica acerca dessa temática só obteve seus avanços na década de 90 e, para tais autores, estas percepções só vieram com os trabalhos sobre gênero e suas diferenças em determinados espaços sociais. Porém, os trabalhos sobre gênero daquela época, de acordo com Hirata (2014), possuíam como formação idealizadora a detenção de poder pelos homens e uma percepção da dominação dos homens e da masculinidade dentro de determinados grupos e setores sociais. Além disso, a identificação de pessoas negras como aborda Akotirene (2019), é algo que carrega um certo grau de dificuldade na década de 70, e que nos dias atuais carregam valores internalizados de diferentes momentos, reforçando racismo estrutural.

O racismo estrutural pode ser identificado, de acordo com Almeida (2019), como um mecanismo de práticas em conjunto nos setores institucionais, históricos e interpessoais dentro da sociedade que, frequentemente, coloca um determinado grupo social e étnico em uma posição melhor para ter sucesso e, ao mesmo tempo, prejudica os outros grupos de modo consistente e constante, causando diferenças que se desenvolvem ao longo do tempo. É possível notar por meio da divulgação de matérias nos principais meios de comunicação — tais como rádio, televisão, jornais e revistas — a divulgação de temáticas que inserem pessoas negras no cerne de um debate que, muitas vezes, parece naturalizado na sociedade. Alguns exemplos como os de Willian Green, homem negro que levou seis tiros enquanto estava algemado nos EUA, o caso de George Floyd, homem negro que foi assassinado por asfixia por um policial branco também nos EUA; e no Brasil o caso Marielle Franco, mulher negra que teve seu carro alvejado por três tiros, assassinando a vereadora e seu motorista Anderson Gomes em pleno bairro do Estácio no Rio de Janeiro. Essas notícias trazem à tona o debate que Ramos (2006) aborda como as duas visões sobre o negro. Uma é sobre o tema do negro, onde o mesmo vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira; e a outra é sobre a vida do negro, com outras realidades que não são contempladas nas pesquisas e estudos sobre pessoas negras.

Mediante ao que foi exposto, esse estudo parte da seguinte pergunta de pesquisa: **Como pessoas negras são representadas nas capas e matérias da revista Veja?**

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como pessoas negras são representadas nas capas e matérias de capa da revista Veja.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os seguintes objetivos específicos correspondem a:

- ✓ Descrever as características, momento histórico e político da revista e identificar quais tipos de abordagens são atribuídos às pessoas negras;
- ✓ Analisar as capas e matérias de capa e verificar quais elementos são utilizados na identificação de pessoas negras;
- ✓ Interpretar à partir das análises realizadas nas imagens de capa e na matéria de capa pelo acervo da revista *Veja on line*, quais as representações empregadas às pessoas negras.

1.1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Na academia, são numerosos os estudos sobre gênero, raça, racismo estrutural e decolonialidade. É possível encontrar trabalhos sobre gênero nas áreas de Psicologia, Arte, Moda, Medicina, Letras, Comunicação, Antropologia, Administração, Educação e Marketing. Os artigos encontrados fizeram alusão ao universo de representações de pessoas negras nas capas e nas matérias de capas em revistas diversas. No entanto, as representações estavam

voltadas para comparativos de salário, cabelos, diferenças entre cargos dentro das empresas ocupados por homens e mulheres negros, por exemplo.

Identificou-se, na área da Administração, o trabalho de Sibeles Gomes de Santana Faria do ano de 2011, que realiza um estudo longitudinal das representações dos afrodescendentes em propagandas impressas de revistas sobre mídia de negócios de 1980-2010. Esse trabalho possuiu uma direção em representações de homens e mulheres negros em propagandas impressas.

Mediante a esta busca sistematizada por artigos e trabalhos sobre a temática, foi possível encontrar uma pesquisa com conteúdo relevante a essa proposta. O trabalho de dissertação de Ana Paula Rodrigues Diniz “Mulheres gerenciáveis? Uma análise dos discursos sobre mulheres na revista Exame”, de 2012, que possui menção aos conteúdos aplicados nesta pesquisa e relaciona-se com a proposta desse estudo. A autora utiliza-se de uma revista que tem como categoria de assuntos a mídia de negócios e, com isso, identificou-se que a diferença deste trabalho, além da revista abordada, está no assunto gênero sem falar sobre raça — e também a diferença entre as revistas, sendo a revista *Veja*, com assuntos sobre atualidades/diversidades e factuais.

Conforme dito anteriormente, foram realizadas buscas em diversas áreas acadêmicas, identificando, com isso, uma interdisciplinaridade sobre os assuntos; porém, o referencial teórico também compreendeu uma análise sistematizada nas bases de dados de Administração, tais como SPELL, SCIELO e CAPES com base nos materiais publicados em livros, periódicos, artigos, teses, dissertações e redes eletrônicas.

A delimitação temporal partiu da investigação das capas da *Veja* e das matérias que estão vinculadas a estas capas dos anos de 2009 a 2020 —11 anos — disponíveis no seu acervo digital. Atualmente, são disponibilizados 50 décadas de acervo da revista e as revistas pesquisadas são unificadas para todos os estados. A escolha deste ponto de partida deu-se pelo motivo da revista ser uma publicação semanal, todas às quartas feiras, contendo muitos exemplares disponíveis. Tornou-se, desta forma, inviável a pesquisa em todo o acervo em virtude de tempo hábil de construção e conclusão desta pesquisa.

Nos assuntos sobre decolonialidade, foram utilizados autores que possuem notoriedade e relevante contribuição para a área dos estudos decoloniais (SPIVAK, 1995:2010; MIGNOLO, 2005; BALLESTRIN, 2013; GROSGOUEL, 2010; QUIJANO, 2005). Ainda nesta base decolonial, vale destacar que alguns dos autores citados acima são considerados pós coloniais, mas serão citados no referencial teórico pelo motivo da breve apresentação pós colonial que se

faz necessária nesse estudo. O tema racismo estrutural é utilizado nas pesquisas sobre decolonialidade expondo as noções naturalizadas, internalizadas e até permitidas em nossa sociedade, na forma do tratamento de pessoas negras. Além disso, também demonstra a percepção de uma identificação da interseccionalidade em autores como (ALMEIDA, 2019; KILOMBA, 2019; AKOTIRENE, 2019; CARNEIRO, 2011; RAMOS, 2006; GONZALEZ, 1998).

Assim como essa pesquisa aborda questões de raça e decolonialidade, foram abordadas questões de gênero pela observação de representações de pessoas negras. Utilizou-se autores que abordem as questões de gênero e relações de trabalho como (SCOTT, 1999; HIRATA; KERGOAT, 1993, GAULEJAC, 2007; CUNLIFFE, 2014; CÁLLAS; SMIRCICH, 2012).

Portanto, a pesquisa investiga quais são as representações de pessoas negras, utilizando os protocolos de análise crítica do discurso multimodal de Machin e Mayr (2012), assim como alguns apontamentos de Fairclough (2001) referentes aos discursos apresentados na revista.

1.1.4 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA

Ainda que o Brasil possuísse uma grande quantidade populacional negra, identificou-se que, dentro da sociedade, de acordo com Almeida (2019), o racismo estrutural está inserido nas instituições, nos partidos políticos, nas burocracias do Estado e nos demais serviços públicos nas instituições. Ramos (2006) já perguntava que não tendo o negro brasileiro cultura, religião, território, língua ou aspectos diferenciais da vida social, qual seria o fator que condicionaria sua existência social como grupo étnico e/ou racial no Brasil? Esta questão responde-se como a condição "étnica" do negro brasileiro derivaria de sua pertença a um grupo socialmente construído que, embora majoritário no país, possuiria uma identidade social dada pelo "Eu", no caso, o "branco" (RAMOS, 2006).

Atrelado a isso, são percebidos, nos inúmeros casos de racismo estrutural escondidos formatos de agressões; perseguições pela tonalidade de pele; mortes violentas; estatísticas de fraudes em concursos e universidades que contém sistema de cotas para negros, indígenas e demais grupos a contribuição de acesso para alguns deles e a dificuldade para outros, gerando tais diferenças sociais.

Carneiro (2011) explica que situações de racismo e discriminação — estas variáveis são independentes e explicativas das desigualdades sociais — tornam-se mais expostas pelo fato de as demandas da população negra serem diferenciadas das demandas de uma população branca, que possui o privilégio de existir em determinadas camadas que não são acessíveis aos negros.

De acordo com o portal Geledés (2020), duas das mais comuns e injustas desigualdades estão relacionadas com o gênero, onde as mulheres estão em desvantagem em comparação aos homens em diversos aspectos da vida em todos os países. Em relação à raça, onde os negros, por inúmeras gerações, estiveram na condição de escravos ou foram segregados e discriminados na forma de “apartheid” — como aconteceu no Brasil, nos EUA e na África do Sul (GELEDÉS, 2020) — e no mercado de trabalho não poderia ser diferente a existência desta desigualdade em alguns quesitos. Segundo o site Geledés (2020), apesar do Brasil vangloriar-se tanto de sua Constituição Cidadã de 1988, ao estabelecer direitos e garantias para as pessoas, principalmente quanto ao trabalho, os legisladores — a grande maioria homens e brancos — simplesmente deixaram de fora da cobertura constitucional a figura do trabalho doméstico, sendo a maioria deste contingente constituído por mulheres e negras. Além disso, podem ser observadas nas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017 que 39,8% de mulheres negras compõem o grupo submetido a condições precárias de trabalho, enquanto homens negros abrangem 31,6%, mulheres brancas 26,9% e homens brancos 20,6% do total. Esta questão, de acordo com Almeida (2019), apresenta um outro tipo de racismo, o chamado racismo institucional, e que, na visão do autor, “apresenta as desigualdades que se baseiam em raça e que podem ocorrer em instituições como órgãos públicos governamentais, corporações empresariais privadas e universidades (públicas ou particulares)” (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Portanto, essa pesquisa possui grande relevância para a literatura da administração, para pessoas negras, para a imprensa, para mulheres negras, para o feminismo negro e diversas formações de políticas públicas e acadêmicas que realizem estudos sobre pessoas negras.

1.1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Esse trabalho está organizado em cinco capítulos e, após a introdução, o capítulo 2 constará do referencial teórico, contendo uma contextualização das informações sobre pós colonialismo, colonialidade, decolonialidade; assim como um breve histórico sobre o racismo no Brasil, racismo estrutural, gênero e feminismo negro. O capítulo 3 será composto da

metodologia, onde serão apresentadas as técnicas de pesquisa, o instrumento de pesquisa, a coleta de dados, o período de pesquisa e o tipo de estudo utilizado. O capítulo 4 consiste nas análises, resultados e discussões. Finalmente, no capítulo 5, apresentam-se as conclusões deste estudo e as sugestões de utilização desta pesquisa para estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico será composto por um breve histórico sobre racismo, racismo estrutural, pós decolonialidade, colonialidade e decolonialidade. Serão apresentadas as abordagens sobre interseccionalidade que relacionadas às questões de gênero, raça e classe que darão suporte para futuras análises e discussões sobre as representações de pessoas negras e mulheres negras profissionais na revista Veja.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O RACISMO NO BRASIL

Sueli Carneiro (2011) destaca há quem pense que o Brasil, devido ao processo de escravidão, ainda vive um período de evolução com relação ao reconhecimento do negro na sociedade e está vivendo num mundo diferente do que ele realmente é. De acordo com a autora, essa categoria de pensamento é de tolerância com as misérias:

É achar que mais de um século é tempo insuficiente para promover a verdadeira inclusão social dos negros e para promover uma verdadeira democracia social. Isso é ser tolerante com a nossa miséria cultural, é ser antiético, inclusive, na percepção do fenômeno social brasileiro [...] (CARNEIRO, 2011; PORTAL GELEDES, 2020).

Carneiro (2011) diz que a forma “covarde, sutil, mentirosa e hipócrita” de lidar com o racismo no Brasil paralisa qualquer possibilidade de se avançar em políticas integradoras da comunidade negra na sociedade. De acordo com Kilomba (2019) o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada e que sangra até os dias atuais. Dentro dessa infeliz dinâmica, o negro torna-se o “Outro” numa relação ao qual o “eu” do branco prevalece em suas relações (FANON, 1967).

Almeida (2019) chama o calar do negro uma réplica de opressões sobre um sujeito oprimido devido às estruturas impostas e sofridas por uma vida inteira. Ou seja, tem-se um racismo muito bem estruturado dentro da sociedade. Como exemplos desta categoria de racismo há os processos seletivos que privilegiam brancos, perseguições em locais de comércio, estereótipos de funções por cor, representações estereotipadas e estruturas, percebendo o negro apenas em serviços precarizados e sem uso de cognição (ALMEIDA, 2019). De acordo com

Kilomba (2019) o racismo é uma realidade violenta e por séculos tem sido mantido pela sua fundamental contribuição eurocêntrica e seus projetos de escravização e colonização pela nossa raça. Além disso, Ortegal (2018) possui um olhar mais apurado sobre as relações de estudo da história brasileira. Para o autor, somos capazes de evidenciar o quanto estas relações entre europeus, indígenas e africanos foram diferenciadas pela raça. Em alguns momentos, a relação era baseada por argumentos espirituais, em outros momentos por argumentos médicos e biológicos, e também pelo senso do olhar do senhor europeu que identificava e classificava negros e indígenas de forma racializada (ORTEGAL, 2018). A visão de Ortegal (2018) reflete nos apontamentos que Kilomba (2019) faz sobre o racismo como uma fonte de duas formas simultâneas, onde a primeira forma é a construção da diferença por sua raça e a segunda forma é a questão de hierarquização e naturalização do racismo como normalidade. Esta normalidade do racismo pode ser vista através de pessoas de seu próprio meio social e tais processos são intrincados pelo poder histórico, político, social e econômico que é recebido ao longo dos anos. Há uma narrativa romantizada e pacificada da convivência entre brancos e negros, narrada principalmente por Gilberto Freyre ([1933] 1998), que permite perceber a visão dos demais acerca dos negros. Este palco romântico da democracia racial e da sublimação das diferenças passa a ideia de que raça e racismo seriam dois componentes fundantes e fundamentais das desigualdades e violências da nova sociedade. Mediante a isso, passou a ter lugar as explicações de caráter liberal fundamentado nas competências e nos méritos individuais, por exemplo, no caráter e classe que se estabelecia por algum outro mérito individual e na divisão daquilo que seria ou não escravizado de acordo com sua raça. O capitalismo, no século XIX, causado pela Revolução Industrial e pela nova organização e divisão do trabalho, para Ortegal (2018), foram determinantes para a demanda racial coincidindo com o aumento do trabalho somente para algumas raças eurocêntricas. Por ser algo vantajoso, o Brasil foi considerado o país a realizar mais tardiamente, em 1888, a abolição da escravatura. Essa demora se explica pela questão de a escravidão ser algo ainda vantajoso para os senhores que possuíam seus escravos. Era importante a manutenção de escravos para ganhos de lucros da mão de obra. As relações entre dominados e dominantes no modo abolicionista foi atravessada por lutas sociais do povo negro ou por concepções ideológicas abolicionistas e também pelas transformações econômicas em curso. Além disso, conforme aborda Ortegal, 2018, a própria Inglaterra, antes um dos principais países no processo de reprodução do trabalho escravo, passou a coibi-lo de forma incisiva, com o objetivo de consolidar o novo sistema econômico e social do qual era protagonista. Nesse processo de transição do regime escravista para o capitalista, a mão de obra escravizada passa

a ser substituída pelo trabalho livre e assalariado. No entanto, isso não significa que o trabalhador escravo possui a sua absolvição e fora incluso como assalariado nesta nova regra de trabalho (ORTEGAL, 2018). Num sentido contrário, estudos como o de Santos (1977) demonstram a intensificação da importação de mão de obra de países europeus com vistas a substituir os trabalhadores negros movidos pela ideologia racista do sucessivo branqueamento da população brasileira, dando ênfase aos seus trabalhadores brancos e extinguindo a mão de obra negra. É nesse contexto que se forma, no Brasil, as classes sociais capitalistas (SANTOS, 1977). Numa situação de enfraquecimento progressivo do regime escravista em que se viam as elites econômicas e políticas do país, havia um impasse em relação a quem seria o tipo ideal de ocupante dos postos de trabalho do novo modelo econômico. De acordo com Santos (1977), é esse episódio demonstra as mesmas ideias racistas que atribuem superioridade e inferioridade a diferentes indivíduos por origem e fenótipo.

Ortegal (2018) nos ajuda a perceber como a história do Brasil é saturada de elementos que marcam sua constituição e como as relações de dependência em relação aos países capitalistas centrais — os países colonizadores — operam tanto fora como dentro do território; bem como na centralidade da diáspora no processo de construção do país (AKOTIRENE, 2019). O que Akotirene (2019) utiliza como diáspora seria um espaço global, uma teia de abrangência mundial, que se deve tanto pelo continente original quanto por qualquer lugar no mundo em que seus “filhos possam ter sido levados pelas infortunas forças da história” (Akotirene, 2019, p,30).

Discussões sobre a questão da escravidão foram ganhando cada vez mais ênfase ao longo do tempo. Segundo Kilomba (2019), a escravidão pode ter durado por mais de três séculos. Durante esse período, a desvalorização do negro a partir de suas características físicas e de sua cultura era utilizada como justificativa da dominação branca. Nesse momento, a inferioridade do negro era algo incontestável e o racismo produzido de forma explícita em razão das normas sociais da época. Kilomba (2019) compreende o racismo como: “Uma teia de projeções que a pessoa branca tornou tabu. Enquanto a pessoa negra é intimidante ela é desejável” (Kilomba, 2019, p. 79). Portanto, para Kilomba (2019), o racismo é perceber o negro de diversas formas, tais como infantilizado, primitivo, incivilizado, animalizado e erotizado. Além disso, Kilomba (2019) argumenta que estas características fazem parte de um evento discreto dentro da sociedade. São relatos de um olhar dentro de um comércio, de uma troca de calçada ou de lugar ao atravessar a rua e de servidão em locais de pessoas brancas. Com a Proclamação da República no Brasil, em 1889, veio com ela uma nova constituição que, apesar

de garantir a liberdade da população negra, não assegurou seus direitos de forma a não oferecer reais ganhos materiais ou simbólicos a essa parcela da população. Manteve-se, assim, o “*status quo* da branquitude” e a marginalização do negro (Rocha 2016). De acordo com Rocha (2016), atualmente, no Brasil, vemos casos de pessoas negando parentescos com índios e negros e afirmando sua aproximação com países colonizadores na esperança da crença de uma superioridade do europeu. Obtendo um tom de pele mais clara, os locais de acesso ficam mais fáceis.

No Brasil, percebemos uma situação que, de acordo com Almeida (2019), ilustra a noção do que se entende por raça.

Como classificação dos seres humanos é uma noção construída pela modernidade quando o homem se torna objeto científico da Biologia e da Física. Essas duas grandes áreas constroem uma explicação que a partir das características biológicas e geográficas das pessoas, definem-se as capacidades intelectuais, morais e psicológicas existentes entre as diferentes raças (ALMEIDA, 2019, p.30).

O Brasil ainda privilegia características que determinam poder, hierarquia e as potencialidades do indivíduo. Na maioria das vezes, tais potencialidades estão em pessoas brancas com relação a locais de acesso às melhores posições na sociedade.

2.1.2 RACISMO ESTRUTURAL

Observa-se, no tópico anterior, que o racismo atinge uma grande parte da população negra em diversos aspectos na sociedade. No entanto, deixou uma marca bem maior em termos de herança escravocrata, como o racismo estrutural.

O racismo estrutural, para Almeida (2019), é efetivado através da discriminação racial estruturada, constituindo-se como um processo pelo qual as circunstâncias de privilégios se difundem entre os grupos raciais e se manifestam pelos espaços econômicos, políticos e institucionais. Nesse sentido, racismo também superlativa os gêneros através de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternizados. Institui, para os gêneros hegemônicos, padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. É possível observar, como um exemplo disso, o que Carneiro (2003) aborda como a recorrência abusiva da inflação de mulheres loiras, ou da “loirização”, na televisão brasileira.

Um debate que fica em aberto na questão do racismo estrutural é que ele se relaciona muito bem na sociedade pela necessidade de enquadrar os negros em seus devidos locais e nunca como pessoas humanizadas e pertencentes a essa sociedade. Isso ocorre pois, de acordo com Almeida (2019), até 1888, os negros eram “trabalhadores” escravizados mas trabalhavam, portanto, os estereótipos, ao identificar os negros como preguiçosos e que não gostavam de trabalhar, começou a se formar na mentalidade de países colonizadores que puxavam ao máximo o seu trabalho de forma violenta e punitiva, atribuindo um local de subserviência e submissão.

Relacionando tais estruturas, tem-se o racismo em suas formas mais variantes, como: o racismo individual, institucional e estrutural. Para Almeida (2019), a concepção individual do racismo é considerada mediante uma ideia de “patologia” de cunho individual ou coletivo atribuído a determinadas pessoas. Ele ocorre por meio da discriminação racial considerada como uma concepção frágil e limitada, tendo em vista suas análises ausentes de contextos históricos e reflexões sobre os reais efeitos para a sociedade.

A concepção institucional de racismo é considerada por Almeida (2019) uma forma de atuação na vida de pessoas negras em diversos setores e instituições devido a escravidão a partir do final do século 19 até os dias de hoje. Uma marca permanente e sem uma legislação eficiente fez com que alguns setores dentro da sociedade, as instituições, criassem leis que impedissem os negros de estudar, por exemplo. A lei do ato do Império, de 1824, alegava que os negros eram selvagens, doentes e incapacitados de estudar. Algo que prejudicou demais a população negra foi em 1850, a lei de terras, que também os proibia de comprar qualquer tipo de terra, dificultando, assim, o seu acesso a um bem básico. De acordo com Carneiro (2003), quando se eleva em termos de anos, identifica-se a lei Áurea em 1888 e a Proclamação da República em 1889 que libertou os escravos, mas não resolveu o seus reais problemas sociais. Nos dias atuais, observa-se que esta herança ainda se instaura nas instituições. De acordo com Almeida:

O racismo institucional diz respeito aos efeitos causados pelos modos de funcionamento das instituições que concede privilégios a determinados grupos de acordo com a raça. As instituições estabelecem e regulamentam as normas e os padrões que devem conduzir as práticas dos sujeitos, conformando seus comportamentos, seus modos de pensar, suas concepções e preferências. Com base nessa ideia, “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Essas relações de poder mantêm um determinado grupo acima dos demais em interesses sociais, políticos, culturais e econômicos.

Almeida (2019) situa o racismo estrutural como ligado ao institucional que determina suas regras a partir de uma ordem estabelecida em determinada sociedade e grupo. A partir disso, é possível citar fatores culturais e aceitáveis:

Isso significa que o racismo é uma decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça. Almeida enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática (ALMEIDA, 2019, p.38).

Kilomba (2019) traz a noção de que o racismo estrutural acaba sendo algo normalizado e que concebe princípios discriminatórios de raça como algo que deve ser feito para manter um determinado mecanismo na sociedade. Gonzalez (2020) contribui com o pensamento do racismo estrutural por alguns pontos que ela considera como importantes na sua construção. O primeiro faz parte do patriarcado, onde homens brancos foram criados por mulheres negras e, desta forma, a autora busca explicar numa forma psicológica a neurose da sociedade brasileira em termos das figuras que cuidaram de homens brancos, ou seja: negros são cuidado e higiene. A segunda faz parte da estrutura social e política que não permite que negros ocupem qualquer categoria de lugar que seja diferenciado ao que se tem de um ideal de padrão idealizado. No inconsciente social, as figuras de poder estão centradas em homens brancos, herança de uma sociedade escravocrata e, segundo Ribeiro (2019), esta neurose cultural aparece de forma estrutural com a falta de acesso dos negros a escola, a empregos, e a toda estrutura de relações sociais.

Sabemos que o Brasil, de acordo com Araújo (1999), foi o último país a abdicar da escravidão, mais precisamente em 1888. Mesmo livres, de acordo com o IBGE (2017), há um milhão de pessoas negras inseridas no território nacional sem algum suporte ou oportunidade em setores estratégicos. Por conta desta herança histórica vinda de centenas de anos de escravidão nasce o racismo estrutural. De acordo com Araújo (1999), o racismo estrutural se comporta de forma consciente ou não como um conjunto de hábitos, situações ou falas embutidas em meio aos costumes. É possível perceber situações sociais cotidianas que promovam algumas práticas como normalizadas e declaram determinados estigmas aos negros pela herança escravocrata que foi adotada dos países que colonizaram o Brasil. Este abismo social poderia ser encerrado com criações de leis e políticas públicas que visassem reparar este tipo de discriminação com quem foi subjugado, porém, observa-se que por se tratar de um racismo estrutural, ele está muito enraizado nas estruturas de mundo — e estas equiparações ainda estão longe de ocorrer de forma mais inclusiva.

De acordo com Gonzales (2020), podemos observar que quem segue uma cartilha europeia do branco, macho e cristão recebe um tratamento diferenciado das estruturas e locais de acesso que são diferentes aos negros e às mulheres negras. De maneira inversamente proporcional, temos uma população negra maior que a de brancos, porém, de acordo com o IBGE (2017), entre os presos 61,7% são pretos ou pardos. Vale lembrar que 53,63% da população brasileira tem essa característica. Os brancos, inversamente, são 37,22% dos presos, enquanto são 45,48% na população em geral. Ou seja, o racismo estrutural acontece nessas diferenças e locais de privilégio para determinados grupos e outros não.

2.1.3 GIRO DECOLONIAL E PÓS COLONIALIDADE

Para que seja possível entender o significado de decolonialidade, é necessário, de acordo com Ballestrin (2013), observar o que seja o pós-colonialismo. Mais precisamente, observar o motivo pelo qual o contexto pós colonial não atende aos debates desta pesquisa.

Inserido num contexto anglo-saxão e direcionado para os temas do desenvolvimento e do gerenciamento internacional, o pós colonialismo entende que os estudos sobre organizações e questões relacionadas aos indivíduos que atuam dentro destas organizações necessitam de técnicas, manuais e regras que foram desenvolvidos em países eurocêntricos (ALCADIPANI; ROSA, 2011). Nas palavras de Homi Bhabha (2012, p.30): “precisamos do pós-colonialismo para nos mostrar a experiência completa da descolonização.” Ou seja, apresentar em outra perspectiva conceitual como determinados locais e pessoas são vistas como subalternos em relação aos que são tidos como superiores e desenvolvidos.

Alcadipani e Rosa (2011) abordam que essa construção envolve relações históricas de poder entre o “Primeiro” e o “Terceiro Mundo”, hoje conhecidos por norte e sul global (ALCADIPANI; ROSA, 2011, p. 30). Basicamente, estudam-se as consequências do colonialismo europeu num primeiro momento e, posteriormente, a abordagem passou a considerar a hegemonia estadunidense e a exclusão das minorias como processos ligados a uma categoria de colonialismo contemporâneo (ALCADIPANI; ROSA, 2011, p. 30). Amina Mama (2005) revela que o pós colonialismo nasce junto à ânsia de independência de países africanos que necessitavam criar sua própria identidade e cultura, ou seja, a sua raiz histórica. Nesse processo, concentra-se a quebra do paradigma imposto pelo continente ao longo dos séculos de

escravizar e comercializar corpos com a ideia de que esta categoria de comercialização garantiria a manutenção da economia e do status cultural. Ballestrin (2013) indica que a crítica feita ao grupo de estudiosos sobre o pós colonialismo foram as noções de falar sobre subalternos por quem foram os colonizadores. Ou seja, os intelectuais pós coloniais baseiam-se em estudos que, de acordo Ballestrin (2013), tratam de conceitos eurocêntricos e estadunidenses, locais estes que mais se beneficiaram da escravidão de povos. Para Ballestrin (2013), a questão de basear os estudos em continentes que dominaram de maneira violenta até o fim da Guerra Fria países da América Latina, seja por motivos políticos ou econômicos, traduzem também a hegemonia de estudos e literaturas que são formadoras de opiniões como “dogmas” de aceitação dos vencedores e dos derrotados. Essa lógica de que a Europa e a América são mais evoluídas e que países latino americanos são primitivos e sem noções de estudos é contestada pela pós colonialidade. Portanto, os grupos de crítica desse formato também se fundaram com alicerces educacionais europeus, realizando, assim, uma retroalimentação de conceitos considerados como hegemônicos (ALCADIPANI; ROSA, 2011). Neste sentido, Grosfoguel (2008) diz que cabe ao grupo pós colonialista re(visitar) o sistema perverso que permeia a maneira de ler, estudar, obter cultura e se informar da essência europeia que inunda a realidade com seus conhecimentos ditos superiores e tratados como normas, manuais e dogmas. Como consequência, conhecimento e realidades locais são encobertos e, assim, ignorados pela lógica única da modernidade europeia. Portanto, necessita-se da decolonialidade para libertá-los (MAMMA, 2005). A decolonialidade surge como ponto de partida para romper com as traduções de sucesso eurocêntricas e dar voz aos que não possuíam. Desenvolve-se a partir do conceito de raça e o que é considerado para ser escravizado devido ao seu tipo físico e cor da pele (QUIJANO, 2005). Quijano (2005) indica que, à medida que os colonizadores foram verificando que possuíam alguns traços diferenciados, perceberam que poderiam impor poder sob a forma de condição racial. Ou seja, designaram aos colonizados uma situação de escravidão com um discurso de hegemonia e padrão diferenciado dos colonizadores. Essa categoria estabelecida pelo tom de pele, provavelmente, conforme indica Quijano (2005), teve seu início na área britânico-americana e na forma como os negros eram vistos apenas como parte principal da economia, ou seja, para realizar os seus trabalhos escravos. De acordo com Mignolo (2005), o pensamento decolonial aborda um tipo de pensamento que é aquele fronteiriço:

O pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2005, p. 52).

Basicamente, a decolonização é um pensamento mais direcionado ao se afirmar como espaço, ou seja, o que é considerado positivo e o que foi negado devido ao avanço eurocêntrico em povos subalternizados. Estas questões de interpretação que enxergam a Europa como um “contêiner no qual todas as características e os traços positivos descritos como modernos se encontrariam no interior da própria Europa” (GROSGOQUEL, 2010) garantem que o colonialismo seja a condição fundamental de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade. Em outras palavras, sem colonialismo não haveria modernidade (GROSGOQUEL, 2016). Para Mignolo, (2017) este raciocínio acontece da seguinte forma:

Colonialidade e descolonialidade introduzem uma fratura entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade como projetos no meio do caminho entre o pensamento pós-moderno francês de Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida e quem é reconhecido como a base do cânone pós-colonial: Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabha. A descolonialidade – em contrapartida – arranca de outras fontes. Desde a marca descolonial implícita na Nueva Crónica y Buen Gobierno de Guamán Poma de Ayala; no tratado político de Ottobah Cugoano; no ativismo e crítica decolonial de Mahatma Ghandi; na fratura do Marxismo em seu encontro com o legado colonial nos Andes, no trabalho de José Carlos Mariátegui; na política radical, o giro epistemológico de Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, entre outros (MIGNOLO, 2017, pp. 14-15).

O decolonial busca a compreensão do mundo através de suas interioridades de seu espaço geográfico e quer superar a modernidade europeia enquanto denuncia sua colonialidade (BALLESTRIN, 2013). Portanto, o que é fundamental no registro e na análise dessas interpretações e práticas políticas/culturais é a restituição da fala e da produção teórica e política de sujeitos que até então foram vistos como destituídos desta condição (BALLESTRIN, 2013). Ou seja, relendo autores que foram silenciados pela academia não significa verificar relatos sobre a colonização, mas sim, deparar-se com o registro de múltiplas vozes, ações, sonhos e lutas contra a marginalidade, a discriminação, a desigualdade e a busca de uma transformação social destes personagens (BALLESTRIN, 2013). Para dar respaldo a esta movimentação de quebra de desigualdades, Ballestrin (2013) diz que, no início da década de 1990, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, o Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por intelectuais de diversas áreas das humanidades, encarregou-se de providenciar esta reparação. O Grupo M/C, através da voz do seu mais radical membro Walter Mignolo (2007), sugere a

desobediência epistêmica. Para melhor entender o que desejam, é preciso compreender como esses pensadores interpretam modernidade, colonialismo e colonialidade (MIGNOLO, 2007).

A crítica lançada pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) ao pós-colonialismo provém do fato de que os últimos realmente não se desvincularam das amarras europeias ao darem mais espaço para o desconstrutivismo e pós-estruturalismo contidos nos aportes teóricos de Foucault, Derrida e Lacan, privilegiando culturas do eixo sul (BALLESTRIN, 2013). Esta noção de equidade traz uma trajetória nos estudos sobre a decolonialidade com o giro decolonial, que surge com os avanços de intelectuais ativistas nas questões de estudos sobre decolonialidade. Acontece, assim, uma proposta que visa libertar a América Latina do lugar da colonialidade imposta pelo Norte, através da máscara da modernidade, o giro decolonial (MIGNOLO, 2007). O giro decolonial é “aprender a desaprender, de modo a voltar a aprender” (MIGNOLO, 2007, p.323). Esta noção do desaprender é a desconstrução de uma hegemonia eurocêntrica para o aprendizado das urgências de seus países. Este giro decolonial foi tão importante que Bello (2015) indica que se pode encontrá-lo tanto na última Constituição da Bolívia quanto na do Equador (BELLO, 2015). Ao presenciarem as ‘nuances’ do giro decolonial e a quebra dos estereótipos aceitáveis por décadas, alguns críticos dos países eurocêntricos alegaram que a decolonialidade nada mais é que “um marxismo indígena se respaldando no conceito de emancipação da Escola de Frankfurt” (SOUZA, 2014). Entretanto, esclarece a diferença entre esse conceito e o de libertação utilizado pelos intelectuais da vertente em estudo. Mignolo (2007) prefere utilizar para o contexto da América Latina o termo libertação já que o objetivo é se desamarrar dos domínios europeus sejam esses vindos das ideologias esquerdistas ou da direita. Mignolo (2007) indica que, assim como o termo descolonização, o de libertação também faz o giro geopolítico do discurso. Ao se utilizar o conceito de emancipação, cai-se nas teias da modernidade europeia. Ou seja, mesmo os marxistas deixam como discussão periférica a conjuntura histórica dos grupos não europeus e que, de acordo com Ballestrin (2013), acabam fazendo a exclusão destas etnias (BALLESTRIN, 2013). Soler (2009) enfatiza que o giro decolonial ainda está em construção e sua proposta seja na produção de conhecimento, metodologia, suporte teórico ou cultural provém da América Latina, na visão dos que aqui se inserem. O decolonial busca a compreensão do mundo através de suas interioridades de seu espaço geográfico e quer superar a modernidade europeia enquanto denuncia sua colonialidade (MIGNOLO, 2007). Este capítulo contextualizou um breve levantamento do contexto racial existente no Brasil e de que forma as abordagens

decoloniais surgiram para dar palavra às minorias subalternizadas pelo processo de colonização impostas pela colonialidade.

2.1.4 INTERSECCIONALIDADE: INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Carneiro (2003) aborda que a história das mulheres negras e de suas formas de resistência vem sendo construída a partir de aprendizados e lutas contra a dominação e a exploração de um sistema colonial escravista, patriarcal e patrimonialista repassado de geração a geração. A consequência desse sistema é a consciência da construção do caminhar de mulheres negras em toda a parte do mundo, inclusive no Brasil.

No Brasil, o feminismo negro tem sua base nos estudos de feministas negras norte americanas como Bell Hooks, Patricia Collins, Kimberle Crenshaw e Angela Davis. Como cita Akotirene (2019), o movimento feminista surgiu com a necessidade de reivindicar espaço às mulheres negras, e tais feministas realizaram um papel fundamental na construção dessas reivindicações. Carneiro (2003) aborda que o movimento feminista tradicional operava dentro de uma concepção da democracia racial onde os negros possuíam relações harmoniosas com seus colonizadores no Brasil. Esse conceito escondia a situação real do racismo no Brasil e isso está relacionado ao mito que foi criado pelas elites coloniais que podem ser vistas nos dias atuais em nas escolas, mídias, cultura e sociedade.

Posições de igualdade para as mulheres negras no movimento feminista, conforme Akotirene (2019), eram diferenciadas, e até em movimentos de luta e resistência as mulheres negras se viam desprivilegiadas e reprimidas de sua autonomia. As posições de igualdade que são necessárias em diversos setores em relação aos homens negros também eram diferenciadas e, em conformidade com outros movimentos, “o movimento feminista passou muito tempo com a visão eurocêntrica e universalizante de mulheres” (CARNEIRO, 2003, p.18). Portanto, como indica Sueli Carneiro:

O feminismo negro é caracterizado como um movimento social e político, protagonizado pelo segmento de mulheres negras, com a finalidade de gerar visibilidade às suas reivindicações e direitos. Visa também a libertação de padrões patriarcais estereotipados de dominação e exploração racista e sexista da condição da mulher e do homem negro, estabelecidos na sociedade (CARNEIRO, 2003, p.2).

Ao observar-se algumas compreensões sobre opressões e o fortalecimento de certas estruturas, parte-se para um olhar decolonial a fim de observar a forma com que a colonialidade

impõe determinada realidade a determinados grupos. Como aborda Grosfoguel (2008), em locais de subalternidade epistêmica e de experiência individual essas estruturas, em um determinado grupo, são levadas em consideração como um ponto de vista em determinados sujeitos, ou seja, a forma como vejo o “Outro”.

Devido ao reconhecimento dessas formas de dominação iniciadas no período colonial, ainda que por meio de instrumentos diversos, os estudos decoloniais denominam como “colonialidade” o fenômeno que se encontra inserido nos âmbitos sociais e também de conjuntura global. Esse fenômeno se manifesta às vezes de forma explícita, às vezes de forma subtendida, mas que, em suma, atende aos mesmos fins e perpetua as diferentes formas de hierarquização dos saberes, raças, etnias, gêneros, todas derivadas do colonialismo.

É pensando nesse contexto que, de acordo com Crenshaw (2002), é possível realizar uma análise de gênero da colonialidade, ou seja, um gênero decolonial para que seja possível pensar como as normas de gênero fazem parte do que já foi dito por Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser. Identifica-se que a colonialidade do gênero passa a ser pensada como forma de passar uma informação sobre o gênero sendo raça, o quanto a raça é informada pelo gênero (LUGONES, 2014). Isso significa que “também não há como partir de perspectivas em que o gênero passa a ser a categoria explicativa central e principal e a raça algo que cria matizes ou particularidades dentro de um suposto sistema primário de opressão organizado pelo gênero” (ESPINOSA-MIÑOSO, 2014, pp. 11-12). Uma análise decolonial, segundo Espinosa-Miñoso (2014), entende que é necessário pensar como raça, classe e gênero algo que se reproduza de forma recíproca dentro de uma construção moderna desses elementos. Portanto, como aborda Carneiro (2013), para usar o gênero como uma categoria de análise num trabalho brasileiro, ele deve ser utilizado como uma categoria de análise decolonial junto com a interseccionalidade, onde assim possam ser explicadas as opressões e as condições de raça, classe e gênero e de como funcionam essas diferenças nesses grupos. Ou seja, é analisar que essas categorias juntas, trabalhando de formas interligadas, são causa e efeito na criação dos conceitos umas das outras.

As reflexões que são inseridas nesta pesquisa, de acordo com Lugones (2014), vão além dos movimentos indígenas e afrodescendentes. Elas são direcionadas às questões de debater as interseções entre raça, classe, gênero e sexualidade. Segato (2012), cujas investigações direcionam seu olhar às questões de gênero nos povos indígenas e comunidades latinas americanas, aborda questões da violência e das relações do gênero com o racismo e a colonialidade. Essas questões são relativas às diferentes formas de tratamento de mulheres

negras inseridas em contextos sociais e informa as dificuldades da quebra de hierarquias de gêneros masculinos sobre as mulheres. No caso de hierarquização, tem-se as mulheres como objeto dessas diferentes formas de poder. “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir (1991), e o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, de Joan Scott (1995), são trabalhos que ressaltam que o “ser mulher” não é um dado, mas algo construído de forma cultural em diversas sociedades.

Compreender a situação atual e a forma de agir da coletividade diz respeito a identificar a invisibilidade individual e torná-la visível em diversos contextos. Essa invisibilidade é perceptível com base na separação de humanidade e não humanidade, que, para Lugones (2014), é “a dicotomia central da modernidade colonial”. Mas não é apenas isso essa hierarquia perpassa a lógica de subalternidade, em que as mulheres estariam também dentro dessa caracterização de inferioridade colonial. Essa reflexão, portanto, faz parte do processo de luta e resistência contra as formas de subalternização engendradas dentro da sociedade, mesmo com o fim do colonialismo formal. Ou seja, pressupõe ir além da identificação desses eixos de subordinação e propor ferramentas relacionadas a uma emancipação social, sobretudo, dos grupos invisibilizados pela colonialidade. Assim, além da raça como um paradigma colonial extremamente significante para o desenvolvimento do processo colonialista, o gênero também fez parte de um processo articulado em que, de acordo com Hirata (2014), a invisibilização da humanidade da mulher e dos colonizados evidencia o modelo ocidental de humanidade. Portanto, é necessário perceber que o gênero acaba sendo evidenciado como uma forma que objetiva estabelecer hierarquias e diferenças. Contudo, a experiência do colonizado transcende o eixo de hierarquias, pois a condição a ele imposta é de não humanidade. Portanto, ao se reivindicar a visibilidade em relação ao gênero para o subalternizado, é necessário, antes, reclamar sua humanidade.

Para Lugones (2014), a introdução das expressões de gênero marcadas pela oposição entre as tarefas e comportamento dos dois sexos, cabendo à mulher o ambiente doméstico separado do ambiente social e político, foi mais um dos instrumentos de dominação colonial. Esse aspecto, somado à introdução do patriarcado, conseguiu silenciar uma parcela significativa da população que certamente possuía outro entendimento sobre a economia, a agricultura e a política. Os homens, por sua vez, na visão de Lugones (2014), mesmo tendo sofrido violências expressivas da colonialidade, são indiferentes aos sofrimentos das mulheres que participam de sua comunidade e que sofrem com tanta opressão. Com o controle do poder capitalista eurocêntrico e global em seu corpo racializado, direcionam às mulheres opressões em virtude

de seu gênero. Os homens nessa situação, para Hirata (2014), não percebem a forma como estão transformados por este capitalismo e como realizam tais opressões no gênero garantindo um lugar de subalternidade, servidão e dependência.

Quijano (2005), aborda como a criação do conceito moderno de raça no bojo da expansão mercantil europeia serviu aos interesses “do controle do sexo e seus produtos, do trabalho, da subjetividade/intersubjetividade e do conhecimento”. Nesse sentido, é possível identificar as mulheres no cerne desse conceito de serventia e exploração. Para Lugones (2014), tanto a teoria feminista interseccional como a teoria da colonialidade do poder abordam a questão da dupla violência, racial e de gênero, vivida pelas mulheres de cor, mas suas perspectivas são muito generalistas, faltando-lhes a dimensão da vivência concreta. A autora ressalta:

A redução do gênero ao privado, ao controle sobre o sexo e seus recursos e produtos é uma questão ideológica apresentada ideologicamente como biológica, parte da produção cognitiva da modernidade que conceitualizou a raça como ‘generificada’ e o gênero como ‘racializado’, de modo particularmente diferenciado entre os/as europeus/brancos/as e as pessoas colonizadas não brancas/os. A raça não é nem mais mítica nem mais fictícia que o gênero – ambos são ficções poderosas (LUGONES, 2014. p,14).

Ou seja, quando se definem as questões sobre controle, produtos e sobre hegemonia de cores entre europeus e não brancos, é possível estar, de acordo com Lugones (2014), reduzindo a mulher a um caráter biológico e reprodutivo afastando-a da participação da vida social e política. Essa conclusão trata da necessidade de existir uma mudança de paradigma entre homens e mulheres de cor na relação entre eles e de formas mais igualitárias e comunitárias de pensamento de tomada de decisões. Não se pode esquecer que a exclusão de mulheres nos âmbitos sociais e políticos também serve como uma estratégia utilizada pelo domínio colonial para exercer controle e poder para que sejam desestruturadas diante de uma organização patriarcal na sociedade. É possível ter, como exemplo, o fato de relacionar a mulher apenas como mãe e retirar dela sua capacidade de pensamento e personalidade. Isso faz com que sua personalidade e caráter seja direcionado para alguém passivo e obediente ao modo masculino de ser e isso facilita, de acordo com Hirata (2014), a dominação patriarcal e dos homens na medida em que inferioriza as mulheres como colonizadas, representadas como fêmeas, e não como mulheres se estas não seguissem um modelo que fosse o correto do mundo dos homens, ou seja, monogâmico, heterossexual e passivo do patriarcado.

De acordo com Ballestrin (2013), nada disso se fazia presente nas sociedades pré-coloniais. Os gêneros não estabeleciam entre si essa relação hierárquica e excludente na divisão

das tarefas e as relações não eram definidas pela escolha sexual. Portanto, o patriarcado é, basicamente, um fenômeno fundamental da colonização eurocêntrica global. Devido a ele, foram introduzidas entre os povos colonizados as categorias biologizadas e binárias de gênero, ou seja, as diferenças do que hoje se reconhece como homens e mulheres, nas quais não havia espaço para uma expressão de gênero que não estivesse em conformidade com a norma europeia. Os comportamentos que eram diferentes aos do eurocêntrico ficavam no papel do marginalizado.

2. 1. 5 ENCERRAMENTO DO REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi composto de um breve histórico sobre o racismo no Brasil que contribuiu para identificar o racismo estrutural como forma naturalizada no tratamento de pessoas negras. Essas questões são heranças escravocratas que foram definidas pelas colonizações realizadas por países eurocêntricos em países da América Latina e que podem ser relacionadas à decolonialidade.

As questões interseccionais são conectadas as formas de submissão, desigualdades, dificuldades e exclusões de mulheres negras dentro dos movimentos feministas e em diversos setores dentro da sociedade patriarcal. Por todo o exposto, o modelo conceitual apresentado na Figura 1 representa o racismo estrutural considerado nesta pesquisa interseccionado com decolonialidade, gênero, raça e classe social.

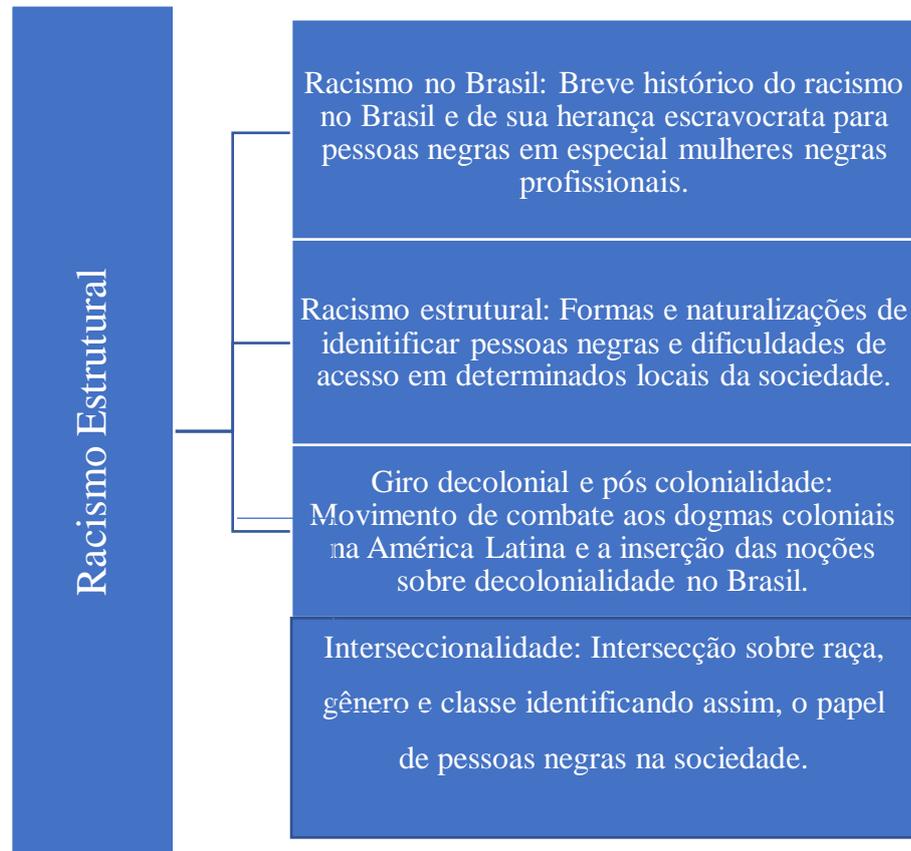


Figura 1- Modelo conceitual do referencial teórico.
Elaborado pela autora (2020).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, segue o direcionamento da pesquisa no que se refere aos seus procedimentos metodológicos, incluindo a descrição do percurso metodológico, a definição da abordagem de análise e os procedimentos iniciais para a coleta exploratória.

3.1 PERCURSO E ABORDAGEM METODOLÓGICOS

Esta pesquisa busca apresentar como é a categoria de representação de pessoas negras na capa da revista *Veja* e nas matérias de capa. Nesse sentido, a escolha da revista *Veja* foi pensada pela facilidade do acesso ao seu acervo digital em sua ‘web’ página, totalizando 50 décadas de revista disponibilizados aos seus assinantes.

Pode-se caracterizar este estudo como qualitativo, que, de acordo com Richardson (1999), possui uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Esta pesquisa também é considerada como descritiva e se utiliza do método indutivo para conseguir realizar as intuições necessárias para a compreensão do contexto e do problema. Busca-se, através dela, alcançar uma compreensão qualitativa das razões e motivações da pesquisa. Richardson (1999) acrescenta que a pesquisa qualitativa é especialmente válida em situações em que se evidencia a importância de aspectos, cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos, devido à complexidade que os embasa, tais como: motivações, expectativas, emoções, valores e outras especificidades.

Partiu-se de uma abordagem decolonial para dar suporte no referencial teórico e auxiliar nas questões sobre gênero, racismo e feminismo negro. A pesquisa estará pautada na abordagem discursiva que representa a realidade social, reproduzindo e contribuindo com as representações de objetos e indivíduos (MACHIN E MAYR, 2012). Portanto, serão utilizados os protocolos de análise de discurso multimodal de Machin e Mayr (2012) para realizar as análises sobre as representações de pessoas negras nas capas da revista e nas matérias de capa. Portanto, um certo incômodo foi observado na realização da pesquisa. Este estudo está pautado, conforme indicado anteriormente, em uma perspectiva de estudos decoloniais e, ao realizar a busca por pesquisas que contivessem esta categoria de protocolo, foram encontradas pesquisas onde as bases

metodológicas estavam pautadas em teorias eurocêntricas. Ou seja, por mais importante que seja “decolonizar” as teorias e trabalhar com autores que sejam mais próximos da realidade, algumas delas devem ser utilizadas por serem cânones, e isso não configura problema algum como base de discussão. Conforme Maldonado-Torres (2007) e Grosfoguel (2011), entre as diferenças nos estudos subalternos, o pós - colonialismo e a decolonialidade não acarretam necessariamente um empecilho à sua articulação, pois o uso conjunto dessas aproximações fica longe de criar obstáculos a análise da colonialidade (GROSFOGUEL, 2008). Em alguns casos, isso potencializa os estudos decoloniais, graças à presença e integração de outros instrumentos analíticos e de tradições críticas que podem auxiliar na compreensão de suas dinâmicas. Esse método será aplicado devido à sua funcionalidade multimodal, ou seja, ele pode ser aplicado tanto em imagens e textos concomitantemente. Como esta pesquisa busca analisar as representações em capas e as matérias de capas, este método foi considerado o mais apropriado. A escolha pelo método de análise de discurso multimodal foi pensada após a realização de alguns levantamentos por trabalhos decoloniais que se apropriaram de métodos eurocêntricos e também trabalhos que se apropriaram de uma análise de discurso decolonial com autores como (APPADURAI, 1996; DIRLIK, 2003; IKENBERRY, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2005; DUSSEL, 2005a; 2005b; QUIJANO, 2000; ESCOBAR, 2003; FARIA, 2015; DUSSEL, 2005; COLADO, 2010). Foram encontrados, destes trabalhos, os que mais se identificaram com a pesquisa, como “Indícios de descolonialidade na análise crítica do discurso na ADPF 186/DF”, autores Fernanda Frizzo Bragato e Virginia Colares (2017), ‘Abordagem metodológica em estudos decoloniais: possível diálogo entre a análise crítica do discurso e as epistemologias do Sul’, autora Patricia Asunción Loaiza Calderón (2016), Viviane de Melo Resende (2021) Decolonizar os estudos críticos do discurso – Introdução, *Critical Discourse Studies*, Viviane de Melo Resende (2020): Decolonizar os estudos críticos do discurso: por perspectivas Latino-Americanas, *Critical Discourse Studies* e ‘Decolonialidade e estudos críticos do discurso: convergências para abordagens antirracistas no Brasil’, autora Caroline Fernanda Santos da Silva (2020). Estes trabalhos possuem propostas decoloniais, portanto, para atingir os objetivos almejados utilizaram-se do mesmo método de análise que este trabalho irá utilizar. A ideia deste estudo é analisar de forma unitária as capas e as matérias de capas da revista *Veja* e, devido a isso, justifica-se a escolha eurocêntrica num trabalho decolonial.

As experiências sociais contemporâneas estão mais dinâmicas e multimodais, porém, ainda são poucas as iniciativas de investigação que visam analisar sistematicamente materiais de comunicação visual indo além do texto escrito (MACHIN; MAYR, 2012). Isso ocorre por

algumas ferramentas de análise ainda serem concentradas em uma determinada categoria de foco, não sendo muito práticas as necessidades de outros discursos que distinguem a imagem do texto. Tais ferramentas de análise serviram muito bem para diversas descrições quando amparadas apenas em avaliações estéticas, porém, atualmente, os discursos possuem outras dimensões e sentidos (LEDIN; MACHIN, 2018). Mediante ao que foi exposto, de maneira a responder ao objetivo de pesquisa, será utilizada como base a análise crítica do discurso multimodal (MCDA, em inglês) dos autores Machin e Mayr (2012) para auxiliar de forma unificada nas análises. Como a pesquisa está baseada na análise de objetos que estarão mais voltados a imagens e textos, estes farão parte de uma comunicação mais visual, tais como as fotografias que estão inseridas nas capas e as matérias de capa. O objetivo é fazer uso das análises desenvolvidas por Machin e Mayr (2012) para obter melhores resultados de tais representações da revista *Veja*. Tem-se, neste sentido, a intenção de ampliar o campo de visão a esses objetos e conseguir fazer com que eles se tornem o ponto de referência para as análises.

A análise Crítica de Discurso surgiu nos anos 70 com os estudos sobre Linguística Crítica (MACHINE; MAYR, 2012). Nesse sentido, a ACD pode ser entendida como um movimento científico que, de acordo com Van Dijk (2015), ACD foca a sua análise na reprodução de um discurso de abuso de poder e desigualdade social. Ou seja, enquanto a linguística crítica se posiciona em estudar o que está sendo aplicado de forma implícita, a ACD desenvolveu métodos e práticas que são capazes de conectar elementos da linguagem, poder e de qual ideologia está sendo empregada no momento destas análises (MACHIN; MAYR, 2012). Com isso, é possível identificar como é esclarecido e descrito o poder que é praticado, reproduzido e legitimado pelo texto e pela imagem. Pode-se pensar, então, no poder que as revistas de mídia possuem em determinados grupos. Dependendo do seu tipo ou como se comporta dentro deles, o discurso que ela carrega implica em alterar inclusive, o comportamento de grupos e indivíduos nos ambientes por onde possuem suas relações sociais (MACHIN; MAYR, 2012). Os métodos desenvolvidos por Machin e Mayr (2012) para realizar a análise mais apropriada e precisa — principalmente, quando falamos sobre o visual — se destaca por sua característica mais multimodal. Machin e Mayr (2012) atribuem isso a um discurso com análises mais práticas e direcionadas às realidades mais dinâmicas da informação numa revista. Conforme observa-se, o discurso possui em suas estruturas uma variedade de significados e estes podem influenciar na forma como se dá certa opinião sobre determinados participantes inseridos no meio do debate. Estas opiniões, de acordo com Machin e Mayr (2012), podem ser favoráveis ou desfavoráveis a quem está sendo inserido no discurso e

também podem negligenciar, excluir ou incluir alguns indivíduos em determinados grupos para cada categoria de alinhamento. De acordo com o que foi dito, se os discursos privilegiam determinados autores, é possível analisar tais questões de forma a verificar quais grupos estão sendo privilegiados e quais entram de forma a representar problemas sociais, como o racismo, estereótipos e quais representações são mais apreciadas pelo discurso da revista *Veja* (MACHINE; MAYR, 2012). Assim, nesta pesquisa, tem-se a Análise Crítica de Discurso (ACD) como aparato teórico-metodológico baseando as interpretações nos parâmetros e protocolos de análise da Teoria Multimodal do Discurso propostas por Machin e Mayr (2012).

3.2 O MÉTODO OPERACIONAL

Feitas as devidas apresentações da base metodológica, questiona-se quais seriam as capas, os textos das capas, e matérias de capas, que seriam utilizadas. Percebeu-se que, com o estudo das edições, seria possível identificar melhor quais textos e imagens seriam selecionados. A revista *Veja*, conforme já informado, é uma revista com ampla circulação que possibilitou uma pista de que, em determinados momentos, surgiria alguma dificuldade em recortar o objeto de análise pela abundância de exemplares liberados em seu acervo, em virtude do já mencionado total de 50 décadas de revista, ou seja, 50 anos de publicação, ficando, assim, inviável a pesquisa em todo o acervo pelo tempo hábil. A revista não disponibiliza um manual de seus termos técnicos ou um guia de redação para que fosse possível identificar como é conhecido no meio jornalístico, os termos de capa e matérias de capa. Portanto, ao checar estas informações num grupo de Jornalistas especialistas, eles informaram que a estrutura de uma capa e da matéria de capa correspondem aos seguintes itens:

- ✓ As capas — nome pelo qual os especialistas identificam uma estrutura de capa. A Capa possui a imagem, o título, o subtítulo e a chamada. O termo chamada refere-se aos assuntos que são inseridos na capa ou no canto superior direito, ou no canto superior esquerdo, ou embaixo do título. Estas chamadas também possuem matérias e tomamos a decisão de analisar apenas a capa com sua imagem, título, subtítulo e a matéria de capa, não nos utilizando do recurso, chamada;

- ✓ A matéria de capa — os especialistas a identificam como matéria de capa e alguns termos técnicos utilizados são relacionados a escrita dos colunistas não tendo relação com nosso trabalho. Portanto, o assunto da matéria de capa será aquela relacionada a imagem de capa, demais assuntos que estejam em outras colunas, artigos, notas, carta ao editor e páginas amarelas, não serão considerados neste trabalho.

Ainda sem identificar quais os textos e capas a escolher, foram realizadas buscas por todo o acervo da revista, começando de maneira aleatória a verificar a representação de pessoas negras nas suas capas. Percebeu-se a existência de representações em todos os anos da revista, porém, as maiores representações por meses e anos de edições começaram a partir da década de 2000, então, ficou decidido que o recorte seria dado a partir de 2009 até 2020 (11 anos). Foi possível identificar, para além disso, que as capas disponibilizadas e as matérias estavam em pouco número sobre o assunto e isso já nos deu um dado para dar início ao recorte da identificação de quais textos e imagens seriam selecionados.

Deste mapeamento identificou-se os seguintes critérios de pesquisa:

- ✓ Imagem de capa – serão utilizados os protocolos de análise do discurso de Machin e Mayr (2012), onde constam sobre a imagem a sua posição, distância, ângulo, recursos semióticos para representar participantes como indivíduos, grupos ou figuras anônimas, pessoas descritas como indivíduos ou um tipo específico de pessoas (representações estereotipadas) e certas categorias de pessoas que não são representadas em fotos de cenários;
- ✓ Textos, títulos, subtítulos da capa e o texto da matéria de capa – serão utilizados os protocolos de análise do discurso de Machin e Mayr (2012), onde constam sobre o texto quais os participantes que são personalizados ou impessoalizados, aqueles que representados como indivíduos específicos ou como um tipo genérico, uso de termos que conferem certo nível de autoridade a uma pessoa, representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico de um participante, participantes que são quantificados e tratados como “estatísticas”, uso de pronomes para alinhar os leitores, contra ou a favor de específicas ideias e aquilo que está faltando em um texto.

As matérias de capa ainda não haviam sido definidas, ou seja, o conjunto de textos que seriam pensados devido ao grande número de edições. Desta forma, optou-se por identificar apenas as capas que contivessem pessoas não brancas nas suas imagens, verificando as suas

matérias de capa para identificar quais representações estavam sendo direcionados aos participantes da imagem de capa. O olhar concentrou-se apenas nas que contivessem a identificação de pessoas negras na revista. Vale destacar que, a auto identificação de quem é negro ou não, foi trazida pelas matérias das capas selecionadas, baseando-se no protocolos de análise multimodal de Machin e Mayr (2012), contendo expressões que fizessem referência as características citadas na matéria de capa. Como a identificação pela categoria de cor das pessoas não é realizada pelo olhar do pesquisador, para identificar quem são pessoas não brancas e pessoas brancas, foi necessário realizar, previamente, a leitura das matérias. Nelas, constavam os discursos utilizados pela revista Veja relacionados às pessoas não brancas, ou seja, a revista identifica estas pessoas como negras ou em suas capas ou em suas matérias de capas. Portanto, esta auto identificação foi realizada pela matéria e em alguns casos pelas capas. A partir daí, identificou-se apenas estas condições e foram excluídos o que não estavam dentro do perfil de análise como, por exemplo, pessoas brancas, matérias e notas em outras colunas, artigos, páginas amarelas, carta ao leitor, ou qualquer seção que não fossem imagens de capa e matéria sobre a imagem de capa. Após verificadas estas estruturas na revista, identificou-se três categorias que começaram a emergir das análises e que concordam com o referencial teórico. São elas: o racismo estrutural, colonialidade e interseccionalidade. A primeira categoria diz respeito ao racismo pelas entrelinhas perpetuado em determinados grupos sociais; a segunda categoria diz respeito a representação do gênero mulher na revista, ou condicionado aos homens, ou ignorando fatores de empregabilidade e carreiras às mulheres; e a terceira categoria está diretamente ligada a fatores de colonialidade que de forma inocente transmitem em sua estrutura termos e padrões eurocêntricos para garantir uma determinada hegemonia e poder sobre os demais grupos.

Outro recorte tem relação aos anos de pesquisa deste levantamento. Quando identificou-se que o acervo da revista era contido de 50 décadas de edições, ou seja, 3.559 edições distribuídas por mais de 6.000 imagens e textos, percebeu-se o tamanho e proporção que não haveria a possibilidade de pesquisar. Como a pesquisa está direcionada a pessoas negras nas capas e na auto identificação pela matéria, o recorte teve como base a seleção de tais participantes na capa e a leitura das matérias, para, com isso, estabelecer um recorte temporal de 11 anos, de 2009 a 2020, de forma aleatória, pela diversidade e quantidade muito elevada de revistas disponibilizadas no acervo.

A coleta de dados representa a coleta do material disponibilizado neste acervo e as análises são baseadas nas revistas; então, deu-se início à seleção do objeto, partindo para a busca

pelas capas do acervo disponibilizados pela revista de maneira a entender como é a categoria de representação de interesse. As buscas iniciaram pelo ano de 2009, onde foi possível verificar a quantidade de capas e das suas matérias. Foram realizados os seguintes procedimentos: abertura do acervo; verificação da quantidade de capas em cada ano; abertura de cada capa, mesmo contendo pessoas brancas, a fim de realizar uma busca mais detalhada nas matérias e também promover comparativos entre pessoas brancas e não brancas em aspectos que fossem surgindo. Realizou-se a busca por capas e matérias de capa em cada ano da revista nos 12 meses do ano, ou seja, em um ano. Em alguns meses foi possível identificar cinco revistas, em outros seis, em outros menos. Esta diferença ocorre pelo motivo da revista ser quinzenal e alguns meses não conterem 30 dias, como fevereiro, e outros conterem 31 dias. Portanto, chegou-se ao total de cada mês em cada ano da revista podendo ser identificadas 638 revistas com 2.572 edições.

A partir deste volume houve a verificação das imagens contidas nas capas de maneira a entender como são seus textos, com seus títulos e subtítulos, bem como o texto referente à matéria de capa. Deste levantamento, do total de 638 revistas, foram encontradas 51 revistas contendo o objeto de pesquisa. Coletadas as edições selecionadas, buscou-se identificar, a partir dos critérios de análise de Machin e Mayr (2012) e do referencial teórico, as matérias que estavam direcionadas à temática da pesquisa, verificando que as 51 edições estavam distribuídas pelas categorias emergentes na forma de racismo estrutural, interseccionalidade e colonialidade. As edições estão assim selecionadas:

Ano	Mês	Título	Matéria	Edição
2009	Janeiro	Obama	Fim do império ou começo de mais um século americano?	2096
2009	Fevereiro	Por que eles nunca crescem?	Exclusivo: a história completa da confusão	2098
2009	Março	Camarada Obama	Por que a intervenção do governo dos EUA e a quase estatização da economia não vão criar um Camarada Obama	2104
2009	Setembro	O fator humano	O destino da Amazônia está atrelado à vida de seus 25 milhões de habitantes	2130A
2010	Janeiro	Haiti	Do caos a esperança	2149
2010	Junho	DNA	Os caminhos genéticos de Luiz Fabiano e do filho escocês que trouxe o futebol para o Brasil	2168
2010	Junho	Para sair do empate	O inédito equilíbrio nas pesquisas acirra a disputa entre Serra e Dilma	2169
2010	Julho	Traição, orgias e horror	O mundo do goleiro do Flamengo, ídolo da maior torcida do Brasil, ameaça ruir	2172
2010	Agosto	A pesca dos indecisos	No horário político da TV	2178

2011	Fevereiro	Preso e ainda no comando	Como Fernandinho beira mar, o bandido mais perigoso do país, continua a traficar, matar, sequestrar e controlar territórios	2203
2011	Março	Barack Obama	Exclusivo: Barack Obama fala a Veja	2209
2011	Abril	O monstro ao lado	Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, frustração e solidão?	2212
2011	Junho	Finalmente surge um craque da linhagem de Pelé	“Reymar”	2223
2011	Agosto	O martírio americano	A vacilação do presidente Obama e de seus atuais adversários na atual crise econômica faz um mal aos Estados Unidos (...)	2228
2012	Março	O gladiador tranquilo	Anderson Silva, brasileiro campeão de artes marciais, é o maior ídolo do esporte que mais cresce no mundo (...)	2260
2012	Outubro	o menino pobre que mudou o Brasil	O ministro do supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa aos 14 anos de idade no colégio estadual (...)	2290
2012	Novembro	Obama	A força da demografia na sua reeleição e nas transformações globais	2295
2013	Março	Chávez	A herança sombria	2312
2013	Setembro	Vacilou	Na tentativa de explicar a espionagem a Dilma e um ataque a Síria, Obama expõe os dilemas de uma superpotência	2338
2013	Outubro	Nossos ídolos não mais os mesmos	Artistas favoráveis à censura de biografias causam decepção	2344
2013	Dezembro	O guerreiro da paz	Nelson Mandela	2351
2014	Janeiro	A 411ª vítima	Ana Clara, 6 anos, foi queimada viva por bandidos no Maranhão no terceiro dia de 2014.	2356
2014	Janeiro	Uma copa dois países	Os desafios para o Brasil em 2014, dentro e fora do gramado	2354
2014	Fevereiro	Civilização Barbárie	Rio de Janeiro, sede da filial da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016, vitrine do Brasil potência	2360
2014	Maior	Aqui, Ó!	Daniel Alves, da seleção brasileira e do Barcelona, comeu a banana, os racistas escorregaram na casca	2372
2014	Junho	Hino, Neymar, vaia	Política e futebol não devem se unir	2378
2014	Junho	1,2,3,4,5 Hexa	A confiança do capitão - edição especial	2377
2014	Junho	E agora, Joaquim	O ministro do STF entrou pra história identificado com o fim da impunidade para os poderosos	2376
2014	Julho	Agora é na raça	Atacado pelas costas pelo colombiano Zuniga, o craque Neymar fratura uma vértebra e está fora da copa	2381
2014	Agosto	Marina presidente?	Com a entrada da ex senadora como um furacão na corrida eleitoral o Brasil tem pouco tempo para saber (...)	2388
2014	Setembro	Como Dilma e Aécio tentam parar Marina	A quatro semanas das eleições, os dois fortes contendores revelam suas estratégias	2389
2014	Setembro	As armas para a decisão	Racionalidade, emoção e poder	2392
2014	Setembro	A fúria contra Marina	Nunca antes neste país se usou de tanta mentira para corromper adversários	2391
2014	Outubro	A cartada final	Marina Silva e Aécio Neves travaram no debate da Globo	2394
2015	Junho	Vão ficar impunes	Eles estupraram, torturaram, desfiguraram e mataram	2430
2015	Dezembro	O futuro da Saga Star Wars	O excepcional, O despertar da força, o sétimo filme da série star wars	2457

2016	Agosto	A fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt	Eu chorava quando perdia para um colega de escola	2489
2017	Março	O casal imbatível	Tafs Araújo e Lázaro Ramos são o par mais poderoso do showbiz e ainda simbolizam a vitória do talento (...)	2519
2017	Abril	Eu sofri assédio sexual	A figurinista da Globo que denunciou o galã José Mayer	2525
2017	Agosto	O avanço das costas	Para avaliar a política que abre as universidades a negros e pobres	2543
2017	Agosto	O jogador de 1, 5 milhão de reais	Os bastidores da venda milionária de Neymar para Paris	2542
2017	Novembro	Como é ser negro no Brasil	Pesquisa exclusiva da Veja, revela um país desigual para negros	2557
2017	Dezembro	Tem que manter isso aí, viu?	Michel Temer e sua frase mais controvertida na conversa gravada no Jaburu	2562
2018	Fevereiro	A ciência da felicidade	Pesquisadores identificaram as regiões do cérebro responsáveis por esta região	2569
2018	Março	A quem interessava matar esta mulher	A execução da vereadora Marielle Franco com quatro tiros na cabeça levanta a suspeita do crime	2574
2018	Março	Quem ganha este jogo?	Com Lula preso, Alckmim, Marina e Meirelles no páreo da disputa eleitoral	2578
2018	Junho	Uma copa de alma Russa	A matéria traz os perfis, costumes e almanaque da Rússia	2586
2019	Junho	Reputação em jogo	Com uma série de problemas fora de campo, desta vez uma denúncia de estupro, Neymar perde patrocínio	2638
2019	Novembro	Barbaridades em série	Baseada em uma mentira, a inclusão do presidente Jair Bolsonaro na investigação do assassinato de Marielle Franco	2659
2020	Janeiro	20 Brasileiros de 20 anos	Eles têm tudo para se destacar na próxima década	2668
2020	Março	Heróis de guerra	Veja teve acesso exclusivo à dramática rotina da equipe médica do hospital Albert Einstein	2679

Quadro 1 - Levantamento das edições do acervo Veja.
Elaborado pela autora (2020).

Portanto, o roteiro de análise baseado nos inventários de Machin e May (2012) e nas categorias emergentes que surgiram a partir das observações das análises e do referencial teórico respeitarão a seguinte forma:

- 1 Análise das imagens de capa e dos discursos atribuídos à matéria de capa a partir dos inventários de análise do discurso multimodal de Machin e Mayr (2012), contendo os seguintes protocolos: forma como estão posicionados em visualização com relação à pessoa na imagem, através de (1) distância; (2) ângulo; (3) recursos semióticos para representar participantes como indivíduos, grupos ou figuras anônimas; (4) pessoas descritas como indivíduos ou um tipo específico de pessoas (representações estereotipadas); (5) certas categorias de pessoas que não são representadas em fotos de cenários;
- 2 Análise das imagens de capa e dos discursos atribuídos à matéria de capa a partir dos inventários de análise do discurso multimodal de Machin e Mayr (2012),

contendo os seguintes protocolos: (1) quais os participantes que são personalizados ou impessoalizados; (2) aqueles que representados como indivíduos específicos ou como um tipo genérico; (3) uso de termos que conferem certo nível de autoridade a uma pessoa; (4) representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico de um participante; (5) participantes que são quantificados e tratados como “estatísticas”; (6) uso de pronomes para alinhar os leitores, contra ou a favor de específicas ideias; (7) aquilo que está faltando em um texto;

3 Análise das categorias emergentes identificadas do nosso referencial teórico após o levantamento realizado pelos protocolos de Machin e Mayr (2012), que são: racismo estrutural, Interseccionalidade e colonialidade;

4 Interseccionalidade — as noções de interseccionalidade estão vinculadas às noções de gênero na decolonialidade, ou seja, de acordo com Lugones (2014), os gêneros estão vinculados a um patriarcado em meio a sociedade e saber qual tipo de representações são atribuídas aos gêneros e de que forma são observadas pela revista a forma como os gêneros estão dispostos traduzem a noção de colonialidade atribuídas às pessoas negras.

5 As noções de racismo estrutural que serão abordadas nesta pesquisa são direcionadas às representações que a revista utiliza de pessoas negras. Como abordam Machin e Mayr (2012), essas representações fazem parte de uma determinada ideologia que se preza dentro de um período histórico e que convence alguns grupos sobre o que é mais importante debater ou não, dependendo do momento. A lógica desta dimensão não é revelar o racismo de forma objetiva, como aborda Almeida (2019), mas sim, o de verificar como estas representações podem estar condicionados à vincular informações de maneira “inofensiva” e perpetuar estereótipos negativos sobre pessoas negras;

6 As noções de colonialidade que serão abordadas buscam representar quais tipos de discursos e representações são empregados como um padrão na revista e, de acordo com Mignolo (2007), se posicionam como sendo mais aceitáveis, universais e que devem ser seguidos deslegitimando qualquer outra coisa que não seja de conhecimento eurocêntrico.

Este capítulo apresentou a operacionalização metodológica realizada neste trabalho. No capítulo que se segue serão apresentados os resultados, as análises e discussões desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo será apresentada a revista *Veja*, objeto de análise, assim como serão introduzidos os resultados e as análises deste estudo com base no referencial teórico e nos inventários de análise do discurso multimodal de Machin e Mayr (2012). Vale ressaltar que a revista é considerada um agente propagador de discurso e de representação através das pessoas que compõem a sua grade de colunistas, escritores, formação histórica e tempo em que essas matérias foram divulgadas. As posições que são tomadas por estes grupos partem de fatores que atribuem sentidos aos participantes das análises em seus textos e representações. Portanto, a revista é trazida, também, como um objeto de estudo pela veiculação de suas representações na construção de algum tipo de sentido aos seus leitores, bem como para o auxílio de nossas análises.

4.1 UM BREVE HISTÓRICO DA REVISTA VEJA

A Editora Abril surge no contexto da década de 50 no Brasil e se instala na cidade de São Paulo. A cidade de São Paulo possuía uma média de 50 milhões de habitantes. Destes, 9 milhões viviam no Estado de São Paulo (VILLALTA, 2002). O número de analfabetos dentro deste contexto histórico era grande e, em tese, isso seria um problema para a revista em termos de cidadãos leitores. Para isso, de acordo com os dados informados pela Editora Abril (2002), a revista se adaptou em formas gráficas com figuras e imagens para facilitar o seu acesso desta camada analfabeta. Uma época de grandes transformações políticas, culturais e sociais ocorria no Brasil, governado por Juscelino Kubitschek e mantinha, de acordo com Souza (1988), um plano desenvolvimentista deixado por Getúlio Vargas. De acordo com a Editora Abril (2020), o auge do desenvolvimento social no país foi a criação da Petrobrás que viveu um crescimento considerável na época e que incentivou diversas revoluções tecnológicas na sociedade e ficou conhecido como os “anos dourados”. O padrão almejado era o da Brigitte Bardot e até 1957, nota-se, de acordo com Sousa (1988), a independência da mulher mais bela e bem cuidada, porém, ainda como acumuladora da função dona de casa, esposa e mãe.

De acordo com site da Editora Abril (2020), é daí que surge a Editora como sendo de propriedade do ítalo americano Victor Civita Souza (1968). Os objetivos de Victor Civita estavam, além de fazer com que a revista fosse apenas um império gráfico dentro da América Latina, que esta fatia demarcada fosse ampliada pelo mercado leitor brasileiro. Essa forma de desenvolver o trabalho incluía ter que exercer novos papéis, não somente no panorama editorial, mas também na formação de novas atitudes, com uma postura de influenciar os hábitos da sociedade, e gerar a curiosidade do leitor pelo seu material, realizar a divulgação de cultura e incluir boas práticas de leitura, fazendo com que a revista ocupe um novo espaço na sociedade e no mundo (CIVITA, 1968). A editora Abril já estava habituada a grandes edições e tiragens porque atuava com a revista Realidade em sua estrutura gráfica, portanto, para fazer uma revista de forma semanal não iria sair muito do padrão já designado a Realidade. De acordo com Civita (1968), a empolgação começou a surgir quando eles perceberam ser um bom momento para lançar criatividade de expandir os negócios na América Latina, visto que já tinham um sucesso de vendas através da Realidade.

Para a surpresa de Roberto Civita, este modelo, que foi copiado dos Estados Unidos e inserido aos anunciantes como uma versão brasileira, gerou um certo estranhamento pela quantidade de informações e requintes que estavam sendo utilizados na revista. A revista sofreu com quedas em suas tiragens de forma sucessiva e, de acordo com a Editora Abril (2020), fizeram com que até mesmo a classe que era jornalística ficasse desmotivada com os resultados apresentados pelo seu material. O lançamento da primeira edição foi em 11 de setembro de 1968, com o título “Veja e leia”. De acordo com a revista Imprensa (1988), esta expressão serviu para contornar qualquer dificuldade do leitor como não acessar o conteúdo da matéria por não saber ler, a imagem estava adicionada. A revista veio a se consolidar como grande veículo junto ao mercado consumidor quando um grupo econômico poderoso, como a Editora Abril, integrou-se e deu a ela suas características próprias. Vale destacar que estas novas características já estavam baseadas nos já consagrados modelos norte-americanos *Time* e *Newsweek*, diferente de outras publicações bem-sucedidas da casa, como a Claudia e Realidade.

Personagem viva na era da ditadura, a revista enfrentou a censura, cortes, e exceções ao chegar nas bancas de jornais. Com o Ato Institucional n.º 5, caracterizado como a mais autoritária lei de exceção dos militares, a revista quase foi silenciada e fechada. De acordo com Civita (1986), o reflexo disso foi que, algumas edições da Veja, foram censuradas, e tiveram alguns episódios onde o local de trabalho foi invadido e depredado. De acordo com o site da Editora Abril (2020), a partir de maio de 1969, a revista começou a enfrentar problemas de

vendagem e, com isso, Mino Carta criou uma estratégia para recuperar a força que a revista tinha. A sugestão de Mino Carta foi a de criar fascículos semanais sobre a história da conquista da Lua, que terminariam na semana em que a Apollo 11 chegasse ao satélite. A outra ideia foi realizar uma entrevista semanal de abertura da revista e a aposta em um caderno de investimentos, que seria incluso ao final de cada edição. Essas medidas serviram para a recuperação das edições e as ideias de Mino Carta, sobre a abordagem do homem na lua, fizeram surtir interesse dos leitores. Uma das condições possíveis de serem identificadas na revista é que a entrevista da página amarela permaneceu dando crédito a pessoas que possuem um certo grau de notoriedade. A questão do caderno de economia, já publicado anteriormente em outras revistas, foi um sucesso e se transformou em uma publicação independente em 1970, com o nome de revista Exame. A questão de fazer com que as pessoas virassem assinantes em 1972, de acordo com a Editora Abril (2020), garantiu uma alavancagem significativa de vendas, que ao final de quatro anos alcançou os primeiros 100 mil assinantes, abocanhando todo o território nacional.

De acordo com a edição da *Veja* 50 anos (2020), com as transformações mundiais acontecendo de forma acelerada, a revista começa a ganhar uma forma direcionada a escrever sobre assuntos de política, novas descobertas voltadas as áreas de ciências e necessidades de respostas sobre como entender o mundo dos homens e das mulheres de forma mais imediata — e qual o sentido de tudo isso. Os assuntos tomaram forma de mais factuais e imediatos e proporcionaram à revista uma nova identidade. A partir disso, criaria no leitor a necessidade de saber sobre fatos ocorridos dentro e fora do Brasil. De acordo com Souza (1988), a revista possui uma categoria de jornalismo que faz as interpretações dos fatos, o investiga e o analisa, sendo uma redação investigativa que busca achar sentido sobre as suas causas e origens. Souza (1988) revela que a revista busca também uma ligação entre estes fatos e oferece a explicação que lhe compete ser a melhor. O quadro profissional que escreve na revista e participa de outras formas de sua produção entende, de acordo com Souza (1988), que para continuar escrevendo na revista, deve-se possuir certa capacitação, intelectualidade e um certo charme que garanta à *Veja* uma inserção eficiente e eficaz sobre assuntos de maneira técnica eficiente e eficaz que consiga de forma rápida atender os anseios de uma parcela de leitores — que são de setores médios da sociedade brasileira. Os profissionais deviam dominar diversas tecnologias advindas do período de modernização no Brasil e que, de acordo com Souza (1988), era necessário entender destas novidades tecnológicas que estavam sendo utilizadas pelas empresas de comunicação ou, pelo menos, estar por dentro dos modelos do jornalismo aplicado pelos norte-

americanos que demonstravam alta tecnologia na TV. De acordo com o site da Editora Abril (2020), as novas publicações da revista estão direcionadas às transformações que a acompanham, como: capitalismo, diversidade, cultura, modernização, acesso a novas camadas que antes eram impenetráveis e à política que determina um determinado contexto histórico. Com isso, pelas palavras de Civita (1968), quando divulgou a “Carta do editor” publicada no primeiro número da revista e assinada por ele:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa ter informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de Veja (CIVITA, “CARTA DO EDITOR”. VEJA, Nº 1, SETEMBRO DE 1968)

Os dados da Revista Imprensa (1988), dizem que, a partir de 1976, a Veja consegue se estabilizar no mercado de revistas e começa a operar com mais de 170 mil exemplares/semana. As características gráficas, de acordo com Souza (1988), foram introduzidas dois anos mais tarde de forma definitiva, como o uso de cores em suas edições nas capas, nas imagens e em todo o contexto da revista. Após esta revisão, a revista passa a ter sua circulação de acordo com a revista imprensa (1988) de uma média de 250 mil exemplares/semana, dos quais 200 mil fazem parte da lista de endereços de assinantes. Souza (1988) diz que, em 1979, Élio Gaspari passa a trabalhar com Guzzo como se fossem uma dupla e esta parceria garantiu um novo estilo na revista que se potencializou. A dupla “Gaspari” foram os responsáveis por diversos textos que foram aclamados pela imprensa mundial: o Caso Baungartem, a doença, agonia e morte de Tancredo Neves, e assim por diante. Ocorreu um período, de acordo com a revista imprensa (1988), onde José Roberto Guzzo começa a trabalhar diretamente na seção de Economia e Negócios e com isso, a Veja começa na década de 80 a alcançar 400 mil exemplares/semanais, com 340 mil assinantes.

Atualmente, de acordo com o site da Associação Brasileira das Empresas de Monitoramento de Informação o ABEMO (2020), as principais publicações semanais impressas perderam mais de meio milhão de exemplares só em 2019. Somando impresso e digital, a Veja caiu 32%. Ainda, segundo dados da mesma fonte, a Veja era uma revista que fazia sua promoção em torno da concepção de ser uma das maiores revistas impressas em circulação do planeta. Por algum tempo, escreviam que a revista possuía mais de um milhão de exemplares. Agora, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC) de setembro de 2019, foram 243 mil cópias em papel. Parece que existe ainda no imaginário da classe média brasileira que a

revista é fundamental e preenche as necessidades de leitura devido ao seu alcance e projeção em números. Mesmo com sua queda, a revista ainda se mantém à frente de suas concorrentes e é possível dizer ser um hábito a sua leitura em determinados grupos sociais.

4.1.1 IDENTIFICANDO OS COMPONENTES PARA ANÁLISE

Ao verificar as capas da revista e suas matérias, percebemos que algumas delas não faziam referência à matéria. Ou seja, na capa, temos um título; e na matéria, observamos outro assunto. É possível observar essas edições no quadro 2.

Edições/ Ano	Título da Capa	Descrição Efetiva da Matéria
2378 de Junho de 2014	Hino, Neymar, vaia	A capa estampa a imagem de Neymar, Dilma, Temer e do público no Maracanã, porém, a matéria é sobre política e a vaia que presidente Dilma tomou no estádio.
2168 de Junho de 2010	DNA	Aborda o assunto sobre ciências, porém, traz na capa um jogador de futebol.
2569 de Fevereiro 2018	A Ciência da Felicidade	Para abordar o assunto da felicidade representa em sua capa uma mulher negra fantasiada num bloco de carnaval.
2562 de Dezembro de 2017	Tem que manter isso aí, viu?	A capa estampa a diversidade com imagens de pessoas negras, porém, o assunto é sobre Temer e denúncias.

Quadro 2 - Edições que divergem da matéria de capa.
Elaborado pela autora.

Foi possível identificar que algumas capas abordam o assunto sobre racismo, porém, as imagens e matérias apresentadas representam estereótipos de caricatura, escravidão e pessoas negras comparadas a animais. Observa-se essas edições no quadro 3.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2543 de agosto de 2017	O avanço das cotas	A capa diversifica pessoas negras como imagens em caricatura para escrever sobre cotas em universidades.
2557 de novembro de 2017	Como é ser negro no Brasil	A capa reproduz o tempo de escravidão com a imagem de uma escrava carregando um bebê branco para escrever sobre racismo no Brasil.
2360 de fevereiro de 2014	Civilização Barbárie	A capa estampa um homem acorrentado a um poste e a matéria compara esta barbaridade ao tempo da escravidão.
2372 de maio de 2014	Aqui, Ó!	A capa estampa o jogador Daniel Alves fazendo um gesto de "dando banana" e a matéria fala sobre racismo.

Quadro 3 - Edições com imagens de pessoas negras e matéria sobre racismo
Elaborado pela autora.

Percebe-se uma incidência de assuntos sobre crimes vinculados a jogadores de futebol, conforme pode ser observado no quadro 4.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2098 de fevereiro de 2009	Porque eles nunca crescem?	Exclusivo: a história completa da confusão
2172 de julho de 2010	Traição, orgias e horror	Trazem em em seus assuntos crimes e vítimas vinculadas a homens assassinos, mulheres como vítimas, política e futebol.
2638 de junho de 2019	Reputação em jogo	Com uma série de problemas fora de campo, desta vez uma denúncia de estupro, Neymar perde patrocínio

Quadro 4 -Edições com jogadores de futebol e crimes
Elaborado pela autora.

Verifica-se que algumas capas, contendo assuntos relacionados a política, possuíam maiores representações de homens do que de mulheres, conforme observado no quadro 5.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2391 de setembro de 2014	A fúria contra Marina	Descreve as mentiras inventadas por seus opositores contra Marina
2388 de agosto de 2014	Marina presidente?	Marina Silva, é representada como uma incerteza para governar o país.
2096 de janeiro de 2009	Obama	Fala sobre os desafios de Obama no poder
2104 de março de 2009	Camarada Obama	Fala sobre a estatização da economia nos EUA e de como Obama pôde não ser tão camarada assim.
2209 de março de 2011	Barack Obama	Entrevista com Obama
2228 de agosto de 2011	O martírio americano	Crucifica Obama e fala sobre seus erros como um vacilo dele e de sua equipe.
2213 de março de 2013	Chávez	Fala sobre o governo de Chávez e a herança sombria que ele deixou no país.
2338 de setembro de 2013	Vacilou	Matéria sobre a espionagem ao Brasil e a exposição dos dilemas de uma superpotência.
2351 de dezembro de 2013	O guerreiro da paz	Matéria sobre vida e legado de Nelson Mandela
2376 de junho de 2014	E agora, Joaquim	O ministro do STF entrou para história identificado com o fim da impunidade para os poderosos.
2388 de agosto de 2014	Marina presidente?	Fala sobre a entrada da ex senadora na corrida eleitoral para a presidência do Brasil.

Quadro 5 - Edições relacionadas à Política com mais homens que mulheres
Elaborado pela autora.

Verificou-se que as representações de pessoas negras e de mulheres negras profissionais possuem vínculo com pessoas brancas, ou seja, elas aparecem em maior quantidade quando junto de pessoas brancas, conforme é possível notar no quadro 6.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2178 de agosto de 2010	A pesca dos indecisos	No horário político da TV
2169 de junho de 2010	Para sair do empate	O inédito equilíbrio nas pesquisas acirra a disputa entre Serra e Dilma
2389 de setembro de 2014	Como Dilma e Aécio tentam parar Marina	A quatro semanas das eleições, os dois fortes contendores revelam suas estratégias
2578 de março de 2018	Quem ganha este jogo?	Com a prisão de Lula Alckmin, Marina e Meirelles ficaram sozinhos no páreo da disputa eleitoral.
2392 de setembro de 2014	As armas para a decisão	Racionalidade, emoção e poder
2394 de outubro de 2014	A cartada final	Marina Silva e Aécio Neves travaram no debate da Globo

Quadro 6 - Edições com mulheres negras na política e pessoas brancas
Elaborado pela autora.

Observa-se que as edições inseridas no quadro 7 demonstram representações de homens negros inseridos no esporte na revista.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2381 de julho de 2014	Agora é na raça	Atacado pelas costas pelo colombiano Zuniga, o craque Neymar fratura uma vértebra e está fora da copa faz uma referência dúbia a questão relacionada a raça, temos agora é na raça por Neymar ser um homem negro ou por ele ter que sair da copa?
2568 de junho de 2018	Uma copa de alma Russa	A matéria traz os perfis, costumes e almanaque da Rússia
2542 de agosto de 2017	O jogador de 1, 5 milhão de reais	Os bastidores da venda milionária de Neymar para Paris
2489 de agosto de 2016	A fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt	Eu chorava quando perdia para um colega de escola
2377 de junho de 2017	1,2,3,4,5 Hexa	A confiança do capitão - edição especial
2354 de janeiro de 2014	Uma copa dois países	Os desafios para o Brasil em 2014, dentro e fora do gramado
2260 de março de 2012	O gladiador tranquilo	Anderson Silva, brasileiro campeão de artes marciais, é o maior ídolo do esporte que mais cresce no mundo (...)
2223 de junho de 2011	Finalmente surge um craque da linhagem de Pelé	Reymar

Quadro 7 - Representações de pessoas negras no esporte
Elaborado pela autora.

Identifica-se, de acordo com o quadro 8, representações sobre crimes e vítimas na revista Veja entre homens, mulheres, meninos e meninas.

Edição/Mês Ano	Título da capa	Descrição efetiva da matéria
2430 de junho de 2015	Vão ficar impunes?	Traz em sua capa meninos que cometeram crimes. Eles estupraram, torturaram, desfiguraram e mataram, porém, são menores de idade e na matéria são tratados como adultos.
2203 de fevereiro de 2011	Preso e ainda no comando	Como Fernandinho beira mar, o bandido mais perigoso do país, continua a traficar, matar, sequestrar e controlar territórios
2574 de março de 2018	A quem interessava matar esta mulher?	A execução da vereadora Marielle Franco com quatro tiros na cabeça levanta a suspeita do crime
2659 de novembro de 2019	Barbaridades em série	Baseada em uma mentira, a inclusão do presidente Jair Bolsonaro na investigação do assassinato de Marielle Franco
2638 de junho de 2019	Reputação em jogo	Com uma série de problemas fora de campo, desta vez uma denúncia de estupro, Neymar perde patrocínio
2212 de abril de 2012	Monstro ao lado	
2356 de janeiro de 2014	A 411 ^a vítima	Ana Clara, 6 anos, foi queimada viva por bandidos no Maranhão no terceiro dia de 2014.
2149 de janeiro de 2010	Haiti	Do caos a esperança
2360 de fevereiro de 2014	Civilização Barbárie	Rio de Janeiro, sede da filial da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016, vitrine do Brasil potência
2525 de abril de 2017	Eu sofri assédio sexual	A figurinista da Globo que denunciou o galã José Mayer

Quadro 8 - Representações de crimes e vítimas entre homens, mulheres, meninos e meninas
Elaborado pela autora.

Das 638 revistas observadas no acervo da Veja, entre o período de 2009 a 2020, relacionadas a pessoas negras e mulheres negras profissionais em suas capas e matérias, identificou-se um total de 51 revistas. Deste total, tem-se: 32 homens, 13 mulheres, 1 índio, 4 meninos e 1 menina. A figura abaixo representa o panorama observado de forma quantitativa de pessoas não brancas, distribuídas pelos participantes.

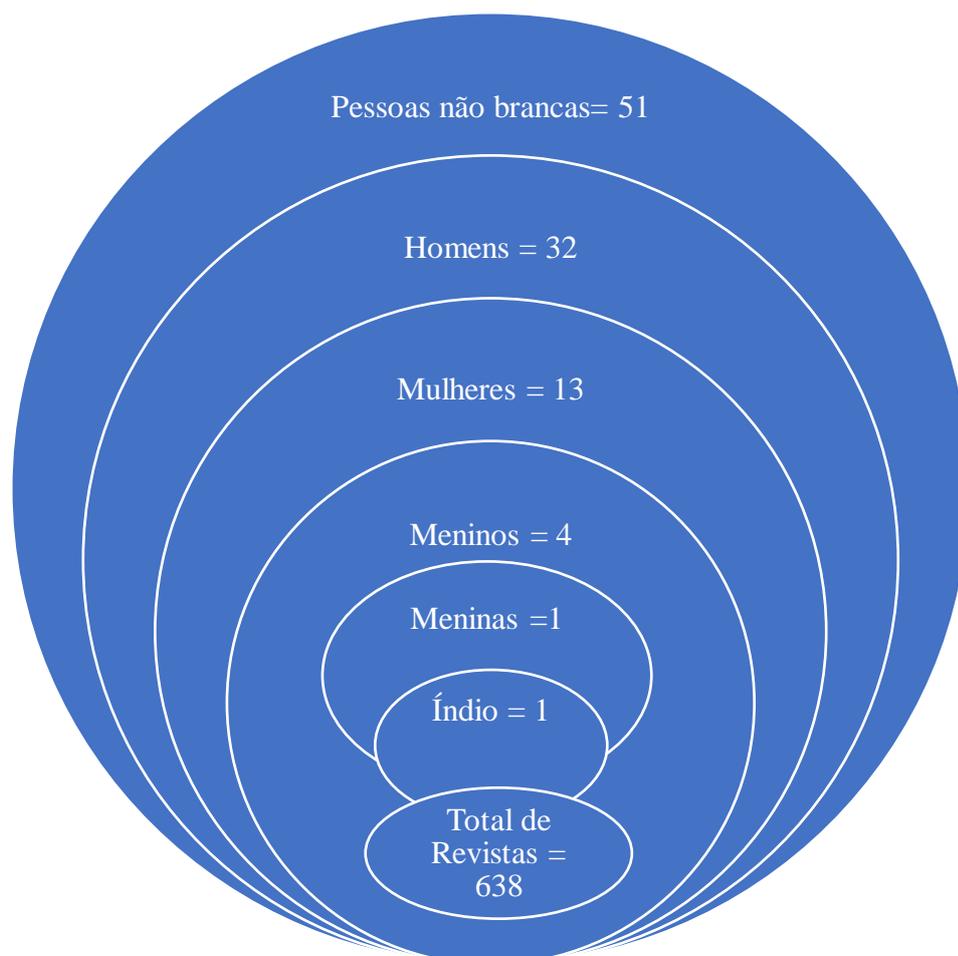


Figura 2 - Relação quantitativa de pessoas não brancas na capa da revista Veja
Elaborado pela autora.

4.1.2 PANORAMA GERAL DO CORPUS

É possível observar que a revista inclui imagens em suas capas e nem sempre insere letras e pessoas nestas representações. Isso, conforme informado no breve histórico da revista

Veja, além de servir para chamar a atenção para o produto da capa, faz parte do processo de inserção de pessoas não alfabetizadas como consumidoras da revista. Identificou-se um total de 246 edições com capas contendo imagens ilustrativas que não farão parte das análises da pesquisa.

Numa amplitude geral de assuntos na revista Veja, conforme as tabelas e figuras de identificação do corpus, foi possível perceber uma constância com relação aos assuntos e aos seus respectivos temas. A pesquisa não se propõe a responder sobre a quantidade de pessoas brancas identificadas na revista, mas como o levantamento foi em torno do seu acervo, identificamos uma relação maior de pessoas brancas representadas. Tem-se um total de 587 pessoas brancas contra 51 pessoas não brancas na revista. Essa identificação levou à percepção de que, na revista, alguns assuntos por suas temáticas se relacionam de forma repetida com alguns temas.

Por exemplo, como se pode observar no quadro 9, existe uma relação entre política com mais homens do que mulheres, assim como percebe-se uma maior incidência de homens no futebol e no esporte enquanto mulheres não aparecem nessa temática. Os crimes são mais cometidos por homens e até meninos, enquanto mulheres, meninos e meninas são vítimas. Na cultura, tem-se 3 homens e 1 mulher, no lazer 1 mulher, 1 indígena, 1 caricatura representando pessoas negras e na área profissional há 3 homens e 4 mulheres. Essa divisão foi proposta pelos assuntos que mais se destacaram nas análises da revista.

Pessoas não brancas por categorias = 60				
Categorias				
Temas	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas
Futebol	12		1	
Profissão	3	4		
Indígenas			1	
Vítima		2	2	1
Política	9	8	1	
Crimes	3		4	
Esporte	2			
Cultura	3	1		
Caricaturas	1	1		
Diversidade, Lazer, Ciência e Saúde		1		
Total	33	17	9	1

Quadro 9 - Representações de pessoas negras e mulheres negras profissionais pelo tema
Elaborado pela autora.

4.1.3 ANÁLISES DO PROTOCOLO DE MACHIN E MAYR

A partir da análise dos assuntos que foram expostos no panorama geral do corpus, foi identificado que as representações utilizadas na revista sobre pessoas negras, estão ligadas ao tempo histórico e cultural da revista; e que os colunistas e redatores que escrevem na revista podem ou não romper com procedimentos e padrões tradicionais nela inseridos. É possível notar que algumas práticas observadas nas suas capas são para alavancar a vendagem e atrair um público que possa obter dificuldade na leitura e entendimento da matéria. Em todas as capas, foram identificadas, de acordo com Machin e Mayr (2012), a utilização de elementos semióticos que direcionam à leitura dos participantes como personalizados, estereotipados, iluminados, coloridos e suprimidos. Os títulos e subtítulos contém letras maiúsculas como recurso de chamar atenção para a matéria, e o uso de subtítulos que apresentam uma síntese minimizada sobre a matéria a ser conhecida.

É possível notar estes recursos, conforme observado na (figura 3). A imagem possui uma distância próxima, o participante com ângulo lateral e os recursos semióticos utilizados estão representando o participante como um indivíduo personalizado. Identifica-se o participante de forma descrita “Obama”, presidente dos Estados Unidos. Os subtítulos estão logo abaixo, identificando uma síntese do que será lido na matéria. A representação está estereotipada, pois a imagem de Obama está atrás das listras da bandeira americana que, de acordo com Machin e Mayr (2012), indica que o participante está sendo suprimido.



Figura 3 - Barack Obama na Veja
 Fonte: Revista Veja: Edição 2096 de janeiro de 2009.

Tendo em vista que os discursos, de acordo com Fairclough (2001), são direcionados às relações de poder, identificamos que a revista representa o participante na matéria como uma pessoa personalizada e como um indivíduo específico, que possui certo nível de autoridade, características e traços que o identificam como uma personalidade notória na revista.

O novo presidente: sua posse será um evento global com uma segurança espetacular (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Na noite em que conquistou o direito de candidatar-se à Casa Branca, em junho passado, Barack Hussein Obama comemorou diante de eleitores entusiasmados [...] (REVISTA VEJA, 2009).

Ao tomar posse como o 44º presidente dos Estados Unidos, Obama herdará um país com poderes incontestáveis (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

É o começo ou o fim? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Como o primeiro negro a presidir o país, a posse de Obama é mesmo um coroamento de uma jornada histórica (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Nota-se que existe uma noção de inserir o participante como uma estatística, atribuindo a ele uma característica de quantificação na matéria.

Um evento de Impérios e de forma global e que sua solenidade vendeu mais de 240.000 ingressos e que Washington espera receber entre 2 milhões e 4 milhões de visitantes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Além disso, a característica dos assuntos da revista são sobre atualidades e factuais e isso auxilia a identificar que as relações de poder definidas por Fairclough (2001) são direcionadas a grupos distintos.

Observa-se através do histórico da revista Veja a existência de um contexto de matérias com perfil sobre atualidades, porém, uma das relações desiguais que podem ser entendidas por Machin e Mayr (2012), como uma forma de desigualdade nas relações, é a única capa contendo um índio na revista. Conforme a figura 4, a capa apresenta um menino índio onde se identificam os mesmos recursos semióticos de apresentação de capas para alavancagem de vendas em revista. De acordo com Machin e Mayr (2012), isso pode ser um recurso de suprimir um assunto para chamar a atenção para outro.



Figura 4 - Menino índio na Veja.

Fonte: Revista Veja: Edição 2130 A de setembro de 2009.

A questão da exclusão de tribos indígenas na matéria traz a percepção de que os participantes foram suprimidos e representados como indivíduos em grupos, o que para Machin e Mayr (2012) não os representa. Identificou-se que o participante foi quantificado e tratado como estatística quando o assunto é sobre aldeias indígenas em Manaus, mas não foi possível, na matéria, perceber uma menção a outros indígenas.

Alcindo Nicanor Alfredo, Alcindo é um índio Ticuna (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130 A DE SETEMBRO DE 2009).

Índio que MBA (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130 A DE SETEMBRO DE 2009).

Índio que nasceu numa maloca no município de Benjamin Constant, fronteira com o Peru (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130 A DE SETEMBRO DE 2009).

A população indígena de Manaus já é tão grande quanto a das maiores aldeias da Amazônia [...] Há na cidade mais de 12.000 índios e os indicadores apontam um baixo padrão de vida (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130 A DE SETEMBRO DE 2009).

Tendo em vista que as representações, de acordo com Machin e Mayr (2012), são direcionadas a ideologias específicas e políticas do momento, observamos que a matéria fala sobre uma Amazônia que não é tão significativa em termos sustentáveis.

Na figura 5, de acordo com Machin e Mayr (2012), pode ser observado um recurso semiótico que representa o participante como uma pessoa específica e individualizada. Identifica-se o Robinho, jogador de futebol. A representação de capa está estereotipada mas, vale ressaltar que, a imagem está associada ao momento em que Robinho foi pai. Essa representação apesar de infantil atribui Robinho ao futebol e a crimes, como ele não crescesse nunca.



Figura 5 - Robinho na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2098 de fevereiro de 2009.

É sabido que, para determinados grupos, de acordo com Fairclough (2001), alguns discursos podem influenciar na maneira de agir e até mesmo pensar a representação de Robinho como a de uma criança.

A síndrome de Peter Pan dos milionários de calção pega mais um, Robinho, acusado de agressão sexual na Inglaterra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

A acusação de ter cometido agressão sexual em uma boate da Inglaterra revela a face imatura de Robinho, a mesma de outros atletas que saltaram da pobreza para o estrelato (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

Talento dos Santos galáctico, do Real Madrid e atual detentor do título de jogador mais caro do mundo no Manchester City, o atacante Robson de Souza, o Robinho de 25 anos, é sempre lembrado por seu futebol alegre (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

Inventa dribles, cria malabarismos e apresenta comemorações inusitadas para seus gols (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

Percebe-se um certo apanhado de crimes cometidos por outros jogadores e atletas que conferem a Robinho uma espécie de quantificação e comparação aos demais atletas.

Há muitos exemplos de jogadores que não conseguem amadurecer [...] Ronaldo o Fenômeno e Cristiano Ronaldo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

A revista, em seu título, atribui o uso de pronomes e perguntas que, de acordo com Machin e Mayr (2012), direciona os leitores para específicas ideias.

Por que eles nunca crescem? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

A autoridade na revista pode ser notada na figura 6. A imagem de capa possui os mesmos recursos semióticos utilizados pela revista que, de acordo com Machin e Mayr (2012), são utilizados para representar o participante como indivíduo do tipo específico e com notoriedade. No caso da capa, identifica-se Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, e a sua representação está estereotipada apresentando o participante colorido e caracterizado como socialista.



Figura 6 - Barack Obama na Veja.
Fonte: Revista Veja. Edição 2104 de março de 2009

Observa-se que, no texto da matéria, Obama é representado como um participante personalizado, do tipo específico, com determinadas características e com certo nível de autoridade. Como Obama é uma pessoa com certo grau de autoridade, é possível observar que ele aparece como uma estatística para representar a importância do mesmo. Identifica-se, no título da matéria, o uso de pronomes para alinhar os leitores, contra ou a favor de específicas ideias que a revista vincula.

Obama e a bandeira americana no estilo do realismo socialista” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

[...] medidas tomadas por Obama, estão colocando os Estados Unidos na rota do socialismo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

O assunto virou capa de revista e estão nos adesivos dos carros que saúdam o presidente Obama como o Camarada Obama (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

A imagem de Obama aparecia decorada com foice e martelo, o símbolo de partidos comunistas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

Pesquisa do Instituto Gallup, realizada em 1937, mostrou que 42% dos americanos eram contra o controle estatal dos bancos e 41% a favor (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

Socialismo? Qual? Onde? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

As representações direcionam ao olhar mais atento da revista sobre uma ideologia voltada para a política.

Na figura 7, é possível identificar que os recursos semióticos utilizados, de acordo com Machin e Mayr (2012), representam as escolhas da revista para produzir um significado. No caso da imagem de capa, identifica-se pessoas como figuras anônimas e não descritas como indivíduos do tipo específico. A representação é de um local de guerra e a iluminação na imagem é apenas no menino e no seu socorrista. Os demais participantes estão escurecidos.



Figura 7 - Menino resgatado no Haiti na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2149 de janeiro de 2010.

É possível identificar um país em guerra com a criança trazendo a esperança, um renascimento em meio ao caos, porém, não é o que se observa na matéria. Alguns termos conferem um certo nível de autoridade aos participantes, de forma aleatória e reforçando os estereótipos de caos no país. Características e traços específicos dos participantes são apresentados na matéria como forma de opressão e poder. É possível identificar uma quantificação dos participantes, porém atribuída a uma contagem indefinida de corpos espalhados pela cidade.

Multidão no centro destruído de Porto Príncipe: saques, socos, brigas e uma única lei, a dos mais fortes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

Crime desorganizado: Há duas penas em vigor no Haiti para saqueadores, uma é pelo linchamento coletivo em praça pública e o segundo não menos brutal é enfrentar a fúria da polícia (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

Desesperados, sobreviventes saqueiam, atacam e brigam até por restos dos destroços do terremoto (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).
 Foram 750.000 corpos lançados em fossas, mas quem os contou? Praticamente inexistente, o governo anuncia planos de transferir 400.000 desabrigados da capital (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

De acordo com Machin e Mayr (2012), para alinhar os leitores contra ou a favor de ideias específicas, é possível perceber que no título da capa ocorreu uma certa suavização do problema sobre a guerra no Haiti e no título da matéria o discurso utilizado traz um fator contraditório.

Do caos a esperança (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

O caos depois do desastre (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

Os recursos na matéria fazem parte da ideologia política utilizada pela revista e a sua característica comercial em termos de vendas.

É possível identificar nas representações de pessoas negras um viés político atribuído a revista e que, de acordo com Machin e Mayr (2012), percebe-se como recurso semiótico uma caricatura com imagens suprimidas na capa. Na figura 8, é possível reconhecer os participantes como indivíduos do tipo específico que, no caso da imagem são: a Dilma, o Aécio e a Marina. As representações estão estereotipadas pelo fato de estarem todos caricaturados na imagem de capa.



Figura 8 - Marina Silva na Veja.

Fonte: Revista Veja. Edição 2169 de junho de 2010

A representação relevante para esta pesquisa é da Marina Silva. Ao mesmo tempo que atribuem a ela um certo grau de autoridade, Marina aparece na matéria atrás de Dilma e José Serra. Os participantes são quantificados e tratados como estatísticas nas projeções de voto da corrida na disputa eleitoral.

José Serra do PSDB, Dilma Rousseff do PT e Marina Silva do PV (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

José Serra e Dilma Rousseff protagonizam hoje a campanha presidencial mais apertada que o Brasil já viu. (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

[...] A candidata que se contrapõe à polarização PT – PSDB é Marina Silva do PV (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010)

Os eleitores se dividem de forma desequilibrada entre Dilma e Serra [...] Como a tradição anti - petista é forte no estado de São Paulo os tucanos apostam numa

migração maciça deste eleitorado para Serra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Marina Silva, hoje com 9% das intenções de voto, José Serra com 37% das intenções de votos e Dilma Rousseff com empatada com Serra em 37% das intenções de votos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

A partir dessas representações, constata-se o que Machin e Mayr (2012) observam como suprimir, agrupar ou excluir a imagem de determinados grupos e, neste caso, Marina Silva está em meio a duas pessoas brancas, correndo atrás das mesmas.

As representações da revista são ligadas aos homens no futebol. Verifica-se, na figura 9, a imagem de Luís Fabiano, jogador de futebol que foi representado como um tipo específico e personalizado. Os recursos semióticos utilizados para representar o participante, de acordo com Machin e Mayr (2012), vinculam algum valor a matéria, que no caso, está atribuída à matéria sobre DNA.



Figura 9 – Luís Fabiano na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2168 de junho de 2010.

Observa-se que, de acordo com Machin e Mayr (2012), existe uma pessoa personalizada, representada como um indivíduo específico, com certo nível de autoridade e traços que revelam uma especificidade que é única de Luís Fabiano.

Os caminhos genéticos de Luís Fabiano e do filho de escocês Charles Miller, que trouxe o futebol para o Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2168 DE JUNHO DE 2010).

O craque da seleção brasileira: ele vai brilhar no continente onde nasceu o Homo Sapiens, ancestral da humanidade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2168 DE JUNHO DE 2010).

Os ancestrais de Luís Fabiano e de Charles Miller, introdutor do futebol no Brasil, saíram juntos da África, agora palco da grande festa do esporte (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2168 DE JUNHO DE 2010).

O participante aparece de forma quantificada para que seja explicada a matéria sobre a rota do DNA pela África.

Pelo estudo das mutações das moléculas responsáveis pela transmissão das características hereditárias, os cientistas conseguem identificar os caminhos evolutivos das pessoas [...] O mais recente ancestral comum a ambos viveu há 45.000 anos na Ásia (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

No caso da imagem de Luís Fabiano na capa utilizada para representar uma matéria sobre DNA, é possível caracterizar uma objetivação da revista em representar pessoas negras com significados coletivos onde Luís Fabiano é associado a uma matéria sobre ciência.

Conforme é visto na figura 10, as representações estão associadas aos homens no futebol. Identifica-se que o participante aparece de forma individualizada e com sua imagem iluminada e colorida, ressaltando-o como forma de entrar num assunto mais profundo.



Figura 10 - Goleiro Bruno na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2172 de julho de 2010.

Os recursos semióticos utilizados, de acordo com Machin e Mayr (2012), representam o participante como um indivíduo do tipo específico que, no caso da imagem de capa, identifica-se o ex - goleiro Bruno do Flamengo. A representação está estereotipada e a imagem aparece iluminando o rosto de Bruno com uma luz amarela e ao fundo é possível perceber a imagem de Eliza Samudio sumindo ao lado dele. A matéria representa o participante como personalizado,

com certo nível de autoridade e com traços e características específicas que atribuem uma certa autoridade.

Bruno Fernandes, suspeito de ter assassinado a ex - amante Eliza Samudio (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

O suspeito número 1 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

O mundo do goleiro do Flamengo, ídolo da maior torcida do Brasil, ameaça ruir (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

Ídolo e capitão do time mais popular do Brasil, o goleiro Bruno do Flamengo é investigado pelo desaparecimento da ex amante (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010, p.??).

Identifica-se comparativos entre os participantes que são apresentados na matéria e ao Bruno como forma negativa.

Vagner Love aparece chegando a um baile na favela da rocinha, na zona sul do Rio do Janeiro, alegremente acompanhado por traficantes (...) Adriano o imperador, deu uma moto de presente à mãe de um bandido conhecido como Mica, chefe do tráfico da favela de Chatuba (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

As representações refletem um certo posicionamento: que o futebol agrega pessoas que saíram de um lugar mais humilde e que estas perdem a direção com a fama e a glória.

As mulheres negras podem ser observadas nas imagens que são atribuídas a elas na capa da revista na área política. Na figura 11, como abordado por Machin e Mayr (2012), elas aparecem coloridas, suprimidas e vinculadas a outros participantes. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes de forma caricata e os representa como indivíduos do tipo específico. No caso da imagem observa-se que Marina Silva, Dilma Rouseff e José Serra estão dividindo a mesma capa e as representações são estereotipadas pelo assunto política.



Figura 11 - Marina Silva na Veja.

Fonte: Revista Veja. Edição 2178 de agosto de 2010.

As representações direcionadas aos participantes indicam certa autoridade na matéria sobre política. No entanto, Marina Silva aparece com certas características e traços específicos que não são atribuídos aos outros participantes. Identifica-se uma certa individualização a José Serra, no sentido de atribuir valor ao participante de forma notória, e uma certa quantificação dos participantes e com abordagem estatística para lidar com assuntos de política.

José Serra, Dilma Rousseff e Marina Silva (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

Serra é o mais preparado para a presidência, [...] o programa revelou um avanço de 7 pontos percentuais na candidatura de Dilma, [...] Marina Silva apresenta-se como uma candidata ética (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

O fato de Marina Silva ter sido alfabetizada pelo Mobral quando tinha 16 anos será explorado, [...] Dilma Rousseff tem discurso desconexo de difícil entendimento, [...] José Serra tem vasta experiência administrativa (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

Dilma Rousseff com 41% das intenções de voto, contra 33% de José Serra, a diferença são de 8% [...] É atrás dos grupos de indecisos que o partido de Marina Silva vai buscar votos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

Indecisos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

A representação de Marina Silva vincula-se a matéria pela indecisão de um determinado público para votar nela. Ou seja, a matéria atribui à Marina Silva algumas características específicas que a fazem ser uma dúvida nas eleições, diferente dos demais participantes da matéria.

Na figura 12, observa-se que a questão do gênero masculino é representada de forma personalizada do tipo específico. Os recursos semióticos utilizados na capa foram utilizados para representar Fernandinho Beira Mar como uma pessoa individualizada e que contém um certo grau de autoridade. É possível identificar uma representação estereotipada em virtude do participante sorrir na imagem, demonstrando, com isso, uma certa ironia sobre o assunto ser um crime. Um recurso recorrente na revista é a iluminação da imagem de pessoas negras.



Figura 12 - Fernandinho Beira Mar na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2203 de fevereiro de 2011

De acordo com Machin e Mayr (2012), a revista apresenta o participante com muita notoriedade e é possível reconhecer características e traços específicos do participante que são contempladas na matéria.

Como Fernandinho Beira Mar [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Dez a zero para Beira Mar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

O bandido mais perigoso do país continua a traficar, matar, sequestrar e controlar territórios de dentro de sua cela (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Preso há dez anos em cadeias de segurança máxima, o bandido continua sendo o mais poderoso líder do tráfico de drogas no país (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Observa-se uma questão de quantificar o participante e o representar como um homem poderoso, descrevendo seus feitos:

Sua quadrilha negocia, em média, 200 quilos de cocaína e 300 quilos de maconha por mês (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Observa-se, também, que as representações de homens na revista refletem uma certa notoriedade e características específicas que tendem a privilegiá-los mesmo quando este participante é um criminoso.

No caso da figura 13, podemos identificar que os recursos semióticos utilizados para representar o participante o apresentam como um indivíduo do tipo específico. É trazido o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, com sua representação estereotipada pelo fato de sua pele estar iluminada. De acordo com Machin e Mayr (2012), são procedimentos que indicam uma representação mais homogênea para determinados grupos.



Figura 13 - Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2209 de março de 2011.

O participante aparece como pessoa personalizada, com nível de autoridade grande e características específicas que indicam que Obama é uma notoriedade.

Barack Obama fala a Veja (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2209 DE MARÇO DE 2011).

Obama e sua circunstância: um presidente tranquilo de um país nem tanto (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2209 DE MARÇO DE 2011). [...]

Quais são as suas impressões do Brasil que lhe ficaram gravadas na memória quando, na juventude, assistiu ao lado da sua mãe, a fita Orfeu Negro de 1959, filmada durante o carnaval do Rio de Janeiro? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2209 DE MARÇO DE 2011).

Observa-se que o participante se encaixa de forma a representar uma ideologia na revista que possui suas representações direcionadas à política, algo aceito pelos grupos sociais que compõem os seus leitores, neste caso, homens na política.

Na figura 14, percebe-se que os crimes hediondos na revista possuem personalização e seus participantes são identificados como indivíduos do tipo específico. No caso da imagem, identifica-se Wellington Menezes de Oliveira, responsável pelo assassinato de doze crianças na escola de Realengo. A representação é estereotipada. De acordo com Machin e Mayr (2012), observa-se uma necessidade de colorir as imagens para realçar o tipo de crime.



Figura 14 - Wellington Menezes de Oliveira na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2212 de abril de 2011.

Ainda, de acordo com Machin e Mayr (2012), como as representações são desenvolvidas para um determinado grupo social, o participante possui uma edição especial pelo crime que cometeu e a revista faz dele uma pessoa com certo grau de autoridade e com características específicas.

O massacre de doze crianças em uma escola no Rio foi urdido por uma mente doentia que pretendia jogar um avião contra o Cristo Redentor (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

Outras estranhas facetas deste rapaz adotado com dias de vida por parentes da mãe esquizofrênica já tinham vindo à tona antes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

O esquisitão da turma, na descrição de uma ex-colega de turma (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

O Monstro mora ao lado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

Observamos que o uso de determinadas características pessoais pode revelar estereótipos negativos sobre a imagem de participantes negros.

No caso da figura 15, percebe-se que o participante é atribuído como um tipo específico e personalizado. Neymar, jogador de futebol, é visto com uma coroa igual a de um rei, com imagem estereotipada, iluminada e sendo comparando-o com o rei Pelé.



Figura 15 - Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2223 de junho de 2011.

Observa-se que na revista o participante é representado com certo grau de autoridade e características específicas que fazem do participante uma notoriedade no esporte. Neymar é quantificado e representado como uma estatística devido ao seu poder aquisitivo.

Neymar um Pelé para o século XXI (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Finalmente surge um craque da linhagem de Pelé (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Neymar, Reymar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Aos 19 anos Neymar ganha 1 milhão de reais por mês, é titular da seleção, o melhor jogador da América e cobiçado pelos principais times do mundo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Número 1 da propaganda, 1 milhão de reais por mês, fatura com publicidade 850.000 reais com um salário de 150.000 reais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Pode-se observar que a revista busca identificar os homens de forma notória e com alto grau de autoridade em suas profissões. Na questão da matéria, de acordo com Machin e Mayr (2012), o contexto cultural envolvendo determinadas representações fazem com que a imagem

atribuída à Neymar seja de uma pessoa que todos devem seguir dentro de um determinado grupo social.

A respeito de determinados padrões, observa-se que notoriedade e autoridade é algo que a revista busca inserir em suas capas e matérias. Conforme a figura 16, os recursos semióticos que são utilizados na revista apresentam o participante como um indivíduo do tipo específico e, no caso da imagem, identifica-se o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. A representação está estereotipada com a foto iluminada e com Obama representado com diversas flechas pelo seu corpo, semelhante a um santo crucificado.



Figura 16 - Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja.,Edição 2228 de agosto de 2011.

Machin e Mayr (2012) identificam que essas representações expressam determinados desejos e percepções em determinados grupos. Nesse caso, Obama pode apresentar rótulos que o identificam de forma negativa.

A vacilação do presidente Obama [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

O presidente Obama, que sai menor do que entrou: com sua liderança flácida, chegou a virar um espectador da maior crise do seu governo” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

O presidente Obama recebe flechadas por todos os lados (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

A identificação do presidente como uma figura quantificada e como estatística são observadas com relação a comparativos entre pobres e ricos nos Estados Unidos. Essas comparações são direcionadas às pessoas negras na revista de forma a atribuir valor ao seus trabalhos.

Entre 1967 e 2003, uma família na base da pirâmide social elevou sua renda em 28% e no mesmo período uma família no topo da pirâmide aumentou sua fatia em 74%” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

Identificamos na participação de Obama que, de acordo com Machin e Mayr (2012), essas estruturas visuais utilizadas pela revista podem apresentar a produção de diferentes significados para quem observa a revista e uma delas sugere um fator negativo do potencial de trabalho do presidente.

A participação de homens na revista é feita pela relação de seu trabalho. Em sua grande maioria, esses homens são atletas. Na figura 17, observa-se que os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo do tipo específico e personalizado que, no caso da imagem, corresponde ao lutador Anderson Silva. É possível dizer que a representação está estereotipada, pois Anderson Silva aparece na imagem fazendo um sinal de paz, sendo que o assunto é violência.



Figura 17 - Anderson Silva na Veja.

Fonte: Revista Veja. Edição 2260 de março de 2012.

O participante é representado como um indivíduo que possui um certo nível de autoridade em sua profissão e com características e traços específicos de serenidade que o identificam como um grande profissional.

Anderson Silva, brasileiro, campeão de artes marciais [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

O gladiador tranquilo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Ídolo do esporte que mais cresce no mundo [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

E está criado o novo herói do esporte brasileiro, ainda que muitos evitem chamar de esporte as lutas do *Ultimate Fighting Chamionship* (UFC) (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Além disso, é quantificado e tratado como estatística por suas aptidões profissionais e seus feitos na profissão.

Chute lateral 55 quilômetros por hora, velocidade de rotação a perna 1500 graus por segundo, força do chute 900 quilos, soco de direita 37 mil quilômetros por hora e força de 300 quilos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Ao se observar as representações atribuídas aos homens, verifica-se que a revista possui uma forma de se posicionar, de acordo com Machin e Mayr (2012), com construções e conceitos atribuídos de ideias culturais e aceitas como características permitidas à sociedade.

Ideias e conceitos de representações atribuídas a homens e apresentadas como meninos, na revista, podem significar estereótipos negativos da imagem do participante. Na figura 18, identifica-se que os recursos semióticos utilizados para representar o participante atribuem um tipo específico de menino, que no caso da imagem, corresponde a Joaquim Barbosa. A imagem o representa com 14 anos de idade, com uma foto iluminada e desgastada devido ao tempo — e a história do participante adulto é representada pela imagem de uma criança.



Figura 18 - Joaquim Barbosa na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2290 de outubro de 2012.

Observamos o participante como uma pessoa personalizada, representada como um certo nível de autoridade, e com características e traços específicos que o identificam não somente pelo seu grau de autoridade, mas também por sua cor e origem — classe social. Por

ter um grau de autoridade, seus atos são demonstrados na matéria e seus feitos divulgados de forma quantitativa.

Joaquim Barbosa, o Ministro do Supremo Tribunal Federal (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Além do Português, Barbosa domina quatro idiomas – inglês, alemão, italiano e francês (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Há anos o ministro anunciou seu “*last act*” no mesmo tom monocórdio com que discorreu sobre as provas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Mas com Joaquim não tinha essa história de negro, pobre e humilde e ele não se subordinava aos ricos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Em 2009 havia 409 corruptos e corruptores presos no Brasil, num universo de quase 500.000 detentos. No ano passado o número subiu para mócios 632 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Podemos identificar, de acordo com Machin e Mayr (2012), que a revista atribui determinadas características a Joaquim Barbosa, que o fazem ser suprimido na matéria. Suas características de origem e raça são mais elencadas do que sua vida profissional.

Na figura 19, observa-se que o participante possui notoriedade e é conhecido como um indivíduo específico. Os recursos semióticos utilizados representam Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, numa imagem onde o fundo é preto e, de acordo com Machin e Mayr (2012), utilizam cores para representá-lo de forma iluminada, relacionando-o com a diversidade.



Figura 19 - Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2295 de novembro de 2012.

O participante é representado como pessoa personalizada e como um indivíduo específico de autoridade, com características e traços específicos.

OBAMA, a força da demografia na sua reeleição e nas transformações globais” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2295 DE NOVEMBRO DE 2012).

Com a reeleição de Obama, a democracia americana exhibe ao mundo sua capacidade dar voz às minorias e refletir as dramáticas mudanças demográficas em curso nos EUA (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2295 DE NOVEMBRO DE 2012).

Há trinta anos, talvez vinte, só um doido diria que em 2012 a Casa Branca seria disputada entre um negro e um mórmon (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2295 DE NOVEMBRO DE 2012).

Observa-se que o participante é quantificado e tratado como estatística na matéria pelo fato ter se posicionado melhor entre minorias e com assuntos voltados à diversidade.

Entre as minorias, Obama ganhou com 80% dos votos, no plano nacional [...] Entre os assalariados brancos, perdeu por uma diferença de 20 pontos percentuais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

A revista identifica os participantes negros na revista e os caracteriza dessa forma mesmo que esse participante seja uma pessoa com certo grau de autoridade.

Além de apresentar uma prevalência da identificação de homens negros na revista, observa-se uma certa identificação dos participantes como pessoas com certo grau de autoridade na política. Na figura 20, identifica-se recursos semióticos utilizados para representar o participante, identificando-o como sendo Hugo Chávez, o ex presidente da Venezuela. A representação está estereotipada, pois apresenta Hugo Chávez com uma sombra em um dos lados do rosto, uma espécie de sombra negativa no passado de Hugo Chávez no comando na Venezuela.



Figura 20 - Hugo Chávez na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2312 de março de 2013.

Identifica-se o participante como personalizado, representado como um indivíduo específico, com certo nível de autoridade e com características e traços específicos.

Chávez, a herança sombria [...] o populista Chávez (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

A maldição da múmia, [...] Embalsamado para ser exposto na Venezuela, ele assombrará a região por muitos anos com seu legado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

[...] a repetição de um padrão quase infalível entre os seguidores de líderes totalitários, carismáticos e, em muitos casos, assassinos seriais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

Observa-se que Hugo Chávez foi quantificado na representação de como a Venezuela ficou em atraso com sua gestão desastrosa:

A dependência por alimentos importados em 1998 era de 50% em 2011 estava em 70% (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

Essas representações indicam uma ideologia da revista sobre política e atribuem a Chávez um papel negativo, porém, com autoridade.

Na representação da figura 21, observa-se que os recursos semióticos utilizados na capa representam o participante como um indivíduo do tipo específico e que, no caso da imagem, corresponde à Barack Obama. A representação está estereotipada e representa Obama com uma pele iluminada e com a feição decepcionada.



Figura 21 - Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2338 de setembro de 2013.

É possível perceber o traço de autoridade, além de ser descrito com características específicas. Por ser de grande notoriedade, é quantificado e tratado como estatística.

Barack Obama expõe os dilemas de uma superpotência vacilante (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Vacilou (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Obama defende o monitoramento em Berlim (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Barack Obama prometeu acabar com o que chamou de “grampos ilegais dos cidadãos americanos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

No primeiro semestre de 2013, o governo federal foi alvo de 4.227 ataques, um aumento de 38,5% em relação ao mesmo período de 2012 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Observa-se que a revista reproduz uma ideologia inclinada à política. O momento histórico do país comandado por Barack Obama demonstra um certo arrependimento em inserir no governo um homem negro no comando.

Na figura 22, os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos num grupo e como tipos específicos que, no caso da imagem, correspondem a Gilberto Gil, Roberto Carlos, Caetano Veloso e Chico Buarque. As representações estão estereotipadas, pois na imagem da capa os participantes estão coloridos e dividindo a mesma capa como se fossem livros. Esta questão, de acordo com Machin e Mayr (2012), indicam que os participantes estão suprimidos ou coloridos na representação da revista.



Figura 22 - Caetano, Gil, Chico e Roberto na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2344 de outubro de 2013

Os participantes são identificados com certo nível de autoridade, com um traço específico e como pessoas com notoriedade. Por possuírem notoriedade, são quantificados como estatísticas e comparados a países eurocêntricos na divulgação de leis de privacidade.

Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Roberto Carlos enfiaram-se em um labirinto retórico de dar dó (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2344 DE OUTUBRO DE 2013).

Nossos ídolos não são mais os mesmos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2344 DE OUTUBRO DE 2013).

[...] Querem resguardar a privacidade, mas as propostas do grupo resumem-se a apenas uma infame palavra: censura (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2344 DE OUTUBRO DE 2013).

[...] As biografias censuradas são um tiro no pé na democracia, pois é justamente esse tipo de biografia que nossos ídolos querem ver prevalecer no Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2344 DE OUTUBRO DE 2013).

Nem na França cuja lei protege mais a privacidade, há a necessidade de autorização prévia (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2344 DE OUTUBRO DE 2013).

As imagens configuram um único homem negro suprimido e colorido com os demais homens brancos na capa da revista e identificam um recurso atribuído às pessoas negras, de acordo com Machin e Mayr (2012), suprime e individualiza o participante.

Observa-se na figura 23, uma representação de um indivíduo do tipo específico. Os recursos semióticos utilizados apresentam Nelson Mandela e a representação está colorida em cinza.



Figura 23 - Nelson Mandela na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2351 de dezembro de 2013.

Nelson Mandela é representado com nível de autoridade e características que são específicas ao participante.

Nelson Mandela (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

Foi reverenciado ao som de ‘vuvuzelas’ e gritos de ‘Madiba’, o apelido que remete ao nome do seu clã (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

Mandela aos 32 anos, em 1950, com as vestes da tribo Tembu [...] “Dois homens se escondem de policiais em Johannesburgo, onde os negros só podiam circular com visto, como se fossem estrangeiros em seu próprio país” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

As características específicas abordadas na matéria representam o participante como um homem que baseou sua história de vida nas lutas raciais. Porém, mesmo com autoridade, Mandela, de acordo com Machin e Mayr (2012), foi individualizado como um participante tribal e negro, ou seja, identificado por sua classe social e raça.

As crianças possuem representação na revista, porém, aparecem ou como vítimas, ou em crimes, ou para contar uma história de um determinado participante. Conforme observa-se na figura 24, os recursos semióticos utilizados representam a participante como um indivíduo e uma pessoa do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde a uma menina vítima de um crime. Ana Clara tem 6 anos e a representação parece ser de uma imagem de foto.



Figura 24 - Ana Clara, a 411ª vítima na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2356 de janeiro de 2014.

A participante é personalizada, apresentada com características e traços específicos, e é representada de forma quantificada e estatística no caso da agressão que sofreu.

Ana Clara, 6 anos, foi queimada viva por bandidos no Maranhão no terceiro dia de 2014 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

A 411ª vítima (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Aos 6 anos de idade Ana Clara não sabia o que era crueldade, crise no sistema penitenciário ou desgoverno (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Aos 6 anos de idade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Com 95% do corpo queimado, ela ainda conseguiu sair do carro (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

É possível observar que os estereótipos de representação da imagem de Ana Clara são direcionados ao fato de a menina ter sofrido um crime bárbaro, porém, essas representações, de acordo com Machin e Mayr (2012), demonstram uma exclusão destas crianças em determinados grupos sociais.

Na figura 25, é possível observar dois tipos de representações e que elas são comparativas e personalizadas. Os recursos semióticos utilizados para representar os participantes como indivíduos são utilizados ao apresentar o menino e o homem na revista — Neymar e Deyvid Arnaldo da Silva. Observa-se que os participantes são descritos como indivíduos específicos. Na comparação entre as imagens, a representação de Neymar é do rei do futebol no gramado do Maracanã usando o uniforme completo da seleção. Já, na representação de Deyvid, ele é um menino periférico descalço sobre um chão de terra com seus pés sujos, apresentando realidades distintas.



Figura 25 - Neymar e Deyvid na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2354 de janeiro de 2014.

Observa-se que a matéria apresenta os participantes de forma personalizada, com certo nível de autoridade e com características específicas.

Deyvid Arnaldo da Silva, 11 anos, nascido e criado em Itaquera, bairro da zona leste de São Paulo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

Neymar, pisando em grama no Maracanã (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

Arthur Friedenreich, El Tigre, Leônidas da Silva, o diamante negro Pelé, o Rei Ronaldo o Fenômeno e o noviço Neymar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

É possível identificar que o Brasil segue sendo comparado à copa de 1950 e a matéria apresenta um comparativo entre países da América Latina e Europa.

O país do futebol (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

O mundial da Fifa era um certame paroquial comparado a superprodução de hoje, que será preciso vencer nos aeroportos, nas filas de táxis, dos estádios e da falta de segurança (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

Uma copa dois países (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

A copa e a copa no país do futebol (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

É sabido que o discurso, de acordo com Fairclough (2001), é direcionado a determinadas culturas e diferenças sociais. A revista apresenta divergências entre países de centro, como a Suécia e alguns países da América Latina. Isso pode ser visto como uma posição ideológica da revista em suprimir o que não é hegemônico em determinados grupos sociais.

Alguns estereótipos negativos, de acordo com Machin e Mayr (2012), podem ser determinantes na representação de pessoas negras. Na figura 26, observa-se que os recursos semióticos utilizados o representam como um indivíduo não personalizado que, no caso da imagem, é um adolescente de 15 anos. A representação está estereotipada, pois o participante está amarrado a um poste e com uma tarja de não identificação nos olhos.



Figura 26 - Adolescente de 15 anos na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2360 de fevereiro de 2014.

Observa-se que, na matéria, o participante é reduzido a uma vítima de crime, porém, especificado como um indivíduo que cometeu crimes.

Adolescente de 15 anos acusado de roubos foi preso nu com trava de bicicleta a um poste na orla carioca (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

É possível perceber que a matéria utiliza termos que conferem certo nível de autoridade ao participante, porém, o comparando às telas sobre escravidão de Debret.

Repugnante, brutal e curta, assim é a vida sem o filtro da lei, na imagem do jovem acorrentado por justiceiros no Rio na semana passada, na gravura de Debret, do século XIX, mostrando um escravo no Pelourinho (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

As representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico do participante na matéria estão direcionadas aos comparativos entre uma sociedade avançada e a escravidão.

Barbárie (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Os gregos clássicos do século IV antes de Cristo, que inventaram o pensamento abstrato, colocando a humanidade em um patamar superior, conviviam sem remorsos com a escravidão e o genocídio (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Observa-se que as representações da revista realizam um comparativo entre a escravidão e os dias atuais e o participante acaba tendo sua imagem divulgada de forma estereotipada e associada a elementos de selvageria.

Comparativos de imagens entre pessoas negras e animais podem ser consideradas, de acordo com Machin e Mayr (2012), estereótipos que são culturalmente aceitáveis na sociedade. Como é possível observar, na figura 27, os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde ao jogador de futebol Daniel Alves. A imagem está iluminada e apresenta o participante fazendo um sinal de banana na capa.



Figura 27 - Daniel Alves na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2372 de maio de 2014.

O participante é personalizado, representado com certo grau de autoridade e com características específicas.

Daniel Alves da seleção brasileira e do Barcelona (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2372 DE MAIO DE 2014).

O lateral pega a fruta atirada pelo torcedor e a come (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2372 DE MAIO DE 2014).

[...] Nós para ele somos macaquitos [...] Uma banana, então, foi atirada em sua direção. O lateral – um baiano de 30 anos, pardo, como se diz nos censos e, de olhos verdes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2372 DE MAIO DE 2014).

A matéria apresenta que algumas representações são aceitáveis apenas pelo trabalho que é realizado por pessoas negras, fora isso, a revista possui uma certa homogeneidade e preferência de representações.

Observa-se que a revista une dois assuntos muito citados em suas capas: futebol e política. Conforme é possível observar na figura 28, os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos e pessoas descritas como tipos específicos que,

no caso da imagem, correspondem à Dilma, Neymar e Temer. As representações não estão estereotipadas e representam os participantes num estádio de futebol. Dilma aparece com as mãos no rosto, Neymar correndo com os braços correndo e Temer está ao lado de Dilma olhando vagamente.



Figura 28 - Neymar na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2378 de junho de 2014.

Os participantes são personalizados, representados com certo nível de autoridade e com características específicas.

O hino, as vaias e Neymar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

Hino, Neymar, vaias (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

[...] Vaias a presidente, craque que faz dois gols e hino cantado em furor patriótico depois da execução oficial: eis um resumo da abertura da Copa do Mundo de 2014 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

Um consolo para Dilma: não veio do povo a retumbante e espontânea vaia que ela levou no jogo de abertura da Copa na Arena Corinthians em São Paulo, na semana passada (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

As representações que são observadas apresentam, de acordo com Machin e Mayr (2012), uma certa individualização dos participantes, porém, as pessoas negras aparecem de maneira suprimida na capa da revista — um recurso já identificado em outras revistas que foram analisadas nesta pesquisa.

Na figura 29, tem-se uma representação personalizada e os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo e uma pessoa do tipo específica. No caso da imagem, observa-se Thiago Silva, o capitão do hexa na seleção brasileira. A

representação, de acordo com Machin e Mayr (2012), está estereotipada, pois a imagem está iluminando a pele do participante, ou seja, um recurso de colorir bastante utilizado nas capas da revista.



Figura 29 - Thiago Silva na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2377 de junho de 2014.

O participante é personalizado, representado como um indivíduo específico, com termos que conferem um certo nível de autoridade e características também específicas. É possível identificar uma quantificação e comparação de Thiago Silva com os melhores capitães de Copa do Mundo.

Thiago Silva, zagueiro da seleção” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

1,2,3,4,5, Hexa. A confiança do capitão (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

A timidez incontornável parece não combinar com a braçadeira de capitão que acompanha o zagueiro Thiago Silva desde 2011[...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

Thiago tratado como um Beckenbauer na Europa mas, discretíssimo no Brasil [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

[...] Sabe que a chance de erguer a taça pode fazê-lo virar estátua como a que homenageia os campeões de 1985 do capitão Belini nos portões do Maracanã (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

A questão da representação na revista revela alguns comparativos do tratamento que o jogador recebe na Europa e que, no Brasil, não são atribuídos a ele.

Observando participantes com autoridade e personalização na revista, identifica-se homens na política. Observa-se, na figura 30, que os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo do tipo específico. No caso da imagem, Joaquim Barbosa. A imagem está estereotipada devido à foto estar iluminada na pele de Joaquim Barbosa e a capa apresentar o participante com um semblante tranquilo.



Figura 30 - Joaquim Barbosa na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2376 de junho de 2014.

O participante é representado com uso de termos que conferem certa autoridade através de uma característica, um aspecto, um traço específico de Joaquim Barbosa.

E agora, Joaquim? O ministro do STF (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2376 DE JUNHO DE 2014).

O ministro do STF entrou para a história com o fim da impunidade para os poderosos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2376 DE JUNHO DE 2014).

Aos 22 anos tornou-se oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores. Depois acabou reprovado num concurso para diplomatas devido, diz ele, a preconceito racial (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2376 DE JUNHO DE 2014).

Observa-se que o participante é quantificado e tratado como estatística quando foi cotado para concorrer às eleições por uma pesquisa do Data Folha.

Com 15% das intenções de voto à frente do senador Aécio Neves (PSDB) (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2376 DE JUNHO DE 2014).

Nota-se nos discursos e representações de pessoas negras na revista que a mesma, de acordo com Machin e Mayr (2012), faz uma identificação baseada em estereótipos que podem

ser negativos, por causarem surpresa quando uma pessoa negra atinge um outro patamar dentro da sociedade.

A identificação de pessoas negras na revista pode ser considerada apenas por sua profissão. Machin e Mayr (2012) identifica determinados padrões de representações para determinados grupos como forma de excluir um determinado grupo não hegemônico. Na figura 31, observa-se o participante com certo grau de autoridade e personalização. Identifica-se que os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde à Neymar, jogador de futebol.



Figura 31 - Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2381 de julho de 2014.

O participante possui características específicas e certo nível de autoridade que o faz ser uma pessoa diferenciada em sua profissão e Neymar é quantificado e comparado a outros jogadores com notoriedade.

O craque Neymar fratura uma vértebra e está fora da Copa (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

Uma entrada violenta do lateral Zuniga em Neymar levou o craque ao gramado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

O impacto da ausência do craque lembra a dor cívica de 1996, quando Pelé foi caçado na Inglaterra pelo zagueiro Morais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

Observa-se no título da capa uma certa ambiguidade que sugere ter sido utilizado para alinhar os leitores de maneira contra ou a favor de específicas ideias.

Agora é na raça (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

Observa-se que essas representações destacam a superioridade de Neymar e enaltecem o gênero masculino, inclusive o comparando a outros jogadores de futebol, todos homens.

Na figura 32, observa-se uma mulher negra na política. Os recursos semióticos utilizados apresentam a participante como um indivíduo do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde à Marina Silva. A representação é estereotipada, pois a imagem está iluminando a sua pele e, de acordo com Machin e Mayr (2012), representam certa demonstração de homogeneização de padrão aceitável na sociedade.



Figura 32 - Marina Silva na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2388 de agosto de 2014.

A participante é personalizada, representada com certa autoridade, com traços e características específicas.

Marina presidente? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Com a entrada da ex-senadora como um furacão na corrida eleitoral, o Brasil tem pouco tempo para saber se ela é apenas uma miragem ou uma opção política de verdade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Mas este é o estilo de Marina, reafirmado por sua figura frágil de 50 quilos e 1,65 metro de altura (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Como empregada doméstica, só aos 16 anos aprendeu a ler (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Observa-se na representação de Marina Silva que a mulher negra, quando é apresentada de forma profissional, gera dúvidas sobre sua capacidade de trabalho.

A identificação de um padrão na representação de pessoas negras sugere uma forma de suprimir pessoas negras na revista. Ao observar a figura 33, identifica-se a imagem da

participante como alguém personalizada, porém, de acordo com Machin e Mayr (2012), suprimido e colorido na capa dividida com pessoas brancas. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos em grupo e descritos como tipos específicos que, no caso da imagem, correspondem a Marina Silva, Dilma Rousseff e Aécio Neves. As representações estão estereotipadas pois, mais especificamente, Marina Silva divide a capa com outros dois participantes que são brancos.



Figura 33 - Marina Silva, Aécio Neves e Dilma Rousseff na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2392 de setembro de 2014.

Os participantes são personalizados, representados com termos que conferem certo nível de autoridade a eles e observamos características específicas nos mesmos, porém Marina Silva, é identificada como uma figura frágil.

Aécio Neves, Marina Silva e Dilma Rousseff, as armas para a decisão (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Racionalidade - Eu sei fazer sonho virar realidade - Aécio Neves (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Emoção - Não é um discurso, é uma vida – Marina Silva (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Poder– O que está bom vai continuar; o que não, vai mudar – Dilma Rousseff (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Os participantes são quantificados e tratados como estatísticas na matéria por estarem atuando na política.

A presidente e candidata Dilma Rousseff, abriu 7 pontos de vantagem sobre a ex-senadora no primeiro turno e diminuiu de 10 para 2 pontos a diferença no segundo. Aécio Neves do PSDB, que chegou a ter 20 pontos a menos que Marina agora está separado dela por 13 pontos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Essa redução de Marina Silva indica que mulheres negras são identificadas como submissas e sem competência no gerenciamento de suas emoções no trabalho.

De acordo com Fairclough (2001), as representações podem contribuir com a imagem que se quer passar de alguém em um determinado grupo. Observa-se isso na figura 34, onde a participante aparece de maneira personalizada e com características específicas; e os recursos semióticos utilizados para representar a participante como um indivíduo do tipo específico foram através de uma caricatura. Na imagem, é possível observar Marina Silva, repreendida por uma boca em fúria; e sua representação está estereotipada, pois a caricatura tende a ser um desenho exagerado e que enfatiza características de forma humorística. Neste caso, a caricatura expõe Marina Silva de modo frágil, mas com seriedade na feição.



Figura 34 - Marina Silva na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2391 de setembro de 2014.

A participante é representada com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e com características, aspectos e traços específicos que reduzem Marina Silva.

A fúria contra Marina. Nunca antes neste país se usou de tanta mentira e difamação para atacar um adversário como faz agora o PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

O PT passa o trator e Marina e Marina resiste (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

Petistas adotam a tática de atacar Marina Silva a qualquer custo e o resultado é uma campanha como nunca se viu antes no país (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

A participante é quantificada e tratada como estatística devido às táticas realizadas pelo partido para alavancar a sua candidatura.

[...] recebeu doações de 22,1 milhões, com um teto de 150 milhões de gastos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

Observa-se que a mulher negra possui uma tendência a ser comparada por suas características pessoais e, no caso da revista, há a apresentação de um estereótipo de dúvida em relação à profissional.

Em termos de representações, é sabido que mulheres negras são representadas como participantes personalizadas, mas com estereótipos de fragilidade para cumprirem seus objetivos. Como é possível observar na figura 35, identificamos os participantes como tipos específicos e características peculiares. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos em grupo. No caso da imagem, Marina Silva, Dilma Rousseff e Aécio Neves aparecem com representações estereotipadas em forma de caricatura e, mais uma vez, a mulher negra aparece de forma suprimida e dividindo a capa com pessoas brancas na revista.



Figura 35 - Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2389 de setembro de 2014.

Os participantes são representados com certo grau de notoriedade, através de uma característica, um aspecto, um traço específico, onde Marina Silva ganha rótulos que não são atribuídos aos outros participantes.

Como Dilma e Aécio tentam parar Marina (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

A quatro semanas das eleições, os dois fortes contendores revelam suas estratégias para segurar o fenômeno eleitoral que disparou na frente (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

Para entrevista no Jornal Nacional, Marina Silva trocou o visual modesto por outro quase majestoso. Tirou os pesados óculos vermelhos que tinha usado na noite anterior, exibiu as sobrancelhas feitas e uma maquiagem suave (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

Observa-se que as representações da matéria garantem às mulheres negras uma relação de comparação entre os demais participantes como forma de humildade pela sua classe social, subserviência e falta de adequação a determinados padrões dentro de um grupo.

Como é possível observar na figura 36, Marina Silva aparece na imagem suprimida na capa e junto a um homem branco. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos do tipo específico e, no caso da imagem, é possível observar Marina Silva e Aécio Neves. A representação não é estereotipada e os dois participantes estão num debate político para as eleições.



Figura 36 - Marina Silva e Aécio Neves na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2394 de outubro de 2014.

Os participantes são personalizados, representados com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e características que são atribuídas apenas à Marina Silva.

Marina Silva e Aécio Neves travaram no debate da Globo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Marina rouca, aparentava cansaço e manteve o semblante tenso (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Ao contrário do que fez nos debates anteriores Marina Silva, abriu mão das falas propositivas e não economizou nos ataques com a candidata do PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Os participantes são quantificados e tratados como estatísticas nas pesquisas de disputa eleitoral.

Marina Silva (PSB) e Aécio Neves (PSDB) – ela com 24% das intenções de voto, ele com 21% das intenções de voto (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Sabe-se que a representação e os discursos atribuídos às mulheres negras na revista revelam que, de acordo com Machin e Mayr (2012), o estereótipo de dúvida e submissão prevalecem na matéria informando que o tipo específico de Marina Silva gera incerteza profissional.

Na figura 37, é possível identificar quatro meninos expostos com a utilização de recursos semióticos que enfatizam uma situação negativa. Nessa imagem, tem-se os participantes olhando diretamente para frente na revista, porém, com os olhos embaçados para não identificação deles nos crimes que cometeram.



Figura 37 - 4 meninos na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2430 de junho de 2015.

Os participantes são personalizados, representados como indivíduos específicos, possuem representações com certo nível de autoridade e são apresentadas características e aspectos específicos dos participantes.

Vão ficar impunes? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2430 DE JUNHO DE 2015).

GVS, 17 anos, LVI, 15 anos, JSR, 16 anos e BFO, 15 anos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2430 DE JUNHO DE 2015).

Eles estupraram, torturaram, desfiguraram e mataram (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2430 DE JUNHO DE 2015).

Os jovens que participaram do estupro coletivo no Piauí que terminou na morte de uma jovem ficarão, no máximo, três anos internados. Isso é justo? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2430 DE JUNHO DE 2015).

Observar as representações de crianças na revista como fator fundamental de matéria pode caracterizar que, de acordo com Machin e Mayr (2012), que essas representações estão sendo vinculadas a determinados grupos sociais, podendo conter representações destes meninos negros apenas como criminosos.

Suprimir é um recurso bastante utilizado na revista. É possível identificar na figura 38, as representações de pessoas negras em forma de cultura. Porém, como não seria diferente, percebe-se, de acordo com Machin e Mayr (2012), uma exclusão e uma impessoalidade do mesmo ao longo da matéria. Os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo em grupo e do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde a um homem negro como ator de *Star Wars*, a saga de George Lucas.



Figura 38 - Filme Star Wars na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2457 de dezembro de 2015.

Como as representações desta pesquisa são direcionadas às pessoas negras, observa-se que o participante possui certo nível de autoridade, porém, como personagem do filme. Suas características específicas estão também relacionadas ao seu personagem.

Finn (John Boyega) um ex soldado que servia o lado negro da força empunha seu sabre de luz (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

Deserção com honra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

Rey tem de trombar com Finn um stormtrooper (um daqueles soldados de uniforme e capacetes brancos) que desertou da ordem por sua aversão a matar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

Observa-se que as representações apresentadas na revista identificam o participante como pessoa personalizada e atuante no filme. No entanto, ele divide a capa com outras pessoas brancas, sendo assim, torna-se suprimido perante os demais participantes.

As representações, de acordo com Machin e Mayr (2012), direcionam o leitor a determinadas percepções e reflexões que podem influenciar na tomada de decisão e isso pode ser observado na figura 39. Identifica-se uma representação direcionada à profissão de um homem negro personalizado e que indica, conforme o título da matéria, que todos na Jamaica são atletas de corrida. Os recursos semióticos utilizados representam o participante como um indivíduo de tipo específico que, no caso da imagem, corresponde a Usain Bolt, atleta de corrida. A representação está estereotipada e o participante aparece na imagem iluminado, segurando um par de tênis de corrida na mão e vestido como em sua profissão.



Figura 39 – Usain Bolt na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2489 de agosto de 2016.

O participante é personalizado, utilizam-se certos termos que conferem um alto grau de autoridade e com representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico de Usain Bolt.

A fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2489 DE AGOSTO DE 2016).

Como nascem os campeões (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2489 DE AGOSTO DE 2016).

O bicampeão olímpico dos 100 metros, dos 200 metros e do revezamento 4x100 metros: ele quer ser do tamanho do Pelé e Muhammad Ali (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2489 DE AGOSTO DE 2016).

Observa-se, na representação da matéria, uma personalização do participante e algumas comparações com traços e características específicas entre pessoas negras que remete ao leitor a ideia de que todos os jamaicanos são atletas como Usain Bolt.

As mulheres negras são representadas vinculadas a outras pessoas ou a homens negros. Na figura 40, os recursos semióticos utilizados representam o casal como indivíduos do tipo específico e apresentam Lázaro Ramos e Taís Araújo com certo grau de autoridade. A representação está estereotipada, pois o casal aparece iluminado na imagem e, de acordo com Machin e Mayr (2012), esta questão de branquear pessoas negras na revista caracteriza o tipo de padrão que a revista entende como homogêneo.



Figura 40 - Taís Araújo e Lázaro Ramos na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2519 de março de 2017.

Os participantes aparecem de forma personalizada, representados através de suas características e traços específicos.

Taís Araújo e Lázaro Ramos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Casal de bambas [...] Da cor do pecado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

O casal imbatível. Taís Araújo e Lázaro Ramos são o par mais poderoso do showbiz” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

[...] Simbolizam a vitória do talento sobre a barreira racial (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Por serem influenciadores digitais nas redes sociais, o casal aparece de forma quantificada e são tratados como estatísticas.

Lázaro Ramos é admirado por 43% e rejeitado por 6% do público e nas redes sociais alcança 5000 de interações com o público, já Taís Araújo é admirada por 44% do público, 8% do público a rejeita e nas redes sociais alcança 83.000 de interações com o público (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Observa-se uma certa personalização dos participantes e a inserção de rótulos que constituem estereótipos culturais que formam a ideia de permissão de certos tratamentos e formas de se referir as pessoas negras como naturalizadas.

Na figura 41, há diversas mulheres na capa da revista, porém, a única considerada como profissional está em meio a 14 mulheres personalizadas na capa. As representações estão estereotipadas, pois a imagem aparece em cinza, ou seja, todas estão em um tom de cinza e a única mulher negra identificada na capa encontra-se suprimida entre as demais mulheres.



Figura 41 - Alexandra Loras, ex - consulesa da França na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2525 de abril de 2017.

As participantes são personalizadas, representadas como indivíduos específicos, com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e com representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico.

Luiza Possi, cantora, assediada por um fã [...], Ana Paula, ex jogadora de vôlei, assediada por diretor de um clube [...], Sandra Annenberg, apresentadora de TV, assediada no início da carreira [...], Alexandra Loras, ex - consulesa da França, assediada por um diretor de TV (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

A corajosa denúncia da figurinista da Globo contra o galã José Mayer [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

Na primeira vez que tentei trabalhar na televisão, não consegui passar no teste. Quando o diretor me disse que eu não era boa, perguntei se ele poderia me ajudar me dar dicas para melhorar. Ele me ajudou mas eu não percebi que pretendia algo em troca. Ao receber a minha negativa, respondeu que eu era manipuladora. Isso é muito comum em vários meios de imprensa – na França, no Brasil, em todo mundo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

Identifica-se as participantes quantificadas e tratadas como estatísticas na matéria sobre assédio moral e sexual.

40 % sofreram algum tipo de assédio nos últimos doze meses [...], as situações mais comuns – 13% receberam cantadas ou ouviram comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

A matéria utiliza o uso de pronomes para alinhar os leitores, contra ou a favor de ideias específicas, tais como: eu, ele, todas.

Eu sofri assédio sexual [...], Ele mexeu com todas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

Observa-se uma personalização das participantes e uma exclusão de mulheres negras como profissionais na matéria, visto que, em meio a 14 mulheres, apenas uma é representada na revista.

É possível perceber uma tendência de representações de pessoas negras suprimidas na capa da revista. Os participantes aparecem personalizados e, como é possível observar na figura 42, estão apresentados de forma notória. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos do tipo específico que, no caso da imagem, correspondem a Neymar e Temer na capa da revista.



Figura 42 - Neymar e Temer na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2542 de agosto de 2017.

Os participantes são personalizados, representados com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e com características e aspectos específicos que sugerem grau de autoridade.

Conheça o outro governo Temer [...] De Paris, VEJA, revela bastidores inéditos da compra de Neymar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

A transferência do brasileiro para o PSG é a mais cara da história. Põe no centro do palco o jogador que melhor soube vender seu bilionário e admirável produto (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

É a maior transação envolvendo um jogador de toda a história (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

No caso de Neymar, o participante é quantificado e tratado como estatística num discurso que ressalta suas qualidades para o futebol e a sua venda para outros países pelo futebol.

A engrenagem financeira montada para fazer Neymar atravessar os Pirineus – 820 milhões multa rescisória paga pelo PSG ao Barcelona, 226 milhões, salário anual do craque, 111 milhões, valor limpona mão do jogador, por ano, descontados os impostos, 141 milhões, comissão paga aos intermediários da transação (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

Nota-se na matéria um certo grau de autoridade e poder em Neymar, mas também uma representação vinculada à venda do jogador de futebol como forma de ascensão na revista.

Assuntos que abordam temáticas políticas, de cotas e o avanço de pessoas negras em determinadas camadas sociais surgem na revista de forma caricata. É possível notar na figura 43, que os participantes na imagem são representados por recursos semióticos que os qualificam como caricaturas.



Figura 43 - Caricatura de diversas pessoas na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2543 de agosto de 2017.

Observa-se na matéria que, apesar da capa representar uma imagem do quadro “Operários” de Tarsila do Amaral (1933). Apesar de ser um quadro importante ele divulga pessoas negras em forma de caricatura para abordar o assunto sobre cotas em Universidades. Tem-se participantes personalizados, representados como indivíduos específicos, com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade aos mesmos e representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico.

Marcos Vinicius Lopes, 26 anos, Psicólogo, Wellandro Damasceno, 31 anos, Administrador, Jansen Ribeiro, 29 anos, Bioquímica, Irapuã Santana, 3º anos, Advogado, Tamara Cardoso, 23 anos, Psicóloga (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Marcus Vinicius Lopes, vindo de escola pública procurou reparar as lacunas em um cursinho pré-vestibular comunitário [...], Wellandro, conseguiu lugar no curso de Administração de empresa, que o levou a um bem sucedido estágio no Superior Tribunal de Justiça [...], Jansen Ribeiro, só entrou na faculdade e Campinas dentro do sistema de cotas para negros [...], Irapuã foi o clã ao pisar na faculdade e o fez com estilo [...], Tamara sabia que um escorregão poderia lhe custar a ajuda financeira concedida a uma parcela a uma parcela de cotistas da UFF (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

O que esperar dos cotistas, além de mau desempenho e abandono no meio do curso? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Que justiça haveria em deixar de fora jovens bem preparados só por serem brancos e não tão pobres? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

A matéria apresenta questões de utilização de cotas, identificando os participantes de forma quantificada e tratados como estatísticas na realização de entrar para a Universidade.

Passados 15 anos da primeira experiência, a reserva de vagas na universidade para combater desigualdades tem dado certo – a não ser pelo nó da definição sobre quem é negro ou pardo em um país multirracial (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

As representações de pessoas negras e de mulheres negras profissionais são feitas de forma caricaturada, tanto na capa quanto na matéria, com dificuldade de ascensão em locais como universidade e mercado de trabalho. Considerando o fato de que a revista Veja possui um grande número de leitores — mais de 100.000 de modo virtual —, de acordo com os dados da Editora Abril (2020), as representações na revista, segundo Machin e Mayr (2012), podem incentivar determinadas conclusões negativas para determinados grupos.

Observa-se, na figura 44, um tipo de representação que personaliza a participante. No entanto, a representa com uma pessoa anônima com características específicas que podem identificar que mulheres negras são profissionais apenas na área de cuidados e higiene ou que podem ser escravizadas. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos, porém, anônimos que, no caso da imagem, correspondem a uma escrava carregando um neném. As representações estão estereotipadas no sentido de a foto ser antiga, da época da escravidão, numa matéria sobre como é ser negro no Brasil.



Figura 44 - Escrava na Bahia, 1860 na Veja.
Fonte: Revista Veja. Edição 2557 de novembro de 2017.

Os participantes não são personalizados, mas estão representados como indivíduos específicos, com certo nível de autoridade e com as representações feitas através de uma característica, um aspecto que, já no título da matéria, leva a percepções distintas sobre o que será o seu conteúdo.

Escrava na Bahia, 1860 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

Como é ser negro no Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017)

Ser negro no Brasil é conviver com o preconceito e a desigualdade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

Nós nem cremos que escravos outrora? tenha havido em tão nobre país. Diz a certa altura o Hino da República (1890), de autoria de Medeiros de Albuquerque e Leopoldo Miguez (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

Identifica-se que a participante é exposta de forma quantificada e tratada como estatística numa pesquisa realizada pela própria revista.

Em pesquisa Abril/MindMinders, encomendada por Veja, 98% dos entrevistados admitiram que, sim, há racismo no país. Porém, apenas 1% dos participantes puderam ser classificados como muito preconceituosos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

As percepções de representações de mulheres negras como profissionais na revista são vinculadas a estereótipos negativos de servidão, escravidão, submissão e cuidados que chegam a um grande grupo de leitores de forma pejorativa e equivocada.

As diversidades e diferenças de gênero possuem representações de forma subjetiva. Na figura 45, é possível observar pessoas negras representadas na capa, porém, a imagem é um desenho do muralista Kobra para abordar diversidade. Os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos, no entanto, como figuras anônimas. No caso da imagem, observa-se três pessoas na capa: uma mulher branca, um homem negro e uma mulher negra com as cores da diversidade. As representações estão estereotipadas pelo fato de os participantes estarem coloridos e suprimidos na capa.



Figura 45 - Desenho do muralista Kobra na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2562 de dezembro de 2017.

A matéria representa os participantes de forma impessoal, como tipos genéricos. No caso do nível de autoridade, atribui-se ao desenhista do mural, Kobra.

O diverso povo brasileiro (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

Um extraordinário pacote visual para mostrar o que deve e o que não deve ser mantido (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

Observa-se que a matéria é atribuída a uma pessoa branca, no caso, o presidente Temer, e não aos participantes que estão na capa.

Tem que manter isso aí, viu? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

O que devemos manter? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

Observa-se também, de acordo com Machin e Mayr (2012), uma tentativa de caracterizar o debate sobre diversidade com formas não humanas e impessoais.

As representações de pessoas negras são direcionadas a estereótipos de lazer e diversão mesmo quando a matéria aborda um assunto referente à Ciência. É possível perceber, na figura 46, que a imagem da participante é personalizada e os recursos semióticos utilizados representam a participante como um indivíduo do tipo específico. No caso da imagem, observa-se Fernanda Nascimento. A representação está estereotipada, pois a capa representa uma mulher negra num bloco de carnaval sorrindo e a matéria é sobre algo direcionado à ciência.



Figura 46 - Fernanda Nascimento na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2569 de fevereiro de 2018.

A participante é representada como um indivíduo específico e que na matéria está vinculada a determinadas características específicas sobre ciência.

Fernanda Nascimento, no bloco Boitató no Rio de Janeiro (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2569 DE FEVEREIRO DE 2018).

A novidade é que recentes estudos científicos comprovam que a felicidade duradoura é possível sim (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2569 DE FEVEREIRO DE 2018).

O avanço da ciência no estudo da felicidade tem uma resposta clara: sim, é preciso, e a culpa é do hipotálamo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2569 DE FEVEREIRO DE 2018).

Mas geneticamente infelizmente, não é destino. Os outros 50% da felicidade de cada um vêm de fatores externos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2569 DE FEVEREIRO DE 2018).

Os estereótipos de representações envolvendo mulheres negras podem determinar características específicas de rótulos pejorativos que, no caso da imagem, passam a informação de facilidade e de falta de impedimento e proibições ao que é ou não permitido.

A incidência de representação de mulheres negras se dá na política. Identifica-se, no caso da figura 47, que elas aparecem nos assuntos sobre crimes e vítimas. Observa-se que os recursos semióticos utilizados representam a participante como um indivíduo do tipo específico que, no caso da imagem, corresponde à Marielle Franco. A representação está estereotipada pelo motivo da foto estar iluminando a pele de Marielle e pela participante estar sorrindo enquanto a matéria aborda um crime.



Figura 47 - Marielle Franco na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2574 de março de 2018.

A participante é personalizada, representada com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e características específicas que conferem à Marielle Franco notoriedade.

Marielle Franco, 38 anos, vereadora do PSOL (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

Marielle, cuja carreira em alta na defesa dos direitos humanos foi interrompida por quatro tiros na cabeça (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018). Ela sabia que seu discurso e sua própria figura incomodavam: mulher, negra, da periferia, mãe ainda na adolescência, homossexual (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

A participante, apesar de personalizada, aparece de forma quantificada e como uma estatística em casos de crimes nas redes sociais.

No Facebook, a filha de Marielle, Luyara, escreveu: Mataram a minha mãe e mais 46.500 eleitores (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

As representações utilizadas nesta matéria representam a mulher negra de maneira individualizada, com uma imagem periférica e estereótipos negativos de identificação de sua opção sexual, além de uma gravidez em momento inoportuno.

Na figura 48, observa-se que os recursos semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos em grupos e como tipos específicos que, com relação a imagem, correspondem a Marina Silva, em meio a diversos homens que disputam candidatura à presidência. Identifica-se a presença de Joaquim Barbosa e as imagens estão estereotipadas, pois representam os participantes de forma caricaturada dentro de cartas de baralho — os mesmos estão com seus números como se fossem naipes de baralho.



Figura 48 - Marina Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2578 de abril de 2018.

Os participantes são personalizados, representados com termos que conferem certo nível de autoridade e representações feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico.

Com Lula preso, Alckmin, Marina e Meirelles no páreo, à disputa eleitoral fica mais clara. A novidade é o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa que tentará capturar os votos do PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Joaquim Barbosa, ministro aposentado do STF e relator do processo do mensalão, [...] Marina Silva, pesquisas divulgadas em janeiro mostram que a ex-ministra é a beneficiária dos votos hoje prometidos a Lula (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Joaquim Barbosa acumula todos os predicados necessários para ingressar na política, [...] O percurso de Marina está repleto de obstáculos e um deles é seu isolamento (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Identifica-se, pelo título da matéria, uma corrida pela disputa presidencial. A mistura de um jogo para representar os participantes como pessoas personalizadas também deixa uma certa ironia em meio a política.

O jogo vai começar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Ao observar a representação de pessoas negras na capa, identifica-se uma certa prevalência de homens em cargos de gestão e poder e maior notoriedade na identificação de termos que conferem autoridade aos homens.

Algumas representações dizem respeito a um estereótipo de comparações entre os participantes com caricaturas monárquicas. Como é possível observar na figura 49, os recursos

semióticos utilizados representam os participantes como indivíduos em um grupo e como tipos específicos que, no caso da imagem, correspondem a Neymar, Tite e Gabriel Jesus. As representações estão estereotipadas, pois eles aparecem como caricaturas, com o Tite sentado em uma espécie de trono, e os dois jogadores ao lado, vestidos com roupas de uniforme de soldados russos.



Figura 49 - Neymar, Gabriel Jesus e Tite na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2568 de junho de 2018.

Essas representações apresentam seus participantes de forma personalizada, representados com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade feitas através de uma característica, um aspecto, um traço específico dos participantes.

Comandante Tite [...], Tudo é permitido para Neymar [...], Um viagem a infância de Gabriel Jesus (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Ancorado nos bons exemplos de equipes do passado, o treinador da seleção respira futebol 24 horas por dia [...], O genial atacante do PSG, Neymar, chega a sua segunda copa na condição de Deus e Diabo [...], O camisa 9, Gabriel Jesus, leva uma história em comum, mas sempre única e inspiradora para outros garotos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Tite, perfeccionista até demais [...], Esse tom abusado é até compreensivo vindo de Neymar por ser um jovem de 26 anos cujos ombros suportam o mundo [...], Gabriel Jesus, o craque de 21 anos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Observa-se que os comparativos entre países de Centro e o Brasil podem ser identificados na matéria e que as representações de pessoas negras estão vinculadas à entre pessoas brancas na capa da revista. De acordo com Machin e Mayr (2012), essa maneira de

suprimir os participantes pode ser considerada como um recurso de anonimato e coletivização onde os participantes são vinculados a pessoas brancas.

O futebol, na revista, é algo que aparece com certa incidência. É perceptível que jogadores de futebol são representados na capa de forma notória, mesmo quando cometem crimes. Conforme já observado em outras matérias que vinculam jogadores de futebol a crimes, na figura 50 é possível observar que os recursos semióticos utilizados representam o participante como individualizado e como um tipo específico que, no caso da imagem, corresponde a Neymar. A representação está estereotipada e apresenta a imagem do jogador “nota 10”, bem como sua reputação.



Figura 50 - Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2638 de junho de 2019.

Percebe-se que o participante é personalizado e que suas representações são feitas através de características específicas.

Neymar JR 10 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019)

[...] e que é representado como um indivíduo específico “Com uma série de problemas fora do campo [...] e pode sofrer a maior derrota na sua carreira (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

O jogador leva uma vida desregrada fora de campo, já perdeu patrocínios em função de confusões e pode ter sua imagem definitivamente arranhada com o episódio (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

Craque, péssima semana para o camisa 10 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

As quantificações sobre Neymar ocorrem na matéria como representações negativas de comportamento.

Um ano em queda livre (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

Em 2014, o pai de Neymar deixa o tribunal em Madri, depois de depor em um caso de sonegação fiscal (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

Os amigos de sempre “os parças”, são personagens onipresentes no círculo mais íntimo do atacante e dois deles estão presos por tráfico internacional de drogas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

Observa-se que os estereótipos negativos da imagem de Neymar são vinculados a profissão que ele exerce e ao grau de autoridade que ele representa e que, mesmo cometendo crimes, a sua representação é com notoriedade. Para o leitor, isso pode caracterizar, de acordo com Machin e Mayr (2012), uma personalização da imagem ideal dos homens na revista.

Já foi possível identificar, na revista, que as representações da imagem de capa nem sempre fazem referência à matéria. A figura 51 representa novamente Marielle Franco, uma mulher negra e aborda a matéria referente à Jair Bolsonaro. Os recursos semióticos utilizados representam Marielle Franco de maneira estereotipada, pois a participante está usando uma mordaca com sua imagem iluminada em tons de cinza.



Figura 51 - Marielle Franco na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2659 de novembro de 2019.

A participante é representada como uma pessoa personalizada, com uso de termos que conferem certo grau de autoridade e as representações são feitas através de características específicas.

[...] Assassinato de Marielle Franco é mais um triste capítulo de um crime que completa 600 dias sem solução (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

A execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes não para de produzir notícias espantosas [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

A história marca um ápice de um caso repleto de confusões e trapalhadas de todos os tipos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

Tais representações conferem à mulher negra uma incidência na política, mas ficam condicionadas a crimes, vítimas, exclusão, estereótipos de submissão e silenciamentos.

Na figura 52, é possível identificar a representação de pessoas negras como forma personalizada, porém, estereotipada. Não é possível observar, de forma mais detalhada, a pessoa que está por trás da máscara, mas percebe-se que ele é apresentado como Moacyr Silva Junior, médico infectologista.



Figura 52 - Moacyr Silva Junior, médico na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2679 de março de 2020.

O participante foi personalizado, representado com o uso de termos que conferem certo nível de autoridade e as representações foram feitas através de características específicas.

O infectologista Moacyr Silva Junior (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

Heróis de Guerra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

UTI, o infectologista Moacyr Silva Junior de domingo a domingo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

[...] Nunca trabalhei tanto em toda a minha vida no hospital Albert Einstein (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

Identifica-se que a matéria apresenta o participante de forma quantificada e tratado como estatística.

Hoje 90% do tempo de atividade dos cinco equipamentos de detecção de vírus e bactérias de amostras colhidas no hospital é destinado exclusivamente à nova cepa de coronavírus (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

Apesar do participante ser personalizado e representado como um certo grau de autoridade sendo um médico, sua imagem expõe um encobrimento de pessoas negras em profissões de elite como a Medicina.

Conforme observa-se na figura 53, identifica-se os participantes personalizados e os recursos semióticos os representando em grupos e impessoalizados.



Figura 53 - 20 brasileiros notórios na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2668 de janeiro de 2020.

As representações de pessoas negras, apresentam a utilização de termos que conferem um certo nível de autoridade e com características e traços específicos.

Vinte jovens para acompanhar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

20 brasileiros de 20 anos que têm tudo para se destacar na próxima década (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Pedro Gorki, estudante secundarista, Vinícius Junior, ponta esquerda do Flamengo, Josana Santos, modelo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Pedro Goki, presidente da maior entidade de estudantes secundaristas do país, “Vinícius Junior apontado como o futuro do Real Madrid”, “Josana Santos, modelo

de superação nas passarelas” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Pedro Goki, negro e nordestino, [...] Vinicius Junior, outro dia, empinava pipa em São Gonçalo [...] um dia você é um Pelé, outro não joga nada, [...] Josana Santos, descoberta no mercado da Bahia, a ex - marisqueira desponta no mundo *fashion* da moda, para qual reivindica maior presença de afrodescendentes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Apesar da representação ocorrer, observa-se apenas três pessoas negras com maior incidência para os homens e apenas uma mulher negra. As pessoas negras estão suprimidas na capa da revista entre os brancos, uma forma recorrente de representação deles na revista.

4.1.4 O RACISMO ESTRUTURAL NA REVISTA VEJA

Na categoria a ser apresentada, identificam-se representações que, de acordo com Machin e Mayr (2012), podem contribuir com estereótipos negativos para determinados grupos em sociedade. Almeida (2019) diz que o racismo estrutural é realizado de forma sutil e naturalizada e pode ocorrer com a permissão da sociedade discriminando pessoas negras e as submetendo a locais de subserviência e exclusão. É possível identificar na figura 18 que essas representações ocorrem de forma bem naturalizada na revista — e que a condição de pessoas negras, mesmo sendo o Joaquim Barbosa, ministro do STF, é de assombro quando estas conseguem sair de um local especificado a eles e conquistar espaços elitizados.



Figura 18 – Joaquim Barbosa na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2290 de outubro de 2012.

Esses espaços, quando representados com características específicas, demonstram que algumas condições atribuídas às pessoas negras é de submissão a pessoas brancas e ricas.

Mas com Joaquim não tinha essa história de negro, pobre e humilde e ele não se subordinava aos brancos e ricos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Akotirene (2019) aborda que as intenções de identificar a raça com esse alvo pode se manifestar por meio de práticas conscientes ou inconscientes — e essa postura está enraizada na ideologia da revista em posicionar pessoas negras em determinados setores sociais.

Na figura 26, identifica-se a questão do racismo estrutural, porém, numa forma colonial. As duas questões foram observadas no referencial teórico e são interligadas devido à herança escravocrata de países colonizados. A revista se posiciona de forma a comparar os tempos da escravidão com os dias atuais e a matéria apresenta classes sociais consideradas emergentes, fazendo justiça como nos tempos de escravidão, amarrando um homem negro ao poste como punição. Observa-se, com isso, a ideologia empregada por países eurocêntricos, como aborda Mignolo (2017), em países da América Latina, que consideram pessoas negras como animais ou selvagens.



Figura 26 – Adolescente de 15 anos na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2360 de fevereiro de 2014.

Para representar o participante da imagem, a revista o descreve como um rapaz de 15 anos que cometeu crimes e por isso foi punido pela população, sendo amarrado a um poste.

Adolescente de 15 anos acusado de roubos foi preso nu com trava de bicicleta a um poste na orla carioca (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Repugnante, brutal e curta, assim é a vida sem o filtro da lei, na imagem do jovem acorrentado por justiceiros no Rio na semana passada, na gravura de Debret, do século

XIX, mostrando um escravo no Pelourinho (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Um conjunto de hábitos normatizados defendem certos padrões e posicionamentos às pessoas negras sem que isso seja visto como algo prejudicial.

Observa-se, por exemplo, no esporte, manifestações de combate ao preconceito racial e uma fábrica de ídolos de pele negra. Porém, mesmo com essa crescente entrada, o racismo tem crescido de forma alarmante nesse meio profissional. As representações que expõem pessoas negras a estereótipos ou rótulos naturalizados, de acordo com Almeida (2019), e que estabelecem uma padronização na forma de caracterizar pessoas negras podem ser observadas na figura 27. O jogador Daniel Alves aparece combatendo o racismo fazendo um gesto de banana na imagem. Porém, a matéria expõe de forma sutil termos preconceituosos direcionados às pessoas negras que, neste caso, o representam imitando um macaco.

[...] Nós para ele somos macaquitos [...] Uma banana, então, foi atirada em sua direção (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2372 DE MAIO DE 2014).



Figura 27 – Daniel Alves na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2372 de maio de 2014.

De acordo com Akotirene (2019), além do rótulo perpetuado culturalmente e até uma certa permissão para se referir as pessoas negras como selvagens, são observadas na matéria a preferência por traços específicos que Daniel Alves possui e o faz hegemônico e aceitável em determinados grupos sociais.

O lateral – um baiano de 30 anos, pardo, como se diz nos censos e, de olhos verdes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2372 DE MAIO DE 2014).

Representações que dão ênfase às características e traços específicos de pessoas negras são observadas na revista como marca uma ideológica sobre este grupo de pessoas.

É possível observar, na figura 30, a imagem de Joaquim Barbosa como um homem de grande autoridade na política e no STF. Porém, de acordo com Almeida (2019), essa condição de autoridade é ignorada ao verificarmos na matéria como um homem negro pode ter chegado longe, sendo está uma condição negada às pessoas negras.



Figura 30 – Joaquim Barbosa na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2376 de junho de 2014.

As representações indicam as dificuldades e as questões raciais apontadas pelo próprio participante como fator decisivo em sua inserção no mercado de trabalho.

Aos 22 anos tornou-se oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores. Depois acabou reprovado num concurso para diplomatas devido, diz ele, a preconceito racial (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2376 DE JUNHO DE 2014).

De acordo com Almeida (2019), essas condições de ascensão são dificultadas por falta de políticas públicas igualitárias e o mito da democracia racial como cordialidade nos processos entre negros e brancos.

Variações legislativas em determinados países são referências positivas ou negativas dependendo do caso. No caso da figura 37, observa-se que crianças negras na capa da revista são representadas como criminosas e hediondas e seus crimes apresentam uma característica de feminicídio — crimes cometidos contra mulheres. De acordo com Almeida (2019), essas

estruturas atingem sobretudo os jovens negros e marginalizados que já nascem à margem e excluídos de algumas classes, gêneros e territórios de suas experiências particulares.



Figura 37 - 4 meninos na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2430 de junho de 2015.

Uma demonstração de que as leis em países eurocêntricos são melhores que no Brasil ocorre nessa matéria, ao comparar as leis de maioria penal de países como França, Reino Unido e Canadá com as leis no Brasil que não funcionam.

Cada país uma sentença: Canadá, 10 anos se as sentenças forem somadas, França, 13 anos, igual aos adultos, Reino Unido, 10 anos, igual aos adultos, Brasil, 18 anos, 3 anos de internação para todos os crimes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2430 DE JUNHO DE 2015).

Os comparativos observados na matéria tendem a revelar que, de forma ideológica, a revista se empenha em apresentar crianças negras como criminosas na sociedade.

A naturalização de alguns estereótipos dentro de um pensamento social pode ser observada no caso da imagem da figura 39, onde é possível observar Usain Bolt, atleta de corrida.



Figura 39 – Usain Bolt na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2489 de agosto de 2016.

De acordo com Almeida (2019), essa forma de enquadrar pessoas negras em determinados setores pode informar que para o negro só existe um lugar. No caso da imagem, a representação revela que toda a população da Jamaica é atleta, não possuindo outra profissão.

A fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2489 DE AGOSTO DE 2016).

De acordo com Ribeiro (2019), a naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial, fazem parte do racismo estrutural.

Observando a figura 40, existem dois participantes representados como personalizados e caracterizados com traços específicos.



Figura 40 – Thais Araújo e Lázaro Ramos na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2519 de março de 2017.

Mesmo com a imagem impondo a condição de um casal com certo grau de autoridade, a matéria os impõe aos rótulos e falas que, de acordo com Almeida (2019), são frases e atitudes que já fazem parte de forma naturalizada do racismo estrutural.

Casal de bambas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Da cor do pecado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Da cor do Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2519 DE MARÇO DE 2017).

Essas representações são os estereótipos de boa convivência que são aplicadas no tratamento de pessoas negras dentro da sociedade.

Na figura 42, a representação é a de um homem que realizou diversas conquistas pelo futebol, porém, como pessoa negra, Neymar aparece compartilhando a página da capa com Temer.



Figura 42 - Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2542 de agosto de 2017.

Neymar possui certo grau de autoridade e identifica-se, na matéria, que ele, apesar de ser uma personalidade notória, não escapa dos rótulos que são impostos às pessoas negras na revista.

[...] Neymar, uma figura como ele, o menino simples, a cria que ganhou o planeta (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

[...] Os cheques de Neymar que apesar do alvoroço ainda não é um Pelé [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2542 DE AGOSTO DE 2017).

Apesar da autoridade e de suas realizações, os participantes negros aparecem muitas vezes suprimidos entre brancos e isso, conforme aborda Almeida (2019), caracteriza-se como o lugar dos negros perante a sociedade.

De acordo com Almeida (2019), o racismo estrutural tem como argumento o questionamento acerca das pessoas negras e mulheres negras profissionais possuírem ou não competências necessárias para realizar determinadas funções. Conforme observa-se na imagem da figura 43, apesar do quadro ser uma pintura de Tarsila do Amaral – “Operários” de (1933), as políticas de cotas nas Universidades são representadas, na revista, de forma caricaturada representando com a imagem de Tarsila do Amaral o alcance às camadas mais relevantes da sociedade.



Figura 43 – Caricatura de diversas pessoas na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2543 de agosto de 2017.

De acordo com Carneiro (2011), existe uma dificuldade maior da inserção de mulheres negras no mercado de trabalho. Na matéria, identifica-se apenas duas mulheres negras como profissionais. No relato de suas vidas acadêmicas é possível identificar questões interseccionais, tais como as dificuldades de locomoção, a diferença entre seus amigos que possuíam tempo para estudar e as funções extras além dos estudos.

Passados 15 anos da primeira experiência, a reserva de vagas na universidade para combater desigualdades tem dado certo – a não ser pelo nó da definição sobre quem é negro ou pardo em um país multirracial (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Marcus Vinicius Lopes, vindo de escola pública procurou reparar as lacunas em um cursinho pré-vestibular comunitário [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Welandro, conseguiu lugar no curso de Administração de empresas, que o levou a um bem sucedido estágio no Superior Tribunal de Justiça [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Janssen Ribeiro, só entrou na faculdade em Campinas dentro do sistema de cotas para negros e sentis vergonha do seu desempenho perante seus amigos [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Irapuão foi o clã ao pisar na faculdade e o fez com estilo [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Tainara sabia que um escorregão poderia lhe custar a ajuda financeira concedida a uma parcela de cotistas da UFF. Filha de pai pedreiro e mãe dona de casa, além de ajudar em casa, os pais pensavam que faculdade não era pra eles (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2543 DE AGOSTO DE 2017).

Existe sempre a desconfiança no papel exercido pelas pessoas negras em termos de qualidade da formação dos estudantes de escolas públicas e sobre a capacidade intelectual perante os brancos.

Akotirene (2019) aborda que o racismo é profundo, estrutural e que perdura no tempo se escondendo em boas intenções. Na figura 46, observa-se uma mulher negra pulando carnaval entre prumas coloridas, porém, a imagem da capa da revista não caracteriza o carnaval e sim, uma pesquisa sobre a descoberta da felicidade. Estas representações estereotipadas, de acordo com Ribeiro (2019), objetificam a mulher negra como forma de serem apenas para o prazer, alegria e subalternização.



Figura 46 – Fernanda Nascimento na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2569 de fevereiro de 2018.

Esse uso da imagem da mulher negra de forma descontextualizada pode ser objetificado, levando a crer que as mulheres negras podem ser caracterizadas como fáceis e sem proibições.

As representações observadas de jogadores de futebol não passam despercebidas quanto à sua estrutura de discriminação racial. Observa-se, na imagem da figura 50, Neymar em campo. Mesmo com certa autoridade no meio esportivo, ele é representado como um indivíduo que possui problemas em sua vida pessoal e com sua reputação abalada.



Figura 50 – Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2638 de junho de 2019.

De acordo com Almeida (2019), são atribuídos ao participante características específicas que o rotulam como uma pessoa periférica envolvida em crimes.

Um ano em queda livre (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).
Os amigos de sempre “os parças”, são personagens onipresentes no círculo mais íntimo do atacante e dois deles estão presos por tráfico internacional de drogas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

[...] Craque? péssima semana para o camisa 10 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2638 DE JUNHO DE 2019).

O futebol concentra grandes craques que negros. Porém, uma longa e profunda herança colonialista e escravista em suas estruturas sociais devido à não aceitação de negros nos estádios e nos grandes clubes pode caracterizar o racismo estrutural na matéria da revista.

A representação da imagem da figura 51 remete à reflexão de que mulheres negras aparecem na revista por suas profissões e como vítimas de crime. A representação remete-se aos tempos de escravidão pela mordança que Marielle Franco usa na imagem, considerando, assim, de acordo com Akotirene (2019), um certo silenciamento infligido sobre as mulheres negras para que não consigam ter voz. A capa estampa a imagem de Marielle, mas a matéria é direcionada à injustiça de inserir o nome de Jair Bolsonaro na investigação de assassinato.



Figura 51 – Marielle Franco na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2659 de novembro de 2019.

A matéria é toda direcionada a Jair Bolsonaro e representa que mesmo a vítima sendo uma participante com certo grau de autoridade, a revista expõe o caso como uma trapalhada.

[...] Assassinato de Marielle Franco é mais um triste capítulo de um crime que completa 600 dias sem solução (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

A execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes não para de produzir notícias espantosas [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

A história marca um ápice de um caso repleto de confusões e trapalhadas de todo os tipo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2659 DE NOVEMBRO DE 2019).

Sabe-se que a revista faz suas representações de forma a atrair o público para comprá-la, porém, certas representações podem ser associadas a estereótipos racistas.

Representações de pessoas negras em profissões elitizadas como a medicina levantam o debate sobre uma questão já abordada nesse estudo que Ribeiro (2019) aponta como o lugar que o negro pode ocupar. Mesmo sendo um médico com certo grau de autoridade e atuando num hospital considerado de classe alta, como é possível observar na figura 52, a sua imagem aparece de forma coberta.



Figura 52 – Moacyr Silva Junior, médico na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2679 de março de 2020.

Apesar das representações o considerarem um profissional renomado, do tipo específico, a abordagem da matéria na revista não apresenta Moacyr, como os médicos brancos são também apresentados.

Heróis de Guerra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2679 DE MARÇO DE 2020).

Essas invisibilidades atribuídas aos negros fazem parte do racismo estrutural incorporado na sociedade.

Na figura 53, observamos diversas pessoas na capa da revista. Apesar disso, apenas duas mulheres negras na capa.

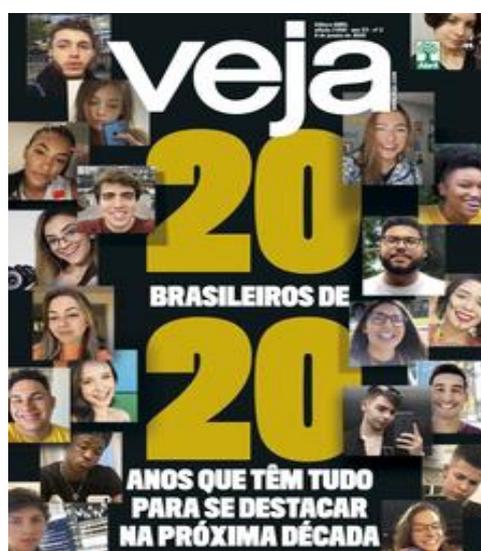


Figura 53 – 20 brasileiros notórios na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2668 de janeiro de 2020.

Nas representações na matéria, observa-se que algumas das 20 pessoas consideradas com certo grau de autoridade estão em locais de privilégio e a única mulher negra considerada como uma profissional é uma ex-marisqueira, representada com características específicas sobre sua condição periférica.

Vinte jovens para acompanhar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

20 brasileiros de 20 anos que têm tudo para se destacar na próxima década (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Pedro Gorki, estudante secundarista [...] Pedro Goki, presidente da maior entidade de estudantes secundaristas do país [...] Pedro Goki, negro e nordestino (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Vinícius Junior, ponta esquerda do Flamengo [...], Vinícius Junior apontado como o futuro do Real Madrid [...] Vinicius Junior, outro dia empinava pipa em São Gonçalo [...] um dia você é um Pelé, outro não joga nada (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

Josana Santos, modelo [...] Josana santos, descoberta no mercado da Bahia, a ex - marisqueira desponta no mundo *fashion* da moda, para qual reivindica maior presença de afrodescendentes [...] Josana Santos, modelo de superação nas passarelas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2668 DE JANEIRO DE 2020).

4.1.5 A INTERSECCIONALIDADE COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NA REVISTA VEJA.

Nessa categoria, serão apresentados os conceitos sobre Interseccionalidade, realizando a intersecção nas representações de pessoas negras na revista. Como na categoria do racismo estrutural, algumas representações ficaram mais evidentes e identificou-se que o protagonismo de pessoas negras estão condicionadas às suas exclusões, divisões e partilhas de capas entre homens negros e brancos. As representações estão direcionadas às questões políticas, crimes, futebol, esporte, vítimas, cultura e lazer. Isso pode ser observado na figura 8, onde Marina Silva está sendo representada como uma mulher negra profissional na política e em forma de caricatura. Não podemos deixar de citar que o ano de 2010, foram as eleições presidenciais onde Marina Silva estava perdendo nas intenções de voto. A campanha contra Marina Silva foi

forte e muito agressiva e além disso, as representações expõem Marina Silva atrás de seus oponentes na disputa presidencial.



Figura 8 – Marina Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2169 de junho de 2010.

A questão desta representação, de acordo com Hirata (2014), fazem forte referência as questões do gênero e da mulher negra excluída. Podem ser observadas representações por traços e aspectos específicos que a diferenciam dos demais participantes — e quanto aos demais, este tipo de representação não é realizada.

Marina Silva: ela pode não ser apenas a miss simpatia (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

[...] Visto como limitante, e enfatizar a imagem de uma candidata negra e preocupada com os grandes temas da atualidade como educação e políticas sociais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Os eleitores se dividem de forma desequilibrada entre Dilma e Serra [...] Como a tradição anti - petista é forte no estado de São Paulo os tucanos apostam numa migração maciça deste eleitorado para Serra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

José Serra do PSDB, Dilma Rousseff do PT e Marina Silva do PV (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Pode-se identificar que tais representações atribuem à mulher negra um lugar diferenciado dos demais participantes que são brancos, ou seja: a importância é a mesma, mas a forma de atribuir autoridade, como aborda Carneiro (2020), enfatiza limitações e dificuldades na condução de seu cargo.

Como já foi observado na categoria sobre racismo estrutural, é possível encontrar diversas representações de homens no futebol e estas representações ocorrem, por algumas

vezes, vinculadas a crimes. Como é possível perceber na figura 10, o ex-goleiro Bruno, do Flamengo, está sendo representado por um crime que cometeu. A capa possui uma iluminação forte sobre o jogador e sua pele fica mais clara na revista.



Figura 10 – Goleiro Bruno na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2172 de julho de 2010.

Observa-se que a matéria atribui a Bruno uma comparação referente a outros jogadores de futebol que também cometeram crimes.

Vagner Love aparece chegando a um baile na favela da rocinha, na zona sul do Rio do Janeiro, alegremente acompanhado por traficantes [...] Adriano o imperador, deu uma moto de presente à mãe de um bandido conhecido como Mica, chefe do tráfico da favela de Chatuba (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

Ídolo e capitão do time mais popular do Brasil, o goleiro Bruno do Flamengo é investigado pelo desaparecimento da ex - amante (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

O mundo do goleiro do Flamengo, ídolo da maior torcida do Brasil, ameaça ruir (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2172 DE JULHO DE 2010).

Pela forma como Bruno é caracterizado e especificado por ser o melhor goleiro do Flamengo, mesmo tendo cometido um crime hediondo, existe uma certa permissão para que ele faça isso. Sendo assim, observa-se uma ideologia heteronormativa na revista atribuída aos homens de forma cultural. A questão da foto mais branqueada sobre pessoas negras é uma característica que, de acordo com Ballestrin (2013), é muito comum em países que sofreram a colonização europeia. Na revista, de um modo geral, chama-se atenção para essa iluminação da pele de pessoas negras, caracterizando uma necessidade de homogeneizar suas representações.

As formas de representações em caricatura e a supressão de mulheres negras ocorrem com uma certa incidência na revista. É observado, na imagem estereotipada da figura 11, Marina Silva dividindo a capa da revista em meio a pessoas brancas.



Figura 11 – Marina Silva na Veja.

Fonte: Revista Veja. Edição 2178 de agosto de 2010.

Carneiro (2020) revela que essas desigualdades se estendem às dúvidas relacionadas ao desempenho de uma mulher negra que, na matéria, não se estendem às pessoas brancas.

Dilma Rousseff com 41% das intenções de voto, contra 33% de José Serra, a diferença são de 8%” [...] É atrás dos grupos de indecisos que o partido de Marina Silva vai buscar votos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

O fato de Marina Silva ter sido alfabetizada pelo Mobral quando tinha 16 anos será explorado, [...] Dilma Rousseff tem discurso desconexo de difícil entendimento, [...] José Serra tem vasta experiência administrativa (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

Serra é o mais preparado para a presidência, [...] o programa revelou um avanço de 7 pontos percentuais na candidatura de Dilma, [...] Marina Silva apresenta-se como uma candidata ética (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2178 DE AGOSTO DE 2010).

A postura ética profissional de Marina Silva é levada em consideração na matéria e revela o que Creenshaw (2002) chama de um certo obstáculo que muitas vezes não é entendido de maneira convencional.

As pessoas negras na revista possuem uma maior incidência de representação no gênero masculino. Na figura 12, Fernandinho Beira Mar é apresentado com sua pele iluminada, sorrindo em uma matéria que aborda a trajetória de crimes do participante.



Figura 12 – Fernandinho Beira Mar na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2203 de fevereiro de 2011.

As representações atribuídas ao participante o caracterizam como um indivíduo específico, com autoridade e trazem uma noção de grande poder social, mesmo estando preso.

O bandido mais perigoso do país continua a traficar, matar, sequestrar e controlar territórios de dentro de sua cela (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Preso há dez anos em cadeias de segurança máxima, o bandido continua sendo o mais poderoso líder do tráfico de drogas no país (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

Sua quadrilha negocia, em média, 200 quilos de cocaína e 300 quilos de maconha por mês (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2203 DE FEVEREIRO DE 2011).

As diferenças de notoriedade entre os gêneros podem ser atribuídas, como aponta Ribeiro (2019), como o poder que os homens foram adquirindo culturalmente na sociedade.

Não diferente das questões do gênero masculino relacionadas a crimes, observa-se na imagem da figura 14, a representação personalizada de Wellington Menezes de Oliveira, assassino no massacre da escola de Realengo.



Figura 14– Wellington Menezes de Oliveira na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2212 de abril de 2011.

As representações da matéria atribuem ao participante características específicas de uma pessoa que cometeu um crime hediondo, dando maior ênfase às pessoas do sexo oposto, neste caso, mulheres.

O massacre de doze crianças em uma escola no Rio foi urdido por uma mente doentia que pretendia jogar um avião contra o Cristo Redentor (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

Outras estranhas facetas deste rapaz adotado com dias de vida por parentes da mãe esquizofrênica já tinham vindo à tona antes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

O esquisitão da turma, na descrição de uma ex-colega de turma (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

O massacre de doze crianças numa escola no Rio [...] As meninas foram dez das vítimas do atirador e receberam tiros na cabeça e no tórax (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2212 DE ABRIL DE 2011).

Conforme aborda Akotirene (2019), discriminações relativas ao gênero são observadas nessa matéria pelo ataque do participante acontecer em meninas, em sua maioria, ou seja: o feminicídio cometido pela aversão do gênero feminino.

As representações de pessoas negras como homens poderosos são frequentes no futebol. Na figura 15, observa-se o Neymar.



Figura 15 – Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2223 de junho de 2011.

As representações atribuídas à matéria revelam comparativos entre Neymar e Pelé como homens poderosos.

Neymar um Pelé para o século XXI (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Finalmente surge um craque da linhagem de Pelé (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Reymar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Aos 19 anos Neymar ganha 1 milhão de reais por mês, é titular da seleção, o melhor jogador da América e cobiçado pelos principais times do mundo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Número 1 da propaganda, 1 milhão de reais por mês, fatura com publicidade 850.000 reais com um salário de 150.000 reais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2223 DE JUNHO DE 2011).

Termos como ‘linhagem’ na identificação do participante refletem, como aborda Almeida (2019), certas naturalizações no tratamento de pessoas negras na sociedade.

Representações estereotipadas permeiam a capa da revista também como um recurso para vendas. No entanto, também podem ser responsáveis por enviar informações negativas dos participantes, como podemos observar na figura 16 com Barack Obama.



Figura 16 – Barack Obama na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2228 de agosto de 2011.

A matéria adota um tom mais pesado contra o participante e o representa como um líder que não está sendo confiante.

A vacilação do presidente Obama [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

O presidente Obama, que sai menor do que entrou: com sua liderança flácida, chegou a virar um espectador da maior crise do seu governo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

O presidente Obama recebe flechadas por todos os lados (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

Entre 1967 e 2003, uma família na base da pirâmide social elevou sua renda em 28% e no mesmo período uma família no topo da pirâmide aumentou sua fatia em 74% (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2228 DE AGOSTO DE 2011).

De acordo com Hirata (2014), existe um poder atribuído aos homens na revista e na política, e ele é bastante relevante para os homens negros que aparecem com autoridade. Mesmo assim, as comparações sobre a capacidade de pessoas negras de assumir postos de liderança são exaltados.

Os homens negros aparecem na revista com grande incidência na política e também no esporte. Observa-se isso na figura 17, onde Anderson Silva é descrita como uma pessoa tranquila, porém, atuando em um esporte com demasiada violência, o *Ultimate Fighting Championship* (UFC).



Figura 17 – Anderson Silva na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2260 de março de 2012.

O participante é representado com certa autoridade ao grupo que pertence e são realizadas algumas inserções de atributos que garantem a Anderson características específicas do mundo da luta.

Anderson Silva, brasileiro, campeão de artes marciais [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Ídolo do esporte que mais cresce no mundo [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

E está criado o novo herói do esporte brasileiro, ainda que muitos evitem chamar de esporte as lutas do *Ultimate Fighting Championship* (UFC) (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Chute lateral 55 quilômetros por hora, velocidade de rotação a perna 1500 graus por segundo, força do chute 900 quilos, soco de direita 37 mil quilômetros por hora e força de 300 quilos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

O gladiador tranquilo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2260 DE MARÇO DE 2012).

Os homens negros são representados por suas competências ou por seus feitos e algumas destas representações são direcionadas à violência. Esse estereótipo pode ser identificado, como aborda Almeida (2019), o de sempre reconhecer o homem negro como uma pessoa perigosa e violenta.

Na figura 19, observa-se Barack Obama sendo representado com autoridade na capa e a imagem remete às questões de diversidade pelas cores que estão junto com o participante.



Figura 19 – Barack Obama na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2295 de novembro de 2012.

A matéria possui uma forte questão de comparar Obama com a demografia de seus eleitores que foram camadas mais múltiplas que ele conseguiu atingir.

OBAMA, a força da demografia na sua reeleição e nas transformações globais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2295 DE NOVEMBRO DE 2012).

Com a reeleição de Obama, a democracia americana exibe ao mundo sua capacidade dar voz às minorias e refletir as dramáticas mudanças demográficas em curso nos EUA (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Há trinta anos, talvez vinte, só um doido diria que em 2012 a Casa Branca seria disputada entre negro e um mórmon (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

Entre as minorias, Obama ganhou com 80% dos votos, no plano nacional [...] Entre os assalariados brancos, perdeu por uma diferença de 20 pontos percentuais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2290 DE OUTUBRO DE 2012).

O que se observa em meio à diversidade que Obama conquistou é uma forte discriminação de minorias brancas que não votaram nele e que, de acordo com Collins (2000), os EUA possuem estas questões democráticas acentuadas em termos de racismo, mas não possuem uma democracia que, por exemplo, acabem com a distinção entre brancos e negros no país.

Em algumas representações é possível observar crianças como vítimas na capa da revista. Na figura 24, a menina Ana Clara aparece na capa como vítima de um crime orquestrado por bandidos de sua cidade e sua imagem estampa o título que atribui a ela a característica de ser vítima. A interseccionalidade realizada na imagem e na matéria representam as dificuldades de pessoas negras em se desvincularem da violência em áreas periféricas.



Figura 24 – Ana Clara, a 411ª vítima na Veja
 Fonte: Revista Veja Edição 2356 de janeiro de 2014.

Apesar da matéria apresentar a menina como vítima, a informação que pode ser transmitida é de que pessoas negras só possuem representação quando são acometidas por crimes.

A 411ª vítima (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Ana Clara, 6 anos, foi queimada viva por bandidos no Maranhão no terceiro dia de 2014 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Aos 6 anos de idade Ana Clara não sabia o que era crueldade, crise no sistema penitenciário ou desgoverno (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Aos 6 anos de idade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Com 95% do corpo queimado, ela ainda conseguiu sair do carro (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2356 DE JANEIRO DE 2014).

Ou seja, essas desigualdades de representações, de acordo com Carneiro (2011), podem significar um enquadramento de pessoas negras como vítimas ou criminosas em áreas periféricas e condicionadas a estes rótulos.

Na figura 28, observa-se que Neymar está dividindo a capa com pessoas brancas. Porém, a capa usa a imagem de Neymar e a matéria fala sobre política e a abertura da Copa.



Figura 28 – Neymar na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2378 de junho de 2014.

Vaias a presidente, craque que faz dois gols e hino cantado em furor patriótico depois da execução oficial: eis um resumo da abertura da Copa do Mundo de 2014 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

Um consolo para Dilma: não veio do povo a retumbante e espontânea vaia que ela levou no jogo de abertura da Copa na Arena Corinthians em São Paulo, na semana passada (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

Hino, Neymar, vaias (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2378 DE JUNHO DE 2014).

O recurso de suprimir pessoas negras na capa da revista com pessoas brancas pode informar, de acordo com Ribeiro (2019), a ideologia da revista em deixar suas representações de forma homogênea e aceita por um determinado grupo.

Como dito anteriormente, o recurso de vendagem da revista Veja apresenta capas que fazem com que o leitor compre pela exploração da imagem. É possível observar isso em todas as capas, inclusive na figura 31.



Figura 31 – Neymar na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2381 de julho de 2014.

A representação da matéria nos faz perceber que Neymar está sendo comparado, pela sua ausência, à Pelé; e o título da capa torna-se ambíguo quando cita a palavra raça.

Agora é na raça (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

O craque Neymar fratura uma vértebra e está fora da Copa (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

Uma entrada violenta do lateral Zuniga em Neymar levou o craque ao gramado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

O impacto da ausência do craque lembra a dor cívica de 1996, quando Pelé foi caçado na Inglaterra pelo zagueiro Morais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2381 DE JULHO DE 2014).

De acordo com Hirata (2014), em termos comparativos do gênero masculino, os homens negros são identificados com certa autoridade entre eles em suas profissões.

Quanto à representação de mulheres negras na revista, observa-se, na figura 32, a imagem de Marina Silva na capa.



Figura 32 – Marina Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2388 de agosto de 2014.

Como aborda Hirata (2014), as representações das mulheres negras possuem um olhar de figura frágil e no papel de empregada doméstica.

Marina presidente? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Com a entrada da ex-senadora como um furacão na corrida eleitoral, o Brasil tem pouco tempo para saber se ela é apenas uma miragem ou uma opção política de verdade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Mas este é o estilo de Marina, reafirmado por sua figura frágil de 50 quilos e 1,65 metro de altura (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Como empregada doméstica, só aos 16 anos aprendeu a ler (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2388 DE AGOSTO DE 2014).

Nota-se que além da baixa incidência de mulheres negras como profissionais na revista, quando estas aparecem, são cercadas de dúvidas sobre suas competências.

Observa-se, também, que a incidência de mulheres negras está direcionada às representações sobre política. Na figura 33 se vê Marina Silva suprimida em meio a pessoas brancas na capa.



Figura 33 – Marina Silva, Aécio Neves e Dilma Rousseff na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2392 de setembro de 2014.

Além de observar essa supressão na capa, Marina Silva é reduzida em relação às suas emoções.

Racionalidade - Eu sei fazer sonho virar realidade - Aécio Neves (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Emoção - Não é um discurso, é uma vida – Marina Silva (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Poder – O que está bom vai continuar; o que não, vai mudar – Dilma Rousseff (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

A presidente e candidata Dilma Rousseff, abriu 7 pontos de vantagem sobre a ex-senadora no primeiro turno e diminuiu de 10 para 2 pontos a diferença no segundo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

Aécio Neves do PSDB, que chegou a ter 20 pontos a menos que Marina agora está separado dela por 13 (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2392 DE SETEMBRO DE 2014).

De acordo com Carneiro (2020), essa redução de Marina Silva a insere em um local de subserviência e obediência, imposta às mulheres.

Representações atribuídas às mulheres negras são, em sua grande maioria, de forma caricata ou fragilizada. Como é possível observar na figura 34 Marina Silva está sendo coagida na imagem.



Figura 34 – Marina Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2391 de setembro de 2014.

Os discursos da matéria a representam como uma vítima de uma campanha difícil e agressiva contra Marina Silva.

A fúria contra Marina. Nunca antes neste país se usou de tanta mentira e difamação para atacar um adversário como faz agora o PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

O PT passa o trator e Marina resiste (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

Petistas adotam a tática de atacar Marina Silva a qualquer custo e o resultado é uma campanha como nunca se viu antes no país (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

[...] recebeu doações de 22,1 milhões, com um teto de 150 milhões de gastos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2391 DE SETEMBRO DE 2014).

Essas representações de Marina Silva, de acordo com Crenshaw (2002), reduzem a mulher negra como uma pessoa que não possui competências específicas em assumir cargos e lideranças dentro do mercado de trabalho.

Conforme podemos notar na figura 35, observa-se mais uma representação de Marina Silva, de forma caricata e junto a pessoas brancas.



Figura 35 – Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2389 de setembro de 2014.

É possível notar diversas comparações entre Marina Silva e os demais participantes que são brancos quanto à sua capacidade, modéstia e humildade.

Como Dilma e Aécio tentam parar Marina (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

A quatro semanas das eleições, os dois fortes contendores revelam suas estratégias para segurar o fenômeno eleitoral que disparou na frente (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

Para entrevista no Jornal Nacional, Marina Silva trocou o visual modesto por outro quase majestoso. Tirou os pesados óculos vermelhos que tinha usado na noite anterior, exibiu as sobrancelhas feitas e uma maquiagem suave (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2389 DE SETEMBRO DE 2014).

Conforme aborda Cunliffe (2014), uma visão mais gerencial e dentro de uma roupa adequada ajuda na imagem e na garantia de aceitação mais rápida em postos de liderança. É possível observar que, na matéria, existe uma tendência a julgar que Marina Silva precisa melhorar sua auto imagem para se equiparar aos seus concorrentes.

Na figura 36, identifica-se Marina Silva dividindo a capa com Aécio Neves.



Figura 36 – Marina Silva e Aécio Neves na *Veja*
 Fonte: Revista *Veja*. Edição 2394 de outubro de 2014.

O grau de autoridade dos participantes é o mesmo, os dois são políticos e concorrem em posição de igualdade pela disputa às eleições presidenciais, mas a matéria apresenta Marina Silva, como uma candidata com traços específicos que não são atribuídos a Aécio Neves. Sabe-se que a disputa presidencial foi agressiva contra Marina Silva porém, ressaltar estas características faz com que a revista represente sua preferência aos homens brancos em postos presidenciais.

Marina Silva e Aécio Neves travaram no debate da Globo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Marina rouca, aparentava cansaço e manteve o semblante tenso (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Ao contrário do que fez nos debates anteriores, abriu mão das falas propositivas e não economizou nos ataques com a candidata do PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Marina Silva (PSB) e Aécio Neves (PSDB) – ela com 24% das intenções de voto, ele com 21% das intenções de voto (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

A cartada final (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2394 DE OUTUBRO DE 2014).

Essas desigualdades refletem, de acordo com Hirata (2014), nas dificuldades de ascensão de mulheres negras a postos e cargos relevantes, ou no mercado de trabalho.

Na figura 38, apesar de haver um homem negro na capa da revista, ele aparece de forma suprimida e um pouco distante dos demais participantes. Essa imagem é do pôster do filme sobre a trilogia *Star Wars*.



Figura 38 – Filme Star Wars na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2457 de dezembro de 2015.

As representações da matéria apresentam um homem negro distante e o participante é especificado pelo seu papel no filme.

Finn (John Boyega) um ex soldado que servia o lado negro da força empunha seu sabre de luz (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

Deserção com honra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

Rey tem de trombar com Finn um stormtrooper (um daqueles soldados de uniforme e capacetes brancos) que deserdou da ordem por sua aversão a matar (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2457 DE DEZEMBRO DE 2015).

As representações desta capa interagem com um filme, mas nem por isso o cinema de Hollywood deixou exposto seu único participante negro na saga. O pôster apresenta o participante atrás dos demais que, de acordo com Almeida (2019), desvaloriza e não dá conta de pessoas negras almejando algum local que não seja o de coadjuvante.

Observa-se, na figura 41, as representações de diversas mulheres na capa, porém, apenas uma mulher negra dividindo a capa com elas.



Figura 41 – Alexandra Loras, ex - consulesa da França na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2525 de abril de 2017.

A matéria as apresenta de formas específicas e todas tiveram depoimentos de assédio sexual e moral em seus locais de trabalho.

Luiza Possi, cantora, assediada por um fã [...], Ana Paula, ex-jogadora de vôlei, assediada por diretor de um clube [...], Sandra Annenberg, apresentadora de TV, assediada no início da carreira [...], Alexandra Loras, ex - consulesa da França, assediada por um diretor de TV (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

A corajosa denúncia da figurinista da Globo contra o galã José Mayer [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

Na primeira vez que tentei trabalhar na televisão, não consegui passar no teste. Quando o diretor me disse que eu não era boa, perguntei se ele poderia me ajudar me dar dicas para melhorar. Ele me ajudou mas eu não percebi que pretendia algo em troca. Ao receber a minha negativa, respondeu que eu era manipuladora. Isso é muito comum em vários meios de imprensa – na França, no Brasil, em todo mundo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

40 % sofreram algum tipo de assédio nos últimos doze meses [...], as situações mais comuns – 13% receberam cantadas ou ouviram comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

Eu sofri assédio sexual [...], Ele mexeu com todas (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2525 DE MARÇO DE 2017).

De acordo com Carneiro (2019), a imagem das mulheres negras passa uma ideia de que estas não são capacitadas para realizarem outras funções sem que antes tenham que servir alguém ou serem subservientes.

Já foi possível identificar, através das análises das revistas anteriores, que pessoas negras aparecem de forma suprimida na capa junto com pessoas brancas. Conforme observado na figura 45:

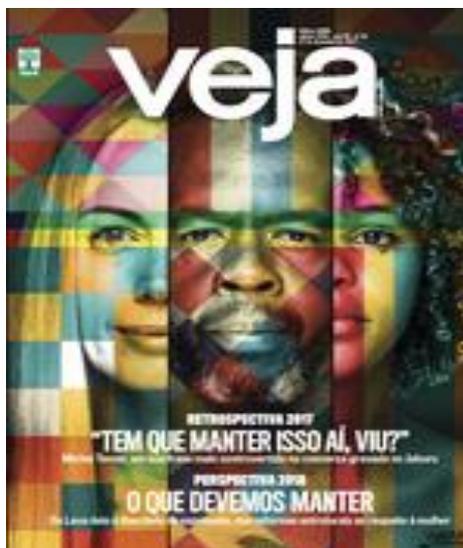


Figura 45 – Desenho do muralista Kobra na Veja.
Fonte: Revista Veja. Edição 2562 de dezembro de 2017.

A revista aborda temas diversos e que tem respeito à liberdade de expressão, porém, para abordar o tema diversidade, convidou o muralista Kobra para desenhar um painel do povo como diverso e falar sobre as polêmicas do governo Temer.

O diverso povo brasileiro (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

Um extraordinário pacote visual para mostrar o que deve e o que não deve ser mantido (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 DE DEZEMBRO DE 2017).

Tem que manter isso aí, viu? [...] O que devemos manter? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562 E3 DEZEMBRO DE 2017).

Observa-se, de acordo com Fanon (1967) e Santos (1977), que estas representações são sobre um fenótipo e a origem geográfica foram – e ainda são – os principais fatores para categorização de quem é humano ou não (FANON, 1967; SANTOS, 1977). Ou seja, a revista é plural, mas aborda o tema diversidade usando um desenho e falando sobre um homem branco na matéria, sugerindo pessoas negras como não humanizadas.

Na figura 47, identifica-se Marielle Franco como uma vítima de assassinato e sua imagem é de uma mulher sorrindo.



Figura 47 – Marielle Franco na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2574 de março de 2018.

As representações da matéria são direcionadas às características específicas sobre Marielle Franco e insere rótulos de mulher negra e periférica, ainda que ela possua autoridade.

Marielle Franco, 38 anos, vereadora do PSOL (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

Marielle, cuja carreira em alta na defesa dos direitos humanos foi interrompida por quatro tiros na cabeça (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

Ela sabia que seu discurso e sua própria figura incomodavam: mulher, negra, da periferia, mãe ainda na adolescência, homossexual (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

No Facebook, a filha de Marielle, Luyara, escreveu: Mataram a minha mãe e mais 46.500 eleitores (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2574 DE MARÇO DE 2018).

Pela visão de Akotirene (2019), o lugar da mulher negra ainda é um lugar periférico, submisso e de opressão. Sair destes locais é uma afronta social.

As representações em forma de caricatura, como é possível perceber na figura 48, são bem frequentes em pessoas negras. A imagem apresenta Marina Silva e Joaquim Barbosa.



Figura 48 – Marina Silva na Veja.
 Fonte: Revista Veja. Edição 2578 de abril de 2018.

É possível observar, nas representações da matéria, uma certa dificuldade em apresentar qualidades de Marina Silva em comparação a Joaquim Barbosa que obteve uma melhor performance de trabalho.

Com Lula preso, Alckmin, Marina e Meirelles no páreo, à disputa eleitoral fica mais clara. A novidade é o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa que tentará capturar os votos do PT (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Joaquim Barbosa, ministro aposentado do STF e relator do processo do mensalão (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

[...] Marina Silva, pesquisas divulgadas em janeiro mostram que a ex-ministra é a beneficiária dos votos hoje prometidos a Lula (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

[...] Joaquim Barbosa acumula todos os predicados necessários para ingressar na política (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

[...] O percurso de Marina está repleto de obstáculos e um deles é seu isolamento (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2578 DE ABRIL DE 2018).

Hirata (2014) aborda que estas diferenças, como a ideia de que os homens estão sempre mais preparados do que mulheres para cargos de comando, são discursos muito disseminados no mundo profissional.

4.1.6 A COLONIALIDADE NA REVISTA VEJA

Nesta categoria, será apresentada a colonialidade, fazendo uma apresentação das representações que foram notadas na revista a partir das análises realizadas nesse trabalho. A pesquisa possui suporte decolonial pela forma que estas representações foram surgindo ao longo das análises, portanto, será reforçada a importância do aspecto decolonial para próximas interpretações.

De acordo com Coronil (2005), o processo de dominação dos povos e da divisão entre raças constituiu que tudo que não for Europa e América deveria ser dominado e colonizado. A partir dessa dominação, alguns traços específicos que são mais aceitáveis como um padrão homogêneo são os de pessoas brancas, e tudo que for diferente disso não deve ser considerado como um padrão. A revista em questão possui sua fundação no Brasil, porém, como já informado no capítulo de breve histórico da Veja, o fundador Roberto Civita passou uma temporada na redação de uma revista nos EUA, procurando buscar, conforme informado pela Editora Abril (2020), o melhor em termos de comunicação, formatação, diagramação e modelos de sucesso inspirados em revistas americanas. Nota-se que a revista possui uma ideologia voltada a essa visão eurocêntrica e essa visão pôde ser identificada nas análises.

Quanto às representações de colonialidade na revista, percebe-se as que se configuram em cópias de modelos de dominação realizadas por países eurocêtricos a países da América Latina e que perpetuam estes exemplos como forma de política. É possível observar essa questão na figura 20:



Figura 20 – Hugo Chávez na Veja.
Fonte: Revista Veja. Edição 2312 de março de 2013.

O endeusamento de dogmas de regimes totalitários está caracterizado pelo poder que seu líder impõe aos seus liderados.

Chávez, a herança sombria [...] o populista Chávez (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

A maldição da múmia, [...] Embalsamado para ser exposto na Venezuela, ele assombrará a região por muitos anos com seu legado (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

[...] a repetição de um padrão quase infalível entre os seguidores de líderes totalitários, carismáticos e, em muitos casos, assassinos seriais (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

A dependência por alimentos importados em 1998 era de 50% em 2011 estava em 70% (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2312 DE MARÇO DE 2013).

Por mais que a matéria aborde o poder de um homem na política, observa-se que a colonialidade foi representada pela forma de opressão e imposição de regras que foram identificadas na matéria. Conforme Dussel (1993), podemos possível caracterizar esta condição como o encobrimento do outro e sua total submissão.

Comparações são bem específicas em termos de países de centro e da América Latina. Um exemplo disso foi a Rússia ser a sede da Copa do mundo. Na figura 49, até a forma de se vestir pode ser identificada como imponente; e a representação de um homem branco sentado num trono com duas pessoas negras ao seu lado garante uma visão colonial dos tempos de escravidão.



Figura 49 - Neymar, Gabriel Jesus e Tite na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2568 de junho de 2018.

As representações estão direcionadas em como a Rússia é fascinante e em bons exemplos e comportamentos dos jogadores e do técnico Tite.

A realização da Copa do Mundo na Rússia, um país de história e cultura fascinantes, é a oportunidade de enxergar o torneio para muito além dos gols e craques inesquecíveis (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Comandante Tite [...], Tudo é permitido para Neymar [...], Um viagem a infância de Gabriel Jesus (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Ancorado nos bons exemplos de equipes do passado, o treinador da seleção respira futebol 24 horas por dia [...], O genial atacante do PSG, Neymar, chega a sua segunda copa na condição de Deus e Diabo [...], O camisa 9, Gabriel Jesus, leva uma história em comum, mas sempre única e inspiradora para outros garotos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

Tite, perfeccionista até demais [...], Esse tom abusado é até compreensivo vindo de Neymar por ser um jovem de 26 anos cujos ombros suportam o mundo [...], Gabriel Jesus, o craque de 21 anos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2568 DE JUNHO DE 2018).

De acordo com Mignolo (2017), considera-se, pelas representações da revista, que essas são as formas de observar uma imagem mais bonita no outro e nunca em nós mesmos, uma espécie de espelho embaçado onde quero me ver no outro e não me aceito.

De acordo com Quijano (2010), a colonialidade foi um instrumento de dominação que exterminou diversas raças e disseminou a cultura de diferentes povos, entre eles os indígenas. Conforme a figura 4, identificamos a imagem de um menino índio, porém, essa é a única capa que contém a representação de um indígena na revista.



Figura 4 – Menino índio na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2130 A de setembro de 2009.

As representações são direcionadas à Amazônia e relatam os seus problemas sem identificar os índios como protagonistas da região. Além disso, as identificações dos índios são realizadas de forma caricata, reforçando a imagem de uma população que existe em grande maioria e com baixo padrão de vida.

260 usinas termelétricas jogam fumaça de diesel no ar da região onde só deveria existir energia limpa (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009).

Moram na Amazônia, 25 milhões de pessoas, a grande maioria em áreas urbanas. É dessa gente que depende o futuro da maior floresta tropical do planeta (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009);

A indústria que prospera sem cortar nenhuma árvore (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009).

Alcindo Nicanor Alfredo, de 24 anos, é um índio Ticuna que só aprendeu o Português aos 10 anos. Aluno de um programa de educação indígena, concluiu o ensino médio em sua aldeia, ganhou uma bolsa de estudos e foi para Manaus, onde acaba de se formar em Administração numa universidade particular (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009);

Índio que MBA (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009).

Índio que nasceu numa maloca no município de Benjamim Constant, fronteira com o Peru (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009).

A população indígena de Manaus já é tão grande quanto a das maiores aldeias da Amazônia [...] Há na cidade mais de 12.000 índios e os indicadores apontam um baixo padrão de vida (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130ª DE SETEMBRO DE 2009).

Essas noções de colonialidade são perpetuadas, na revista, pela visão de exclusão do índio e por não permitir que eles conquistem outros espaços, além dos que são permitidos a eles.

A colonialidade, de acordo com Mignolo (2017), pode ser identificada em países com certo grau de autoridade e poder. Conforme a figura 3, Barack Obama aparece na capa com sua imagem coberta pelas cores dos EUA, onde é possível identificar o poder que o país possui é até maior que o de um presidente.

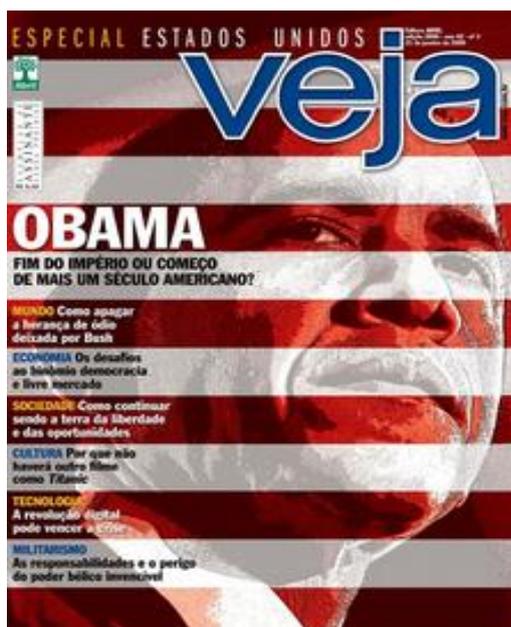


Figura 3 – Barack Obama na Veja

Fonte: Revista Veja: Edição 2096 de janeiro de 2009.

As representações são voltadas a um país como um “Império” e remete aos tempos coloniais que, de acordo com Quijano (2010), é um produto da era do descobrimento europeu.

O novo presidente: sua posse será um evento global com uma segurança espetacular (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Na noite em que conquistou o direito de candidatar-se à Casa Branca, em junho passado, Barack Hussein Obama comemorou diante de eleitores entusiasmados [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Ao tomar posse como o 44º presidente dos Estados Unidos, Obama herdará um país com poderes incontestáveis (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

Como o primeiro negro a presidir o país, a posse de Obama é mesmo um coroamento de uma jornada histórica (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2096 DE JANEIRO DE 2009).

As questões direcionadas a um negro presidir um país com tanta notoriedade são tratadas na forma de “coroamento” à Obama. remetesse posicionamento remete aos tempos da escravidão.

Comparações entre pessoas negras e seus comportamentos em países europeus aparecem na revista. Como na figura 5, por exemplo, o jogador de futebol Robinho, que possui um problema de conduta na Inglaterra.



Figura 5 – Robinho na Veja

Fonte: Revista Veja. Edição 2098 de fevereiro de 2009.

As representações na matéria atribuem a Robinho características específicas que o acompanham como uma pessoa imatura que saiu da Inglaterra e foi para o Brasil para fugir das sanções políticas que, na Inglaterra, são mais fortes.

A síndrome de Peter Pan dos milionários de calção pega mais um, Robinho, acusado de agressão sexual na Inglaterra (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

A acusação de ter cometido agressão sexual em uma boate da Inglaterra revela a face imatura de Robinho, a mesma de outros atletas que saltaram da pobreza para o estrelato (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

[...] Os tabloides sensacionalistas ingleses estão fazendo a festa com a falta de comportamento adequado de Robinho [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2098 DE FEVEREIRO DE 2009).

Essas representações dos negros em países europeus passam a informação, conforme Almeida (2019), de uma identidade selvagem e violenta refletindo estereótipos de que não possuem o bom comportamento que é atribuído aos países eurocêntricos. Os comparativos entre

países da América Latina e Europeus são formulados pela visão europeia que, de acordo com Quijano (2010), atribui tudo o que é melhor aos europeus, e o que for fora disso, não deve ser considerado como um padrão a ser seguido.

Expressar rejeição a novas ideias e se basear em antigas para seguir em frente também reflete que a colonialidade está bem vinculada a países de centro como os EUA. Como pode ser visto na figura 6, Barack Obama é comparado a uma pessoa socialista em um país que possui uma força capitalista muito grande e, de acordo com Quijano (2010), essas estruturas capitalistas foram fundamentais na construção de mundo identificado atualmente.



Figura 6 – Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2104 de março de 2009.

As representações da matéria apresentam o medo do país em mudar a forma como atua nos dias atuais.

Obama e a bandeira americana no estilo do realismo socialista (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

[...] medidas tomadas por Obama, estão colocando os Estados Unidos na rota do socialismo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2104 DE MARÇO DE 2009).

Percebe-se que algumas medidas são inviáveis com relação a transformações e direcionamento de novas políticas em países moldados em estruturas capitalistas fortes.

Falta de políticas públicas e abandono, de acordo com Quijano (2010), são características da colonialidade. Na figura 7, observa-se uma criança negra sendo representada em meio a escombros em uma crise sanitária depois de um desastre no Haiti.



Figura 7 – Menino resgatado no Haiti na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2149 de janeiro de 2010.

A matéria aborda a grande crise humanitária no Haiti após uma catástrofe e a imagem faz uma referência da criança como um centro de esperança.

Multidão no centro destruído de Porto Príncipe: saques, socos, brigas e uma única leia dos mais fortes (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

O caos depois do desastre (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2149 DE JANEIRO DE 2010).

Apesar de analisar a categoria colonialidade, o racismo estrutural está em meio a essa construção. A imagem da criança negra fica vinculada a um estereótipo criminoso, e de que são vítimas e não possuem muitas oportunidades. De acordo com Ribeiro (2019), esses estereótipos são perpetuados e aceitos na sociedade como a forma naturalizada do racismo estrutural.

Na figura 9, observa-se o jogador Luís Fabiano na capa. O assunto que está sendo debatido é sobre ciência, porém, as noções de colonialidade são percebidas devido aos caminhos e características hereditárias realizadas entre a linhagem escocesa e brasileira na formação do DNA de Luís Fabiano.



Figura 9 – Luís Fabiano na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2168 de junho de 2010.

As representações remetem a uma importância atribuída num tipo de ancestralidade da humanidade e informam que Luís Fabiano vai brilhar onde nasceram os primeiros “*Homo Sapiens*”, o comparando com a formação do hominídeo da família dos primatas aos dias atuais.

O craque da seleção brasileira: ele vai brilhar no continente onde nasceu o *Homo Sapiens*, ancestral da humanidade (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Os ancestrais de Luís Fabiano e de Charles Miller, introdutor do futebol no Brasil, saíram juntos da África, agora palco da grande festa do esporte (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Jornada genética de Charles Miller e Luís Fabiano – um branco, genuinamente europeu, outro mulato, descendente de escravos africanos (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Milhões de brasileiros de seis gerações devem ao filho de escocês as emoções insubstituíveis proporcionadas pelo futebol (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

O mais branquelo nórdico descende do *Homo Sapiens* de pele negra que saiu da África (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2169 DE JUNHO DE 2010).

Existe um entendimento de racismo estrutural no discurso da revista quando ele é comparado a um macaco e chamado de mulato na matéria e, como aborda Almeida (2019), essas comparações são naturalizadas e permitidas às pessoas negras, porém, a maior evidência da colonialidade ocorre quando a matéria indica que milhões de brasileiros devem se curvar à genialidade de Charles Miller, que trouxe a invenção do futebol para países da América Latina,

indicando assim a noção de que países eurocêntricos, de acordo com Quijano (2010), são extraordinários e que possuem modelos que devem ser seguidos.

Apesar da questão de pessoas negras do gênero masculino estarem em maior evidência na revista dentro da política, observa-se na figura 13 algumas noções de colonialidade em comparação aos países de centro com os da América Latina, em termos econômicos.



Figura 13 – Barack Obama na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2209 de março de 2011.

Identifica-se, nas representações da matéria, uma entrevista com Barack Obama e uma postura de identificar o Brasil como um país aberto às festas e à lazer.

Quais são as suas impressões do Brasil que lhe ficaram gravadas na memória quando, na juventude, assistiu ao lado da sua mãe, a fita Orfeu Negro de 1959, filmada durante o carnaval do Rio de Janeiro? (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2209 DE MARÇO DE 2011).

Obama, de acordo com a matéria, se nega a responder à pergunta e essa entrevista foi realizada por um repórter brasileiro. Portanto, é possível identificar uma ideologia colonial na revista, que chama atenção, de acordo com Mignolo (2017), para um reflexo de uma imagem negativa do Brasil, ou seja, a população se enxerga através do olhar do outro e não dela própria.

Um caráter estrutural e reconhecido é a diferença entre brancos e negros na sociedade brasileira. Conforme aborda Hirata (2014), essas diferenças se estendem quanto às funções exercidas por mulheres negras e por homens negros no mercado de trabalho. Ao nos depararmos com a representação de uma mulher negra, conforme figura 44, identifica-se que a ideia atribuída ao trabalho da mesma é direcionado a cuidados, higiene, ou como dona de casa.



Figura 44 – Escrava na Bahia na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2557 de novembro de 2017.

A revista aborda uma edição especial sobre o assunto “racismo no Brasil” e trabalha o tema divulgando uma capa com uma escrava em tempos de escravidão.

Ser negro no Brasil é conviver com o preconceito e a desigualdade. O silêncio em torno desse fato não ajuda em nada o país: precisamos, pois, falar sobre o racismo.” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2557 DE NOVEMBRO DE 2017).

A colonialidade na imagem, de acordo com Quijano (2010), reflete a ideia de que sem a violência e apropriação do corpo de mulher negra não seria possível prosperar. E em termos de capitalismo, a representação dessa imagem pode ser considerada como trabalho em tempos coloniais. Fica em evidência a ideologia e dominação do pensamento branco, masculino, elitista e eurocêntrico. Essa imagem pode significar em determinadas classes sociais que mulheres negras só podem ser consideradas como profissionais se estiverem cuidando de alguém e não possuem competência para se inserirem em grandes empresas no mercado de trabalho.

Na imagem da figura 21, Barack Obama é pontuado com uma questão de colonialidade por estar monitorando países da América Latina, como o Brasil.



Figura 21 – Barack Obama na Veja.
Fonte: Revista Veja. Edição 2338 de setembro de 2013.

Considerado um país com certo grau de autoridade, identifica-se na matéria que os EUA se sentiu à vontade para monitorar o Brasil, demonstrando, assim, um certo poder e domínio em suas relações.

Barack Obama expõe os dilemas de uma superpotência vacilante (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Na tentativa de explicar a espionagem a Dilma e um ataque a Síria, Obama expõe os dilemas de uma superpotência hesitante (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

Thomas Shannon, embaixador dos EUA: O Brasil não é nosso alvo (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2338 DE SETEMBRO DE 2013).

De acordo com Quijano (2005), controle e domínio podem ser identificados como um processo de colonizar povos que são considerados inferiores aos de centro.

Na figura 23, observa-se a imagem de Nelson Mandela. Mandela foi o precursor na luta contra o Apartheid e na matéria ele foi reverenciado como um grande líder.



Figura 23 – Nelson Mandela na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2351 de dezembro de 2013.

[...] Como um homem que passara quase três décadas encarcerado conseguiu, ainda na prisão, assumir o protagonismo no desmonte de um regime opressor (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

[...] Mandela atraía admiração mundial, mas poucos fora da África do Sul sabiam exatamente quem ele era e o que havia feito (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

O Apartheid começou a ser instalado na África do Sul em 1948, pelo Partido Nacional e muitos dos seus líderes foram influenciados pela ideologia nazista (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2351 DE DEZEMBRO DE 2013).

As questões observadas como colonialidade envolvem a luta de Mandela contra o regime autoritário e a sua não identificação em ser escravo, demonstrando, assim, que os negros não foram escravizados de forma sutil e com sua concordância. Esse mito da democracia racial, de acordo com Almeida (2019), entende que brancos e negros viviam em harmonia, mas não era assim, principalmente nos EUA.

As comparações entre homens, crianças e futebol são realizadas na matéria como uma forma de expor situações desiguais no país. Na figura 25, observa-se um menino e um homem negro — e eles estão sendo comparados de formas distintas.



Figura 25 – Neymar e Deyvid na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2354 de janeiro de 2014.

A matéria expõe, além de comportamentos adversos e situações indesejáveis do Brasil, um país que apresenta diversos problemas e falta de infraestrutura em todos os setores, diferente da matéria da copa da Rússia.

O mundial da Fifa era um certame paroquial comparado a superprodução de hoje, que será preciso vencer nos aeroportos, nas filas de táxis, dos estádios e da falta de segurança (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

[...] Todos negros ou mestiços não fosse essas uma narrativa de ocupação de espaços por jogadores pobres e de como eles talharam na pedra bruta de um jogo europeu a feição cheia de surpresas linhas sinuosas que o mundo reverencia como a escola brasileira (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

[...] Aquilo que o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, em artigo escrito em 1971, sob o impacto do tri, chamou de futebol de poesia em oposição ao futebol de prosa dos europeus (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

Se eu tiver que assistir aos jogos ladeados por seguranças, não virei para o Brasil. Disse o ex-craque francês Michel Platini presidente da UEFA (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2354 DE JANEIRO DE 2014).

Os comparativos entre Europa e Brasil estão além da infraestrutura e também aparecem em prosas europeias. De acordo com Grosfoguel (2008), a construção de hierarquias raciais e de modos de apropriação dos recursos naturais de países que foram colonizados é bem construída na matéria, e pode ser vista como simultânea à constituição de uma divisão onde outros países internacionais possuem uma relação mais assimétrica e bem melhor com sua economia do que os países de periferia.

Observa-se, na figura 26, um homem negro amarrado a um poste. A matéria referente a esta capa remete aos tempos de escravidão e a colonialidade é observada no pensamento e na noção de primeiro mundo que extermina e pune raças consideradas inferiores.



Figura 26 – Adolescente de 15 anos na Veja
Fonte: Revista Veja. Edição 2360 de fevereiro de 2014.

Adolescente de 15 anos acusado de roubos foi preso nu com trava de bicicleta a um poste na orla carioca (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

A imagem do adolescente oferece um enigma. Ou o Brasil não avançara tanto, ou a foto era montada (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Tão desumana que já causava repulsa em meados do século XIX, quando o alemão Rugendas exibiu na Europa suas gravuras de escravos acorrentados ou sendo açoitados no Brasil (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

Os gregos clássicos do século IV antes de Cristo, que inventaram o pensamento abstrato, colocando a humanidade em um patamar superior, conviviam sem remorsos com a escravidão e o genocídio (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2360 DE FEVEREIRO DE 2014).

De acordo com Quijano (2005), essa matriz de poder, que se expressa por meio da colonialidade, procura encobrir o fato de que a Europa foi produzida a partir da exploração de pessoas por seus traços raciais. Não há como desconsiderar as implicações históricas do estabelecimento desse padrão de dominação e como isso influencia nas relações sociais nos dias atuais.

As noções de colonialidade que comparam determinados comportamentos a outros podem ser observadas na matéria da figura 29.



Figura 29 – Thiago Silva na Veja
 Fonte: Revista Veja. Edição 2377 de junho de 2014.

Thiago Silva é comparado a um *beckenbauer* na Europa, enquanto ele não é visto dessa maneira no Brasil, dando a impressão de que não existe a valorização do trabalho de Thiago Silva em sua terra natal.

Thiago tratado como um Beckenbauer na Europa mas, discretíssimo no Brasil [...] (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

A idolatria dos parisienses chega a tal ponto que o impede de passear anonimamente pelas ruas da capital (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

O início em Paris foi difícil, porque não existe aquele calor humano dos italianos, tão parecidos com os brasileiros. Mas ganhei respeito dos franceses aos poucos e hoje estou adaptado a eles (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2377 DE JUNHO DE 2014).

A adaptação que foi imposta a Thiago Silva na França faz parte da colonialidade do ser e do saber. De acordo com Quijano (2005), a colonialidade do saber se relaciona com a epistemologia e suas formas de reprodução de regimes de pensamento, enquanto a colonialidade do ser se refere à experiência vivida de colonização e seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados.

4.1.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA LITERATURA

Nesta seção, serão apresentadas as discussões dos resultados à luz da literatura, ou seja, a partir do referencial teórico.

Conforme os inventários de análise de discurso multimodal de Machin e Mayr (2012) e o referencial teórico, percebe-se que as representações encontradas na revista fazem parte de noções direcionadas ao racismo, à colonialidade, à exclusão do gênero da mulher negra e à falta de debates sobre diversidade.

As questões identificadas sobre as imagens utilizadas na revista e suas posições ao público são fundamentais na identificação de um padrão eurocêntrico que, conforme apresentação da revista, percebe-se que os diretores da redação ficaram por dois meses nos EUA e na Europa verificando “o trabalho das redações locais no formato quinzenal da revista para adaptar ao mercado brasileiro” (EDITORA ABRIL, 2020). Com isso, questões de cópias de modelos eurocêntricos ganham forma na redação e no contrato de colunistas determinando a ideologia da revista e seus colaboradores (MIGNOLO, 2007).

Mulheres negras são menos representadas que os homens negros na revista. Isso, caracteriza um viés heteronormativo. Tais representações não são estranhas, pelo fato da revista possuir em sua grade de colunistas 15 homens para 4 mulheres de acordo com o perfil para seus determinados gêneros. Sabe-se que as questões dos estudos sobre gênero, de acordo com Cálas e Smircich (1996), são identidades subjetivas e que são determinadas por diversos motivos, porém, na revista, são identificados homens e mulheres como sujeitos em condições diferenciadas. De acordo com Scott (1999), isso significa dizer que existe a instauração de uma conduta de ordenamento da vida das mulheres a partir de limites e normas de conduta de padrões masculinos.

O protagonismo de mulheres negras como profissionais na revista é percebido em questões de política, cultura, lazer, dos casos de vítimas e quase nula em questões de negócios. Os homens negros que aparecem na revista estão todos direcionados às questões de esporte, política, crimes e negócios. Estes homens são jogadores de futebol que estão sendo comparados aos demais esportistas que fizeram carreira ou com pessoas que foram as melhores em países da Europa, por exemplo. A revista não atribui pessoas negras à beleza, é como se este grupo não fosse um consumidor em potencial. Observa-se o que Ribeiro (2019) menciona a respeito de haver um branqueamento de pessoas negras na revista com o intuito de manter determinado

padrão hegemônico. É perceptível padrões de branqueamento ou clareamento das imagens com pessoas negras em todas as capas da revista. Estes padrões estéticos estão condicionados aos homens brancos e às mulheres brancas e, nesse sentido, Carneiro (2011) aborda que o racismo também superlativa os gêneros através de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos, instituindo assim, para os gêneros hegemônicos, padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária.

As questões ligadas à cultura na revista são pouco identificadas, porém, a imagem de mulheres negras vinculadas a momentos de diversão e com assuntos diferenciados denunciam estereótipos de racismo no seu formato cultural de sociedade, onde mulheres negras são vistas, de acordo com Kilomba (2019), como infantilizadas, primitivas, incivilizadas, animalizadas e erotizadas. Além disso, Kilomba (2019) argumenta que estas características fazem parte de um evento discreto e naturalizado dentro da sociedade, a do racismo estrutural. Ou seja, isso faz parte do imaginário social de que mulheres negras são boas para determinadas ocasiões e para outras, não possuem o padrão desejado.

As questões de crimes e violência, assim como as de esporte, estão mais ligadas aos homens. Percebe-se os jogadores de futebol e atletas são representados através de crimes, vinculados a política e à violência. Não foi possível identificar mulheres negras em profissões como as dos homens atletas e jogadoras de futebol, essa profissão não pertence a elas na revista.

Homens negros estavam sendo comparados aos profissionais de países eurocêntricos com atributos de mal comportamento. Almeida (2019) diz que, esta visão é atribuída aos brasileiros por ainda serem identificadas certas características que determinam poder, hierarquia e potencialidades do indivíduo em homens brancos e eurocêntricos. Ainda, para o mesmo autor, o racismo é efetivado através da discriminação racial estruturada, constituindo-se como um processo pelo qual as circunstâncias de privilégios se difundem entre os grupos raciais e se manifestam pelos espaços econômicos, políticos e institucionais. A revista é um local ideológico de política que, afirma isso, sobretudo, quando as circunstâncias estão desfavoráveis ao que se quer apresentar ao leitor como padrão de comportamento. Em algumas ocasiões, existem supressões dos participantes negros e substituições dos nomes por pronomes tais como: ele, ela, quem; ou perguntas ao final do nome gerando incertezas e representações equivocadas da falta da capacidade de pessoas negras em estarem em qualquer cargo a que forem designados (RIBEIRO, 2019).

A revista representa os negros em suas matérias por ênfase de apresentação de rótulos de “pessoa negra”, “periférica”, “pobre” e “humilde”. Esta questão permitiu identificar que pela

revista, as pessoas negras, “são pessoas desprivilegiadas nas relações de poder mantendo assim, um determinado grupo acima dos demais” (ALMEIDA, 2019, p 33).

As relações entre dominados e dominantes após a revolução industrial foram sofrendo mudanças significativas de forma temporal e se desdobraram para outros aspectos dentro de nossa sociedade (MOURA, 2014). Estas mudanças foram muito sentidas nas relações de trabalho, onde os negros e as mulheres negras sofreram com a herança de um trabalho escravo e com concepções de ideologias abolicionistas numa economia em curso e em transformação. A questão de identificar apenas duas mulheres negras consideradas como profissionais dentro do mercado de trabalho remete à tal condição da dificuldade de inserção de mulheres no mercado de trabalho. Os privilégios são das camadas de pessoas brancas para postos de trabalho em hierarquias maiores, e isso ocorre devido ao sistema de inserção de mão de obra de trabalhadores brancos e à extinção do trabalho de negros depois de sua libertação (SANTOS, 1977). Até hoje, é possível identificar como este enfraquecimento do sistema escravagista atinge os negros e cria no mercado de trabalho as mesmas ideias racistas que atribuíam superioridade e inferioridade a diferentes indivíduos por origem e fenótipo (SANTOS, 1977).

As imagens de caricatura e desenhos são utilizadas pela revista para representar alguns participantes. É possível observar este recurso em grande parte das revistas contendo Marina Silva com outras pessoas brancas. Identifica-se, também, o que Spivak (1995:2010) relaciona como uma opressão do sujeito que não pode falar e toda a matéria sobre Marina Silva, argumentavam sobre a origem pobre, humilde e da forma como ela se fazia de vítima em seus discursos com os demais participantes. É possível identificar estas interfaces, como aborda Akotirene (2019), no estudo de mulheres negras como uma forma interseccional. Porém, aos demais candidatos que estavam na matéria com Marina Silva, tais características foram focadas em como eles eram fortes e determinados a dificultar a entrada de Marina Silva nos espaços políticos, identificando-a como uma candidata sem voz ativa, oprimida pelos seus oponentes e silenciada.

Os estereótipos de “lugar de negro”, como aborda Almeida (2019), podem ser observados na revista quando Usain Bolt foi entrevistado. A matéria enfatizou que “na Jamaica é normal ser corredor de maratona” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2489). Ou seja, “toda a Jamaica” compreende um discurso onde Fanon (1967) aborda que “o negro se torna o Outro, numa relação ao qual o eu do branco prevalece em suas relações”. A visão global de que todos os negros correm na Jamaica limitam o jamaicano a ser apenas um corredor de maratona sem outras prioridades ou destinos dentro de seu próprio ambiente. Este ambiente do negro,

representado pelo eu do branco, também pode ser identificado no único médico negro que foi encontrado em toda a revista. Ser médico não é uma função associada aos negros e a capa da revista figura um único médico negro com o rosto “escondido” na imagem. Na matéria, encontram-se apenas pessoas brancas e que estão sendo visualizadas, diferente do médico negro. Como Almeida (2019) relata, isso reflete alguns exemplos de exclusão dos negros em profissões de elite na sociedade. Tal exclusão também é vista em matérias contendo negros com brancos, onde os brancos são sempre em maior quantidade e pessoas negras aparecem sempre suprimidas, no máximo, duas pessoas. Identifica-se, de acordo com Kilomba (2019), que as representações na revista evidenciam o racismo, definindo as diferenças de raça nas imagens, a hierarquização e normalização da prática como sendo algo aceitável no meio social.

As questões de colonialidade são vistas de forma bastante aparente na revista. Desde estereótipos de branqueamento, matérias que falam sobre racismo no Brasil atual com imagens de escravos da década de 1800, clareamento de negros e da exclusão dos mesmos em debates necessários etc. É possível observar que os negros são indivíduos que só possuem poder de fala através de outros brancos e, de preferência, das classes dominantes que estudam este indivíduo (BALLESTRIN, 2013). Vale destacar que a colonialidade observada na revista persiste, mesmo atualmente, como uma racionalidade da modernidade em conceber uma perspectiva racista e meramente europeia como sendo o melhor ideal de padrão de beleza e comportamento (BALLESTRIN, 2013). Como é sabido, esta colonialidade é uma matriz de poder entrelaçada em estruturas complexas. Mignolo (2005) fala sobre este poder nas camadas econômicas, na natureza, no controle de gênero, na sexualidade e no conhecimento, portanto, a revista indica que o controle imposto em suas representações esse dá na manutenção da construção destas diferenças para que cada um esteja dentro de sua dimensão. De acordo com (MIGNOLO, 2005, p 30), “é a tripla dimensão entre poder, do saber e do ser”, ou seja, são estruturas indissociáveis que ainda fazem parte de uma grande fatia na sociedade. Observando a revista com suas representações, é perceptível a existência dos dispositivos de poder pela informação e pela manipulação sutil de determinados grupos em detrimento de outros (MACHIN; MAYR, 2012). De acordo com Grosfoguel (2008), a interpretação que enxerga a Europa como um contêiner no qual todas as características e os traços positivos descritos como modernos se encontrariam no interior da própria Europa, garantem ao colonialismo a condição fundamental de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade. A decolonialidade, de acordo com Ballestrin (2013), busca compreender o mundo através de seus espaços geográficos e quer superar a modernidade eurocêntrica existente nas relações sociais. Identifica-se, na revista, uma

forma de indicar a diversidade a partir de grafites e com desenhos de pessoas diversas — negras, brancas e índios —, porém, no discurso da revista, a matéria é direcionada a um homem branco e as pessoas são descritas apenas como suporte da manutenção de “cores bonitas e desenhos impecáveis” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2562). Portanto, a questão que Dussel (1993) aborda em se libertar de amarras da colonialidade e dos domínios europeus não fazem parte da ideologia da revista como diversidade, pois apresentam pessoas negras apenas como suporte de uma matéria sobre corrupção de pessoas brancas.

Observa-se, sobre os indígenas, que a revista os representa como um povo sem visibilidade. De acordo com Rocha (2006), atualmente, no Brasil, existem casos de pessoas negando parentescos com índios e negros e afirmando sua aproximação com países colonizadores na esperança da crença de uma superioridade do europeu. Obtendo um tom de pele mais clara, os locais de acesso ficam mais fáceis. Com isso, a matéria sobre a Amazônia que aparece na revista evita ao máximo falar sobre os índios, direcionando o olhar para os problemas da população e, ainda, fazendo um discurso que, de acordo com Machin e Mayr (2012), os representa como pessoas suprimidas que devem permanecer em suas tribos. A condição do estudo para o índio é algo que a revista achou relevante informar ao leitor como uma “afronta” o fato do índio querer estudar “[...] Índio quer MBA [...]”, “[...] O único indígena a concluir o ensino médio [...]”, “[...] não satisfeito ainda quer muito mais [...]” (REVISTA VEJA, EDIÇÃO 2130^a).

A revista possui um alto índice de circulação e suas representações são direcionadas a determinados grupos sociais. Identificam-se questões do racismo estrutural como forma de retroalimentar comportamentos de exclusão e diferenças entre gêneros e raças. Essas diferenças incidem na pouca quantidade de representações de pessoas negras na revista onde é possível observar um reflexo do racismo estrutural. As mulheres negras possuem atributos de desigualdade que as inserem no final da pirâmide social e que, de acordo com Almeida (2019), são responsáveis por gerar tensões sociais e falta de visibilidade também em meio social.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa realizou a análise de como pessoas negras são representadas na revista *Veja*. Partiu-se da suposição de que as representações apresentadas na revista e as análises das capas e matérias apresentam o racismo estrutural como justificativa de inserir pessoas negras de forma superficial e reduzida. Nessas representações, a mídia tem procurado se diversificar em diversos aspectos, porém, o que não muda, é a forma como ela reproduz suas ideologias baseadas em estereótipos negativos e espaços cada vez menores em termos de minorias e lutas raciais na sociedade. A revista possui um perfil histórico social inserido na época da ditadura e relacionado a assuntos sobre atualidade e factuais, porém, observa-se uma ideologia política muito forte conflitando com o que perfil histórico informa.

A partir das análises das representações das imagens e matérias da revista, consegue-se identificar atributos a um determinado público que podem influenciar na percepção dos que leem a revista, pois o seu acesso é bem amplo e com grande número de circulação entre diversas classes sociais. Observa-se que a revista não se preocupa com a responsabilidade em debater assuntos sobre pessoas negras relacionando com assuntos sobre manifestações de movimentos feministas negros, interseccionalidade ou diversidades relacionadas a políticas públicas no auxílio da inserção deste grupo em sociedade.

Identifica-se um direcionamento heteronormativo, onde os homens negros são maioria nas representações em relação às mulheres negras, porém, está maior representação está relacionada às questões do esporte, crimes, vítimas, futebol e política, levantando a percepção de que pessoas negras só possuem espaço na revista nestas situações. A revista se posiciona com uma ideologia de inserir os negros em suas representações por traços específicos os caracterizando como negros e utilizando termos que são naturalizados na revista. O espaço reservado às pessoas negras são pequenos e dedicados apenas a alguma função. O que se observa, na verdade, são apenas pessoas não brancas que não possuem nenhum protagonismo para entrar na revista.

Os recursos utilizados pela revista nas representações entre pessoas negras acontece de forma suprimida, dividindo a capa com pessoas brancas. Para tanto, o recurso de branqueamento das imagens de pessoas negras determinam que o padrão mais desejado da revista é a cópia do modelo europeu branco e heteronormativo.

Como processo de consumo, pessoas negras não são percebidas nas representações da revista como consumidores em potencial e, com isso, não é possível identificar como esse público possui acesso à revista, visto que suas representações são limitadas, baseadas em questões profissionais e poucas noções fora desse padrão. Esse entendimento faz com que a representação de pessoas negras e de mulheres negras em negócios, seja de maneira humilde, periférica, por meio de profissões como: cuidadora, higiene e donas do lar. Além disso, esses estereótipos podem apresentar a mulher negra de forma objetificada, erotizada, animalizada, submissas e serviçal.

É sabido que as questões que afetam pessoas negras estão sendo cada vez mais discutidas na sociedade e não verificar tais questionamentos nessas representações informa que a revista não identifica esses assuntos como emergentes. Talvez esse fato seja pelo motivo de, por décadas, a revista se posicionar de forma contrária a estes eventos e possa ter medo de uma possível rejeição de seu antigo mercado, ocasionando a queda de vendas, por exemplo. Porém, sendo uma revista de atualidades, estes assuntos deveriam ser recorrentes nos debates.

Crianças negras possuem suas representações limitadas a crimes, sendo vítimas e servindo de suporte para representações de superação de vida de pessoas negras saindo das zonas comuns de servidão e domesticidade. As crianças representadas como criminosas abrem o debate sobre maioridade penal e enfatizam a necessidade de prender aqueles que não estão nas normas e padrões estabelecidos pelas leis. Porém, há comparativos sobre as leis do Brasil, como sendo lenientes aos dos países desenvolvidos que, no caso da matéria, são Canadá, Estados Unidos, países da Europa e Austrália, mostrando mais uma vez, que o eurocentrismo empregado na revista é local de privilégio e aceitação. Percebendo este cenário, é possível arriscar em dizer que a revista compactua com uma certa colonialidade e segregação social pela forma como se posiciona quando fala por grupos heteronormativos brancos e que garantem o reforço de valores tais como, a força do gênero masculino, a manutenção do negro, das mulheres negras em espaços de pouca representatividade e abusos de poder quando impõe certa dominação no conhecimento que outras pessoas possuem. Estes elementos podem interferir ou até mesmo influenciar de forma muito significativa nas relações sociais em determinados grupos. Estas exclusões ou inclusões em determinados momentos fazem com que a revista de forma seletiva informe isso aos seus leitores. Nesse contexto, quando se faz parte de um grupo de pessoas brancas, estas representações são maiores e mais aceitas do que quando existe algum pertencimento ao grupo de pessoas não brancas na revista.

As representações encontradas na revista estão sempre direcionadas à cultura, esporte, religião, crimes, políticas e vítimas; e as questões de beleza e ciência não estão relacionadas com pessoas negras, apenas as brancas. Esta questão nos informa que pessoas negras e mulheres negras não servem como ponto de partida para debate sobre beleza, mesmo estas sendo consumidoras deste tipo de produto e se utilizando da ciência com remédios e demais inovações. Essa posição da revista apresenta uma postura do padrão mais aceitável por ela, o de pessoas brancas e heteronormativas.

Esta pesquisa não se propôs a estudar a representação da população indígena, porém, não se pode deixar de observar a total exclusão de índios na revista. Com apenas uma capa contendo um menino índio, as representações da matéria dão a entender que índios não possuem lugar de fala e não podem sair de suas “tribos”, atribuindo a eles estereótipos de selvagens.

Percebe-se que a revista possui um grande número de representações no ano de 2014 de pessoas negras. Isso pode estar relacionado ao fato de ter havido alguns debates sobre racismo que foram incorporados no Brasil na década de 2000. Tais debates começaram a surgir de forma mais exponencial e trazendo relatórios e estatísticas que comprovam a discriminação racial de pessoas brancas em pessoas negras. Esse foi um ano, onde os casos de racismo explodiram no futebol e, com isso, podemos dizer que as maiores representações da revista são sobre jogadores de futebol.

Essa pesquisa não realizou um comparativo entre pessoas brancas e pessoas negras nas páginas amarelas da revista ou em qualquer outro local sem que fossem capas e matérias de capa, não verificou as representações sobre indígenas e nem a trajetória ou a forma como a mulher negra insere-se no mercado de trabalho. Porém, deixa estas contribuições como forma de estudos futuros para pesquisadores, acadêmicos, movimentos raciais, sindicatos ou interessados nos debates sobre racismo.

Por fim, ao verificar que as representações de pessoas negras são muito baixas, identifica-se que o debate está apenas começando, o que deixa a sensação de que nada será encerrado por aqui, nem mesmo a literatura, pelas possibilidades de aprofundamento que ela possui. O ideal seria que este assunto não fosse nada relevante na sociedade e que a diversidade, igualdade e inclusão para todos, de fato, fosse possível. Porém, ao analisar as representações da revista nos dias atuais — ano de 2021 —, não se identifica mais nenhuma representação de pessoas negras no repositório da revista *Veja*. Mesmo quando observa-se diversas mudanças e cobranças por uma sociedade mais igualitária para pessoas negras, é possível identificar que negros não são sujeitos relevantes para a revista *Veja*.

REFERÊNCIAS

- _____: A história secreta de Veja”. **Revista Imprensa**, setembro de 1988. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24198/29059>. Acesso em 16/078/2021.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**, São Paulo: Pólen, 2019, 152.p.
- ALCADIPANI, R; ROSA, A, R. From global management to glocal management: Latin American perspectives as a counter-dominant management epistemology. **Canadian Journal of Administrative Sciences/Revue Canadienne des Sciences de l'Administration**, v. 28, n. 4, p. 453-466, 2011.
- ALMEIDA, S, de L. **Racismo estrutural**, São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, 264.p. (Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**, v. 2, p. 227-266. São Paulo: Atlas, 1998.
- ARAÚJO, J, Z, A. A negação do Brasil: identidade racial e estereótipos sobre o negro na história brasileira. 1999. (**Tese Doutorado em Ciências da Comunicação**) - Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 1999.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11. P.89-113, 2013.
- BELLO, E. O pensamento descolonial e o modelo de cidadania no novo consitucionalismo latinoamericano. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)** v.7, n.1, p.49-61, 2015.
- BENTO, M, A, S. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Estudos feministas, 3 (2),479488. 1995.
- BHABHA, H, K. **The location of culture**. London/New York: Routledge. 2012.
- CÁLAS, B.; SMIRCICH, L. From “the woman’s” point of view: feminist approaches to organizations studies. In: CLEGG, S. et al. **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996.
- CALÁS, M; SMIRCICH, L; NKOMO, S, M; COX, JR, T. Critical management and organizational history. In: ALVESSON, M.; BRIDGMAN, T.; WILLMOTT, H. (Org.). **The Oxford handbook of critical management studies**. Oxford: Oxford University Press, 2009. 286-303 p.
- CALDAS, M; FACHIN, FACHIN, T, R; HARDY, C; NORD, W, R. Abordagens feministas em estudos organizacionais. **Handbook de Estudos organizacionais**, (1ª edição, 6ª reimpressão). São Paulo, Atlas. 2012.

CAPPELLE, M, C, A; M, G, S de M; M, C, O, de L; BRITO, M, J, M. A representação feminina na mídia de negócios: um Estudo com duas revistas populares especializadas em gestão. **Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração**, Atibaia, SP, Brasil, 27. 2003.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. v.17, n. 49, 2003.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Hipocrisia brasileira com relação aos afrodescendentes**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/racismo-sexismo-e-desigualdade-no-brasil> em 14/06/2011. Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

CARRIERI, A. P.; DINIZ, A. P. R.; SOUZA, E. M.; MENEZES, R. S. S. Gender and word: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. **Brazilian Administration Review**. Curitiba, v. 10, n. 3, p. 281-303, July/Sep. 2013.

CIVITA, V. “**Carta do Editor**”. Veja, nº 1, setembro de 1968. <https://www.google.com/search?q=VEJA%3A+Retrospectiva+de+%C2%BC+de+s%C3%A9culo%E2%80%9D.+In%3A+Veja%2C+edi%C3%A7%C3%A3o+1311&oq=VEJA%3A+Retrospectiva+de+%C2%BC+de+s%C3%A9culo%E2%80%9D.+In%3A+Veja%2C+edi%C3%A7%C3%A3o+1311&aqs=chrome..69i57j69i58.723j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 20/01/2020.

COLLINS, P.H. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. Nova York: Routledge, 2000.

CORONIL, F. Natureza do pós colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. pp.50-62.

COSTA, A. S. M. Convergências, divergências e silêncios: o discurso contemporâneo sobre o empreendedorismo nas empresas juniores e na mídia de negócios / Alessandra de Sá Mello da Costa. – 2010. 286 f. **Tese (doutorado)** - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

COSTA, A.S.M.; PESSÔA, L.A.G.P. História e memória no discurso publicitário na revista Veja. **RPCA**. Rio de Janeiro, v. 10, nº 1, jan./mar. 2016. 19-35.

COSTA, B, J. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona. Civitas - **Revista De Ciências Sociais**, 16(3), 504-521. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>. 1967.

CRENSHAW. K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n.1. p171-188, jan. 2002.

CUNLIFFE, A, L. **A very short, fairly interesting and reasonably cheap book about management**. 2ºed.), SAGE: Los Angeles, 2014, p.26.

DINIZ, A, P, R. Mulheres gerenciáveis? uma análise dos discursos sobre as mulheres na revista Exame / Ana Paula Rodrigues Diniz. - 2012 147 f., enc.: il. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.

DAVEL, E., ALCADIPANI, R. (2013). Estudos Críticos em Administração: a Produção Científica Brasileira nos Anos 1990. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, 43(4), 72-85.

DUSSEL, E. 1492: O encobrimento do outro, a origem do mito da modernidade. **Conferências de Frankfurt**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. **Europa, modernidad y eurocentrismo**. México: Editorial Trotta, 1993.

DIJK V, T A. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. Van Dijk (2015),

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I.; TONON, L. O corpo em revista: análise da apresentação do corpo em uma revista popular de negócios. **In: ENCONTRO DA ANPAD**, 31. Rio de Janeiro, 2007. Anais..., Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de outro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula rasa** [online], n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/396/39600104.pdf>. Acesso em: maio de 2019.

ESPINOSA-MIÑOSO, Y. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. **El Cotidiano**, Março-Abril, 2014.

ETHOS. Profissionais negras demandam mais políticas afirmativas no mercado corporativo brasileiro. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/cedoc/profissionais-negras-demandam-mais-politicas-afirmativas-no-mercado-corporativo-brasileiro>. Acesso em 09/01/2020.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967. v. 42

FARIA, S, de G, SIBELE. Um estudo longitudinal das representações dos afrodescendentes em propagandas impressas -1980-2010. Universidade Nove de Julho. Programa de Pós Graduação em Administração. São Paulo. 2011. Dissertação.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, B, K. Um guia para a análise crítica multimodal. **Galáxia** (São Paulo) nº.41 São Paulo May/Aug. 1978.

FERREIRA, A, A, C; NUNES, C, S (2019, outubro). Mulheres Negras no Mercado de Trabalho: Interseccionalidade entre Gênero, Raça e Classe Social. **XLIII Encontro da ANPAD – EnANPAD**. 2019.

FIGUEIREDO, Â; GROSGUÉL, R. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Revista Sociedade e Cultura**, n. 12, n. 2, 18 mar. 2011, p. 223-234.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, nov., 2001, p. 197-223.

FONSECA, F. A Grande imprensa e a constituição da agenda ultraliberal na Nova República. Estudos Históricos. **CPDOC/FGV**, n. 31, 2003.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda., 1933.

GAULEJAC, V. **Gestão como Doença Social**. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

GOMES, M, de C. **Gênero como categoria de análise decolonial**. Civitas. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2018.

GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SOUZA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul, [orgs]**. São Paulo: Cortez, 2010.

GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]**, v. 80, 2008. Acesso em: 06 de fevereiro 2020.

HILL, P, C. "**Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013. Em inglês, *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social: **Revista de Sociologia da USP**, v.26, n. 1, p.61-73, 2014.

HIRATA, H; KERGOAT, D. "La classe ouvrière a deux sexes". *Politis - La Revue*, 4: 55-58. [Em português, "A classe trabalhadora tem dois sexos", **Estudos Feministas**, v.2, n. 3, p.93-100, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça. Estatísticas de Gênero. Estudos e Pesquisas**, 33, Rio Janeiro. IBGE. 2018.

IZQUIERDO, M, J. **Uso y abuso del concepto de género**. In. VILANOVA, M. (Org.). *Pensar las diferencias*. Barcelona: Universitat de Barcelona/ICD, 1994.

KASSARJIAN, H, H. Content analysis in consumer research. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 4, n. 1, p. 8-18, 1977.

KERGOAT, D. (2010, março). **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. *Novos Estudos Cebrap*, 86, 93-103.

KERGOAT, D. (2016). **O cuidado e a imbricação das relações sociais**. Org. Abreu, Alice R.P., Hirata, Helena & Lombardi, Maria R. *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais*. Tradução Carol de Paula, São Paulo: Bontempo.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244p.

LAGE, M, L, C; DESOUZA, E, M. (2017, dezembro). Da Cabeça aos pés: racismo e sexismo no Ambiente Organizacional. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, 11 (Ed.Esp), 55-72.

LAKATOS, E, M; MARCONI, M, de A. **Metodologia do trabalho científico**. SP:Atlas, 1991.

LIMA S. **Jornais no Brasil perdem tiragem impressa e venda digital ainda é modesta**. Disponível em: https://www.abemo.org/index.php/abemo_noticias/noticia/940. Acesso em 10/01/2020.

LOURO, G.L. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. **In: CATANI, D. et al. (Org.). Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

MALDONADO, T, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007.

MACHIN, D; MAYR, A. **How to do critical discourse analysis**. London: SAGE Publications, 2012.

MAMA, A. Conhecimento, cultura e identidade. **In: Sociedade do conhecimento versus economia de conhecimento: conhecimento, poder e política**. Brasília, DF: UNESCO, SESI, 2005.

MARCONDES, M, M; PINHEIRO, L; QUEIROZ, C; QUERINO, A, C; VALVERDE, D. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: IPEA. 2013.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MIGNOLO, D, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005. pp.187-202.

MIGNOLO, D. W. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, D. W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: maio de 2019.

MORAES, R. B. de S. Mídias de Negócio: com quem falam? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2008.

ORTEGAL, L. Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora. **Serviço Social & Sociedade**., São Paulo, n. 133, p. 413-431, dez. 2018. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.151>.

POR REDAÇÃO: **Os 50 anos de Veja: uma linha do tempo**. Da fundação à era digital, fatos que marcaram a história da revista. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo>. Acesso em 10/01/2021.

PORTAL IMPRENSA. Estadão assume liderança de ranking de jornais impressos com maior tiragem, diz IVC. https://www.abemo.org/index.php/abemo_noticias/noticia/1086. Acesso em 20/06/2021.

QUIJANO, A. ¡Qué tal raza! **Revista del CESLA**, [S.l.], n. 1, p. 192-200, nov. 2000. Disponível em: <http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/379>. Acesso em: 27/02/2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUZA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul** [orgs]. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005.

RAMOS, G. O Personalismo Negro. **Tempo Sociedade**. v.18, n.2, Nov. 2006.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamilá. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, E. P. Antes índio que negro. **Dimensões - Revista de História da UFES**, n. 18, p. 203-220, out. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2444/1940>. Acesso em: 27/02/2020.

SACCHITIELLO, B. **Circulação dos maiores jornais do país cresce em 2019**. <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>. Acesso em 17/07/2021.

SANTOS, S, A dos. A formação do mercado de trabalho livre em São Paulo. Tensões raciais e marginalização social. Brasília. UnB. Departamento de Sociologia, **dissertação mestrado**, março de 1977.

SCOTT, J, W. Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, 71–99. 1995.

SCOTT, J. W. **Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista**. Debate Feminista. São Paulo: Melhoramentos, 1999. p. 203-222.

SEGATO, R. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. E-Cadernos CES, Coimbra, 2012.

SOLER, J, C, V. **La perspectiva decolonial y sus posibles contribuciones a La construcción de Otra economía**. Otra Economía, v.3, n.4, p.46-65, 2009.

SOUZA, U, A. A história secreta de Veja. **Revista Imprensa**. São Paulo, 1988.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG. [1995] 2010.

TEIXEIRA, J. C.; PERDIGÃO, D. A.; CARRIERI, A. P. O discurso gerencialista e a construção de ideais estéticos femininos e masculinos. Farol – **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 385-436, ago. 2016.

THIOLLENT, M. Estudos Organizacionais: Possível Quadro Referencial e Interfaces. **RBE0**, v.1, n.1, jan.-jul. 2014.

TONON, L.; GRISCI, C. L. I. Gestão gerencialista e estilos de vida de executivo. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 15-39, jan./fev. 2015.

“VEJA: **Retrospectiva de ¼ de século**”. In: Veja, edição 1311. <https://www.google.com/search?q=VEJA%3A+Retrospectiva+de+%C2%BC+de+s%C3%A9culo%E2%80%9D.+In%3A+Veja%2C+edi%C3%A7%C3%A3o+1311&oq=VEJA%3A+Retrospectiva+de+%C2%BC+de+s%C3%A9culo%E2%80%9D.+In%3A+Veja%2C+edi%C3%A7%C3%A3o+1311&aqs=chrome..69i57j69i58.723j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 20/01/2020.

VILLALTA, D. O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

WOOD JR. T.; PAULA, A. P. P. Pop-management: pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil. In: Encontro Da Associação Nacional De Pós-Graduação Em Administração - ENANPAD, 26, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002. 1CD-ROM.